

ENTRE NÓS E O FIM



Vitor Alves Felismino



– Capítulo Um –

Onde Está o Dr. Harlow?

“No início, houve uma ruptura. A Terra, velha e cansada, finalmente cedeu. Fendas abriram-se no solo, engolindo cidades inteiras. O céu queimou em vermelho, como se o próprio sol estivesse sangrando. E então, veio a praga. Não como um aviso, mas como uma sentença. Corpos que antes respiravam esperança, agora arrastavam-se sem alma, deformados, famintos. Os Vermes nasceram do que restou de nós.

Mas a Terra não se contentou em só nos destruir. Ela quis nos quebrar. Dias se tornaram minutos, anos passaram em segundos. Cada passo, cada respiração, uma luta contra a própria realidade.

O que sobrou, se espalhou.

Este mundo não é mais nosso. É uma sombra do que já foi, retalhado e costurado com a dor daqueles que se foram. Mas ainda caminhamos, não por esperança, mas por necessidade. Porque parar significa ser consumido. E aqui, ninguém quer ser lembrado como mais um fragmento perdido na terra quebrada. O mundo desmoronou.” - Dr. Alden Sykes, um dos poucos cientistas que sobreviveram à primeira onda de destruição

A noite havia caído com uma quietude opressiva, quebrada apenas pelo som do vento sussurrando através das árvores. Jim Carter estava no meio da floresta, a lua pálida refletindo no aço frio da lâmina em sua mão. Três homens amarrados a uma árvore, seus rostos sujos e aterrorizados, eram os únicos outros habitantes daquele espaço sombrio.

Jim se aproximou, sua expressão era a de um homem endurecido pela necessidade. Ele se agachou, fitando o homem no centro, cujo medo era palpável.

— Vou perguntar de novo — disse Jim, sua voz baixa e carregada de um tom ameaçador. — Onde fica a base rebelde do Dr. Harlow?

O homem, com um olhar desafiador, respondeu com uma voz rouca e tremendo.

— Nós não sabemos... só sabemos que ele está por aí, mas não sabemos onde.

Jim fechou os olhos por um breve momento, sua mão firme ao segurar a faca. Ele puxou o homem mais perto, a lâmina reluzindo na luz da lua. O grito de dor que se seguiu foi ensurdecedor, mas Jim continuava impassível, os olhos focados na tarefa diante dele. A faca cortava e girava com precisão, cada movimento projetado para extrair a informação que ele precisava.

Os outros dois homens assistiam, seus olhos arregalados em puro terror. Um deles tentou falar, suas palavras embargadas de medo.

— Por favor, não faça isso... nós... não sabemos... — suas palavras eram desesperadas.

Mas a resposta não era o que Jim procurava. Ele continuou, a tortura metódica e calculada. Quando percebeu que não havia mais informações a serem obtidas, o trabalho foi concluído. Jim olhou para os corpos caídos, um olhar impassível enquanto limpava a lâmina na roupa do homem que acabara de torturar. O ato de misericórdia já não fazia parte do seu mundo.

Jim dirigiu-se para o esconderijo, uma antiga loja de brinquedos abandonada chamada Toy's Brand. Ao entrar, foi recebido por uma visão familiar e reconfortante: as prateleiras cobertas de poeira e os brinquedos quebrados, agora servindo como o abrigo mais seguro que podiam encontrar. A loja estava silenciosa, exceto pelo som suave dos passos de Emma se aproximando.

— Pai! — Emma gritou, correndo até ele com um sorriso no rosto. Mesmo com sua saúde fragilizada e a fraqueza visível em seus movimentos, a luz em seus olhos nunca parecia diminuir. Ela estendia os braços para um abraço.

Jim a envolveu em seus braços, sua expressão dura suavizando-se em um gesto de puro amor. Ele a levantou no colo, sentindo o peso dela, mas também o calor e a vida que ela ainda trazia.

— Olá, minha princesa. — A voz de Jim, normalmente fria e implacável, era agora suave e carinhosa. — Como foi o seu dia?

— Bom! — Emma respondeu com entusiasmo, ainda no colo do pai. — Brinquei com a nova boneca que você trouxe ontem. Ela vai ser a nova rainha do nosso reino.

Jim sorriu, colocando-a de volta no chão. Ele tirou um pacote pequeno da mochila, revelando uma boneca velha, com um braço faltando e o cabelo despenteado.

— Achei essa mocinha por aí. Ela precisa de uma nova casa. — Ele entregou a boneca para Emma, que a pegou com um olhar encantado.

— Ela parece uma guerreira! — Emma disse, olhando para a boneca com admiração. — Vai lutar contra os monstros que querem invadir nosso reino!

Jim riu, um som raro em sua vida atual, e se juntou ao jogo, encenando uma batalha épica entre a boneca guerreira e inimigos invisíveis. Emma riu com alegria, o som cheio de vida e esperança, um contraste marcante com o mundo sombrio que os cercava.

Enquanto eles conversam, Mark entrou apressado, a preocupação estampada em seu rosto.

— Jim, temos que conversar — disse Mark, sua voz carregada de urgência.

Jim se levantou, sua postura endurecendo instantaneamente. — O que aconteceu?

Mark se aproximou, seu rosto pálido à luz fraca da loja.

— Descobri onde fica a base rebelde com o Dr. Harlow. Fica no antigo campo de mineração, perto da fronteira com Montana. Mas temos um problema sério.

Jim franziu a testa, preocupações se formando em sua mente.

— Que problema?

— Os Portadores da Chama, outro grupo rebelde, entraram em guerra com os militares. Eles fecharam todas as passagens seguras. Se não sairmos agora, não teremos outra chance de chegar lá — explicou Mark, sua voz apressada.

Jim olhou para Emma, que estava observando a conversa com um olhar curioso e um pouco confuso. Ele sabia que a jornada seria difícil, especialmente com a condição de Emma. Mas a esperança de encontrar o Dr. Harlow era a única coisa que mantinha a luz viva em seus olhos.

— Querida, precisamos ir agora — disse Jim, seu tom suave, mas firme.

Emma olhou para ele, seu olhar determinado.

— Eu estou pronta, pai. Vamos encontrar o médico e salvar o dia.

Jim sorriu para ela, um sorriso triste e cheio de amor, antes de se voltar para Mark.

— Vamos sair agora. A noite está avançando, e temos uma longa estrada pela frente.

Jim começou a agir rapidamente, seu corpo movendo-se com a eficiência de alguém acostumado a enfrentar o perigo. Mas, mesmo na pressa, ele nunca deixava de lado o cuidado e a atenção para com Emma. Cada gesto era calculado para garantir que ela estivesse segura e confortável. Ele verificou a mochila dela, certificando-se de que tinha água, comida e as poucas roupas que ainda serviam em seu corpo magro. Ele notou o cansaço em seus olhos, mas sabia que ela era forte— mais forte do que ele jamais poderia imaginar.

— Está frio lá fora. Vista isso. — Jim tirou um casaco pesado e o colocou sobre os ombros de Emma, puxando o zíper até o topo, de forma protetora. Ele ajeitou o capuz, cobrindo sua cabeça para protegê-la do vento cortante que uivava do lado de fora.

Emma olhou para ele e sorriu, um sorriso que lembrava tanto sua mãe. Uma pontada de dor atravessou o peito de Jim, mas ele a escondeu bem fundo, onde Emma não podia ver. Às vezes, era difícil olhar para ela e não pensar na mulher que ele havia perdido. Sarah tinha morrido no dia da queda—o dia em que o mundo se desfez em caos. Ela havia dado à luz Emma naquele mesmo dia, sacrificando sua vida para trazer sua filha ao mundo. O dia em que os Vermes emergiram e transformaram a civilização em ruínas foi também o dia em que Jim perdeu o amor de sua vida.

Ele sempre se perguntava como seria a vida se Sarah estivesse ali com eles. Sarah, com sua risada fácil e seu jeito de tornar tudo mais leve, até mesmo nos momentos mais difíceis. Mas agora, tudo o que restava era a memória dela e a missão de proteger a filha que eles haviam trazido ao mundo juntos.

— Está confortável? — Jim perguntou a Emma, tentando esconder a dor em sua voz.

— Sim, estou bem, papai — respondeu Emma, dando-lhe um sorriso tranquilizador. Ela se aproximou, estendendo a mão para segurar a dele.

Jim apertou sua mão com firmeza, sentindo o calor da pequena palma contra a sua. O toque de Emma sempre o lembrava do motivo pelo qual ele continuava lutando. O mundo podia ter caído em pedaços, mas ele ainda tinha Emma. E enquanto ela estivesse ao seu lado, ele faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Mark, observando a interação entre pai e filha, mantinha-se silencioso, compreendendo o vínculo que os unia. Ele sabia que Jim estava sempre equilibrando a brutalidade necessária para sobreviver com a ternura de ser um pai amoroso.

— Vamos, Mark, o tempo está contra nós. — Jim voltou sua atenção para o amigo, pronto para sair.

— Tem certeza de que Emma pode aguentar essa viagem? — Mark perguntou, preocupado. Ele sabia que a saúde dela era delicada.

Jim parou por um momento, o olhar fixo em sua filha, que estava distraída guardando seus pertences na mochila. Ele sabia que a jornada seria exaustiva para ela, mas também sabia que não tinham outra opção. Cada segundo contava, e ficar para trás não era uma opção.

— Ela é mais forte do que parece. E precisamos do Dr. Harlow. É a única chance que temos. — A determinação na voz de Jim era inabalável.

Emma, percebendo o olhar preocupado de Jim, foi até ele com algo em mãos. Era o violão. Ela o segurava como se fosse um tesouro, e Jim sabia o quanto aquele instrumento significava para ela. Ele havia tocado tantas vezes para Sarah durante a gravidez, e depois para Emma, nas noites em que ela não conseguia dormir. Aquele violão era uma parte da alma de sua família.

— Pai, você pode guardar isso? — Emma perguntou, estendendo o violão para ele.

Jim pegou o violão e o guardou cuidadosamente na mochila, certificando-se de que estava protegido. Ele sabia que, para Emma, aquele violão era mais do que um instrumento. Era uma ligação com a mãe que ela nunca conheceu, mas que ainda vivia nas canções que Jim tocava para ela.

— Vou cuidar bem dele, querida. — Jim prometeu, antes de fechar a mochila.

Jim respirou fundo, ajustando a mochila nas costas. A loja de brinquedos abandonada, com suas prateleiras empoeiradas e brinquedos esquecidos, ainda exalava uma estranha sensação de nostalgia, como se as paredes guardassem ecos distantes de risos infantis. Mas para Jim, aquele lugar era apenas uma breve pausa em uma jornada implacável.

Ele olhou para Emma, que estava ao seu lado, a mãozinha segurando firme a sua. Mesmo depois de tantos anos, Jim não conseguia evitar sentir uma onda de preocupação sempre que via sua filha frágil e tão cheia de vida ao mesmo tempo. Ela estava distraída, segurando sua boneca de pano velha e encardida com carinho. Ele sabia o quanto aquela boneca significava para Emma — uma conexão com o passado, com a mãe que ela nunca conheceu.

— Pronta para ir, querida? — perguntou Jim, sua voz suave.

Emma assentiu, seu rosto iluminado por um sorriso determinado. Jim retribuiu o sorriso, embora por dentro seu coração estivesse apertado. A jornada seria árdua, especialmente para ela. Mas ele não tinha outra escolha.

— Mark, estamos prontos. — Jim virou-se para o amigo, que aguardava próximo à entrada traseira da loja, uma porta de metal que levava aos antigos esgotos da cidade.

Mark olhou para eles, a tensão visível em seus olhos.

— Temos que nos mover rapidamente. As grades da porta Leste são a nossa melhor chance de evitar os Vermes nos esgotos, mas não é seguro ficar parado por muito tempo.

Jim apenas assentiu, apertando a mão de Emma um pouco mais forte. Ele sabia o que vinha pela frente. Esgotos escuros e fétidos, ruínas de prédios que outrora foram marcos da civilização, agora destruídos e infestados por horrores indescritíveis.

– Capítulo Dois –

Entre Fendas e Vermes

A chuva caía incessante, seus pingos se tornando uma cortina fria e pesada que obscurecia a visão de Jim, Emma e Mark. Eles saíram da Toy's Brand, suas silhuetas se desfocando na escuridão da noite. Jim observava a chuva tamborilar contra a sua pele, seu coração apertado com o peso da responsabilidade que carregava.

— Jim! — gritava Mark, lutando contra o alto som da chuva — Temos que atravessar essa grade, para a porta Leste!

Um trovão rasgou os céus, clareando a noite e a expressão de pânico da pequena Emma, que colocou as mãos em seus ouvidos, com medo.

— Não podemos! — gritava Jim, cobrindo sua filha, e abafando os sons externos para acalma-la — Esta muito forte a chuva, melhor pelos esgotos mesmo.

— É arriscado — outro trovão cortou os céus — e se tiver Vermes... ou pior... se tiver militares do outro lado. Conheço milicianos na fronteira, me disseram que aqui é um posto deles.

Jim, com um olhar serio se virou para sua pequena Emma, e decidiu.

— Minha princesa — tentava dizer com a voz calma — Lembra quando o papai disse sobre ser corajosa?

Ela balançou a cabeça em concordância, com os olhos marejados em lágrimas que se misturavam com gotas de chuva.

— Então... acha que consegue ser corajosa? — novamente ela concordou, sendo acompanhada por um largo sorriso de Jim — Está decidido, Mark! Vamos por baixo.

— Está certo, eu vou por cima, e tento limpar a área mais a frente para vocês.

Jim concordou, e partiu com sua pequena para a abertura no chão que levava a uma cadeia de esgotos.

A entrada dos esgotos estava diante deles, uma abertura sombria e convidativa, que parecia engolir a luz da lanterna. A atmosfera era impregnada por um odor putrido que fazia Jim franzir o nariz. Esse cheiro era uma constante lembrança do mundo desmoronado em que viviam. Ele sabia que a única maneira de alcançar a base rebelde era por essas passagens úmidas e infestadas, onde a própria natureza parecia se unir contra eles.

Emma estava com a máscara de gás presa ao rosto, mas Jim não pôde deixar de notar que ela estava muito magra. A máscara balançava instável, quase caindo. Ele se agachou para ajustar a alça, o olhar de preocupação em seus olhos.

— Emma, segura firme a máscara, está bom?

Não deixe ela escapar. - disse Jim, sua voz tensa.

Emma tentou sorrir, mas a máscara dificultava um pouco a expressão.

— Está tudo bem, papai. Só quero sair daqui logo.

Jim ajustou a máscara dela, tentando mantê-la no lugar. Cada movimento era cuidadoso, mas também revelava a ansiedade que ele tentava esconder. Ele sabia que, se a máscara falhasse, a substância tóxica no ar poderia transformá-la em um dos monstros que ele mais temia.

Os dois desceram pelas passagens, a água dos esgotos formando poças profundas que faziam os passos ecoarem de maneira nauseante. A cada passo, nuvens de uma substância venenosa pairavam no ar, uma neblina que prometia a loucura e a transformação para aqueles que a inalassem.

Era essa mesma substância que criava os

Vermes, criaturas de pesadelo que atormentavam os últimos vestígios da humanidade.

Os Vermes, como Jim e Emma chamavam os infectados, eram uma visão horrenda. A maioria deles tinha pele esfolada, uma mistura de carne necrosada e tendões expostos que pareciam estar em um estado avançado de decomposição. Seus corpos eram uma grotesca colagem de feridas e podridão, com partes do rosto inchadas e deformadas que exalavam um cheiro insuportável. Seus olhos, quando ainda visíveis, eram apenas órbitas vazias ou olhos opacos e inexpressivos, e suas bocas-se ainda podiam ser chamadas assim-eram fissuras grotescas, onde dentes afiados e irregulares se projetavam. O som que produziam era uma mistura de gemidos e rugidos baixos, um eco do tormento que eles viviam.

Enquanto caminhavam, Jim tentava manter Emma distraída. Ele sabia que a visão das criaturas poderia ser traumatizante para ela.

Ele olhou para a frente, tentando manter a mente focada apenas na segurança deles.

— Olha, Emma, veja só! — disse Jim, tentando mudar de assunto enquanto apontava para uma formação de estalactites que se formavam no teto úmido dos esgotos.

— Essas são como as cavernas que a gente viu naquela escola, lembra?

Emma olhou curiosa, seus olhos brilhando por um breve momento de fascínio, apesar da situação.

— É verdade, papai. Parece mesmo uma caverna de verdade.

Jim sorriu, aliviado por ela estar se distraindo. No entanto, a sua mente estava atenta a qualquer sinal de perigo. Com a lanterna balançando pela passagem estreita e escura, ele escutava qualquer ruído suspeito com atenção aguçada.

De repente, um som de rasgo e uma sombra se movendo rapidamente chamou sua atenção. Um grupo de Vermes apareceu diante deles, avançando com passos arrastados e horríveis. O coração de Jim disparou. Ele precisava agir rápido para proteger Emma.

— Emma, fique atrás de mim e não se mexa! — ordenou Jim, puxando uma arma de sua mochila e disparando contra o primeiro Vermes. O tiro ecoou pelos corredores estreitos, seguido pelo som molhado de carne sendo atravessada. Ele se movia com precisão, cada tiro destinado a neutralizar um inimigo antes que pudesse chegar perto.

A chuva de balas e o eco das explosões misturavam-se com os gritos e gemidos dos Vermes, criando um ambiente caótico e aterrorizante. Jim mantinha-se em movimento, seu olhar fixo na filha e seu corpo respondendo a cada ameaça com um controle metódico. Ele desviava a atenção dos Vermes, mantendo-os longe de Emma enquanto ela estava em um canto, protegida e assustada.

Finalmente, após a última das criaturas ser abatida, Jim voltou-se para Emma, que estava tremendo, os olhos arregalados com o medo.

— Está tudo bem, Emma. Estão todos mortos. — disse ele, seu tom suavizando enquanto se aproximava dela.

Ela levantou os olhos, suas lágrimas misturadas com a água da chuva.

— Eu tive medo, papai. Eles eram horríveis.

Jim a abraçou, o peso da responsabilidade sobre seus ombros nunca parecer tão pesado.

— Eu sei, querida. Mas estamos juntos, e eu vou te proteger.

— Pra sempre, papai?

Com um olhar firme e uma expressão firme.

— Pra sempre... eu prometo, querida.

Com um último olhar para os corpos caídos dos Vermes, Jim pegou Emma pela mão e continuou a caminhada pelos esgotos. O cheiro e a podridão eram quase insuportáveis, mas eles tinham um objetivo.

A esperança de encontrar o Dr. Harlow era o que mantinha Jim em movimento, uma centelha de esperança em um mundo que parecia cada vez mais escuro. Jim e Emma caminhavam cautelosamente pelos túneis escuros e claustrofóbicos, com o cheiro de mofo e decomposição impregnando o ar. As passagens, antes projetadas para conduzir as águas da cidade, agora serviam como um labirinto de perigos e armadilhas. A luz fraca da lanterna na mão de Jim mal conseguia cortar a escuridão ao redor, revelando paredes úmidas e escorridas, cobertas de lodo e fungos estranhos. O som de gotas caindo na água turva ecoava por todo o túnel, criando uma atmosfera de tensão constante.

Jim olhava para Emma a cada poucos passos, preocupado com a máscara de gás que ela usava. O elástico da máscara estava frouxo em seu rosto magro, e ele não conseguia deixar de se preocupar que ela pudesse cair a qualquer momento. A visão de sua filha tão frágil e vulnerável apertava seu coração, mas ele sabia que não podiam parar agora.

— Papai, estamos quase lá? — perguntou Emma, sua voz abafada pela máscara.

— Quase, querida. Fique perto de mim, não solte minha mão, certo? — respondeu Jim, tentando manter a calma na voz, embora a ansiedade começasse a crescer dentro dele.

Emma segurou a mão do pai com mais força, sua pequena figura caminhando ao lado dele, tentando manter o ritmo. Mas, de repente, ela soltou da mão dele e começou a se afastar em direção a algo que havia chamado sua atenção. Um brilho pálido vinha de um barril enferrujado ao longe, atraindo a curiosidade de Emma.

— EMMA! — gritou Jim, seu coração disparando enquanto corria atrás dela.

Emma se virou, assustada com o tom urgente na voz do pai, mas antes que ela pudesse reagir, algo emergiu das sombras atrás do barril. Uma criatura deformada, grotesca, com a pele cheia de bolhas e pústulas inchadas que pareciam prestes a estourar. Seus olhos, ou o que restava deles, eram opacos, envoltos em carne podre, e uma boca larga cheia de dentes quebrados se abria em um sorriso macabro. O cheiro que emanava dela era nauseante, um misto de carne em decomposição e bile.

Jim alcançou Emma no instante em que a criatura avançou, empurrando sua filha para trás e interpondo-se entre ela e o monstro. O "Verme", como os sobreviventes os chamavam, emitia um som gorgolejante, um ruído úmido que fazia o estômago de Jim revirar. A criatura avançou, suas mandíbulas estalando, dentes amarelados à mostra, prontos para arrancar um pedaço de Jim.

Com uma explosão de adrenalina, Jim acertou um soco direto no rosto da criatura.

Sua mão afundou na carne podre, e o Verme cambaleou para trás, emitindo um grito gutural, misto de dor e fúria. Jim, sem hesitar, puxou sua arma e mirou na cabeça da criatura. Mas, ao apertar o gatilho, o som seco do percussor ecoou pelo túnel — a arma estava sem munição.

— Droga! — Jim praguejou entre dentes, o pânico crescendo em seu peito.

Ele agarrou Emma pela mão e começou a correr, puxando-a com toda a força que tinha. Atrás deles, o Verme soltou um grito estridente e sobrenatural, um chamado que reverberou por todo o sistema de túneis. O som era angustiante, penetrante, e parecia convocar algo muito pior.

Quase imediatamente, Jim ouviu ruídos vindos de todas as direções - arranhões, passos arrastados, gemidos e grunhidos macabros. Vermes, dezenas deles, começaram a emergir das sombras, saindo de fendas nas paredes, buracos no chão e até do teto, seus corpos deformados e cheios de feridas pulsantes movendo-se com uma agilidade assustadora.

A corrida se tornou uma luta desesperada pela sobrevivência. Jim não olhava para trás; ele só se preocupava em manter Emma segura, seus pensamentos focados apenas em tirá-

la dali viva. Cada curva do túnel parecia mais estreita, o ar mais denso, como se o próprio ambiente estivesse conspirando contra eles.

— Papai, eles estão chegando! — gritou Emma, sua voz trêmula de medo.

Jim sentia o suor escorrendo por sua testa, a respiração ficando cada vez mais difícil. Seus pés quase escorregavam nas superfícies úmidas enquanto ele puxava Emma atrás de si. A escuridão parecia estar fechando ao redor deles, e o som dos Vermes se aproximando aumentava, seus gritos penetrantes fazendo o coração de Jim martelar no peito.

Cada passo era uma batalha contra o desespero. Jim sabia que eles não podiam parar, que uma única hesitação significaria o fim. Emma tropeçou, quase caindo, mas Jim a puxou para cima, sem reduzir o ritmo. Ele a segurava com força, sentindo o peso da responsabilidade esmagando seus ombros.

Então, no fim do túnel, uma luz apareceu. Era fraca, tremeluzente, mas suficiente para trazer uma faísca de esperança. E, junto com a luz, veio uma voz — familiar, firme, desesperada.

— Jim! Por aqui! — Mark surgiu à frente, sua silhueta recortada contra a luz. Ele estava de pé, uma arma nas mãos, disparando contra os Vermes que surgiam da escuridão.

Jim e Emma correram em direção a ele, com a horda de Vermes atrás, ganhando terreno a cada segundo. Mark mantinha a calma, cada disparo preciso, derrubando as criaturas uma a uma. Mas a horda era grande, e parecia não ter fim.

— Vamos, rápido! — gritou Mark, recarregando a arma enquanto cobria a fuga deles.

Jim alcançou Mark, empurrando Emma para a segurança atrás dele. Ele pegou a arma de Mark por um segundo, ajudando a derrubar mais alguns Vermes que avançavam, antes de entregá-la de volta. Mark atirava sem parar, o suor escorrendo pelo rosto enquanto tentava ganhar tempo para que Jim e Emma pudessem escapar.

— Não vamos conseguir segurá-los! — gritou Mark, o som dos gritos dos Vermes tornando difícil até ouvir seus próprios pensamentos.

— A saída está logo à frente! — Jim apontou para uma porta de metal pesada mais adiante no túnel. Eles precisavam chegar até lá, era a única chance.

Mark assentiu, disparando mais algumas vezes antes de começar a recuar. Jim pegou Emma no colo, sentindo suas pernas exaustas, mas ele não ia parar, não podia. Os Vermes estavam quase em cima deles, seus gritos ensurdecedores preenchendo o túnel.

— CORRE! — gritou Mark, e eles correram como nunca antes.

Os passos deles ecoavam pelo túnel, misturados aos gritos e gemidos dos Vermes.

Cada segundo parecia se arrastar, cada respiração um esforço monumental. O som da horda atrás deles era aterrorizante, uma cacofonia de morte iminente.

Finalmente, chegaram à porta. Mark a abriu com um empurrão, e Jim entrou primeiro, colocando Emma no chão e voltando para ajudar Mark. Os Vermes estavam quase em cima deles, seus corpos deformados quase tocando a luz da entrada.

Mark entrou logo atrás, e juntos, eles fecharam a porta com um estrondo, barrando os Vermes do outro lado. Os gritos das criaturas continuaram, misturados aos socos e arranhões na porta, mas ela aguentou.

Jim se jogou contra a parede, respirando pesadamente, o corpo tremendo de exaustão. Emma correu para ele, abraçando-o com força, e ele a segurou, sentindo o calor de seu corpo contra o dele, o único conforto naquele mundo infernal.

Mark se aproximou, sua arma ainda em mãos, mas o olhar aliviado.

— Estão todos bem? — perguntou ele, a voz rouca.

Jim concordou, sem palavras. Ele olhou para Emma, sentindo o alívio se misturar à culpa e ao medo. Cada dia era uma luta, e ele sabia que a única coisa que o mantinha em pé era o amor que tinha por sua filha.

— Vamos sair daqui — disse Mark, quebrando o silêncio. — Não estamos seguros ainda.

Jim levantou-se, puxando Emma junto com ele. Eles saíram pelos escombros da janela, guiados por Mark, observando um amanhecer enevoadado, a brisa bateu contra a máscara de gás de Jim, o fazendo tira-la do rosto de Emma, e do seu em seguida.

Ela respirou fundo, o ar poluente daquela cidade, seus olhinhos percorrendo as ruínas e prédios tombados, carros abandonados e a natureza tomando conta do que lhe pertence.

– Capítulo Três –

Sacrifício para os fortes, Fuga para os espertos

O amanhecer tingia o céu de um cinza pálido, a luz fraca do sol mal penetrando as nuvens espessas que cobriam a cidade devastada.

Jim, Emma e Mark caminhavam em silêncio por uma estrada abandonada, os passos cansados ecoando entre os prédios em ruínas. A tensão era palpável, o ar carregado de uma antecipação sombria que se refletia nos olhos de cada um deles.

Mark, sempre o vigia atento, seguia à frente, a mão firme no cabo da arma. Jim, com Emma ao seu lado, mantinha-se alerta, os olhos varrendo o horizonte em busca de qualquer sinal de perigo. O cansaço pesava sobre ele, mas a necessidade de manter Emma segura o impedia de ceder.

— Estamos quase lá - murmurou Mark, sem olhar para trás. — A ponte fica a uns dois quilômetros daqui. Se conseguirmos atravessá-la, teremos uma boa vantagem.

Jim assentiu em silêncio. A ponte era a única rota segura para o caminho que levará a base dos Aura, onde, segundo os rumores, havia médicos que poderiam ajudar Emma. Cada passo os aproximava daquele lugar de esperança, mas também os levava mais fundo no território dos saqueadores, grupos de homens e mulheres que haviam perdido qualquer resquício de humanidade.

Enquanto caminhavam, Emma apertou a mão de Jim com mais força. Ele olhou para baixo e viu o medo nos olhos dela, os mesmos olhos que antes brilhavam com curiosidade e inocência. Desde que tudo começou, Emma tinha sido sua âncora, a única razão para continuar lutando. Mas a cada dia, Jim via a luz se apagar um pouco mais nos olhos da filha, e isso o destruía por dentro.

Subitamente, Mark levantou a mão, sinalizando para que parassem. Jim congelou, os sentidos aguçados. Ele sabia o que aquilo significava.

— Tem algo errado - sussurrou Mark, seus olhos fixos em uma pilha de destroços à frente. Jim seguiu o olhar de Mark e notou o que havia de estranho. Tudo estava quieto demais. Não havia o menor som de vento, de aves, nada além de um silêncio opressor. Era como se a cidade estivesse prendendo a respiração, esperando por algo terrível.

— Vamos sair daqui — disse Jim, a voz tensa.

Ele puxou Emma para mais perto, sentindo seu coração acelerar.

Antes que pudessem dar o primeiro passo para recuar, um som alto de metal rangendo os fez parar. De repente, uma série de explosões ecoou ao redor deles, lançando destroços e poeira para todos os lados. O mundo ao redor deles desmoronou em caos.

Jim ouviu Emma gritar, mas o som foi abafado pelo estrondo dos explosivos. Ele a segurou com força, tentando protegê-la dos destroços que caíam.

— Emboscada! — gritou Mark, levantando a arma e atirando na direção de vultos que surgiram das sombras.

Saqueadores. Homens e mulheres com rostos endurecidos pela brutalidade do novo mundo, armados até os dentes e movidos pelo desejo insaciável de destruir. Eles vieram de todos os lados, como predadores fechando o cerco.

Jim tentou reagir, mas foram pegos de surpresa. Ele viu Mark lutar, cada disparo derrubando um inimigo, mas a horda continuava avançando, implacável. Jim puxou Emma, tentando encontrar uma rota de fuga, mas estavam cercados.

— Jim! - Mark gritou, sem parar de atirar. — Leve Emma e corra!

— Não vou te deixar aqui! — Jim respondeu, a voz trêmula, lutando contra o desespero. Ele sabia o que Mark estava planejando.

— Vai! Agora! — Mark berrou, e dessa vez havia um tom de comando em sua voz que Jim não podia ignorar.

Jim segurou Emma firme e começou a correr, o coração acelerado, os gritos e tiros ecoando atrás deles. Cada passo parecia uma eternidade, o medo pela vida de sua filha esmagando seu peito. Ele não queria deixar Mark para trás, mas sabia que a vida de Emma dependia disso.

Enquanto corria, Jim ouviu o som de Mark sendo alcançado. Um disparo. Outro. E então, um grito de dor que perfurou a alma de Jim como uma faca.

Ele não queria olhar, mas o grito o fez parar, o fez se virar, como se seus pés tivessem vontade própria. O que viu em seguida foi pior do que qualquer pesadelo que pudesse imaginar. Mark tropeçara, caindo pesadamente no chão. Três figuras emergiram das sombras, suas intenções claras e cruéis. O primeiro golpe foi uma coronhada brutal, estourando o rosto de Mark em uma explosão de sangue. Mark gritou, um som desesperado e cheio de terror, mas os agressores não deram chance para ele se levantar.

O segundo homem puxou um facão e o cravou na coxa de Mark, torcendo a lâmina de forma selvagem. O grito que escapou de Mark foi quase animal, uma expressão de dor que ecoou na mente de Jim como um choque. Mark tentou se arrastar, mas um chute brutal nas costelas o jogou de lado, o som dos ossos quebrando reverberando na escuridão. Antes que Jim pudesse processar o que estava vendo, a terceira agressora, uma mulher de olhos frios, ergueu uma barra de ferro e, sem hesitar, a esmagou contra a cabeça de Mark. O som que seguiu era grotesco, como o de um melão sendo esmagado, um som que trouxe o silêncio mais absoluto em seguida.

Ele se forçou a não olhar mais para trás, mas Emma, nos braços dele, estava de olhos arregalados, vendo tudo.

— Não... — murmurou Jim, mas já era tarde.

Mark estava morto. E Emma viu tudo.

Mas eles não pararam. Continuaram, golpeando, esfaqueando, destruindo tudo o que restava de Mark. Jim estava paralisado, os olhos presos na cena, enquanto via o corpo de Mark ser transformado em algo irreconhecível, um amontoado de carne e ossos mutilados. A bile subiu em sua garganta, mas ele não conseguiu desviar o olhar, cada som e imagem gravando-se em sua mente, um pesadelo que ele sabia que nunca o abandonaria. O choro de Emma ecoou pelo ambiente enquanto Jim começava a correr, tentando apagar da mente a visão de seu amigo sendo assassinado. Mas ele sabia que nunca conseguiria. Aquela imagem, a crueldade dos saqueadores, a brutalidade da morte de Mark, tudo ficaria gravado em sua memória para sempre. E o pior de tudo, Emma agora carregava esse peso também.

Quando finalmente conseguiram sair da zona de perigo, Jim parou, ofegante, o corpo exausto e o espírito quebrado. Ele colocou Emma no chão, ajoelhando-se na frente dela, tentando encontrar as palavras certas.

— Emma... — sua voz quebrou. O rosto dela estava pálido, os olhos fixos no nada, como se tivesse perdido algo mais que seu amigo naquele momento.

— Papai... — Emma sussurrou, sua voz frágil, cheia de uma tristeza profunda que Jim nunca havia ouvido antes. — Por que ele teve que morrer?

Jim não tinha uma resposta. Ele queria dizer que tudo ficaria bem, que Mark tinha feito o sacrifício para que eles pudessem continuar, mas as palavras ficaram presas na garganta. Ele sabia que nada do que dissesse apagaria o que ela havia testemunhado.

Ele a puxou para um abraço apertado, sentindo as lágrimas começarem a rolar por seu próprio rosto. Emma tremia, soluçando no ombro do pai, e Jim sentiu seu coração se partir em mil pedaços. Ele queria ser forte para ela, mas naquele momento, tudo o que conseguia sentir era uma profunda impotência.

A morte de Mark deixou um vazio que jamais seria preenchido, um lembrete cruel do preço da sobrevivência naquele mundo apocalíptico. Jim sabia que eles precisavam seguir em frente, mas o peso da perda era esmagador. E, mais do que nunca, ele sabia que precisava proteger Emma, não apenas dos perigos do mundo, mas também da dor e do trauma que estavam lentamente roubando sua inocência.

Ainda de joelhos, segurando Emma como se sua vida dependesse disso, Jim fez uma promessa silenciosa a Mark e a si mesmo: ele levaria Emma em segurança até o refúgio, não importava o que custasse. Porque agora, mais do que nunca, ela era tudo o que ele tinha. E ele não podia falhar. Não de novo.

O vento frio sibilava entre as árvores, trazendo o cheiro de terra úmida e de folhas em decomposição. Jim e Emma caminhavam em silêncio por uma trilha coberta de vegetação, os passos cautelosos sobre a terra molhada. A morte de Mark ainda pesava sobre eles, o silêncio entre pai e filha carregado de uma dor que nenhum dos dois sabia como expressar.

Emma mantinha-se perto de Jim, mas ele percebia que o olhar dela estava distante, perdido em um lugar onde ele não podia alcançá-la. A cada passo, Jim sentia que estava perdendo sua filha para um mundo que ele mal compreendia. O mundo onde inocência e esperança eram luxos que ninguém mais podia se dar ao luxo de ter.

Eles chegaram a uma pequena clareira e, ao longe, Jim avistou a silhueta de uma igreja antiga. O prédio estava em ruínas, as paredes de pedra desgastadas pelo tempo e pela falta de manutenção, mas ainda se mantinha de pé. O telhado estava parcialmente desabado, mas a cruz no topo da torre permanecia erguida, um símbolo de fé em um mundo onde a fé parecia não ter mais lugar.

— Vamos até lá, pode ser um bom lugar para descansar um pouco — disse Jim, a voz baixa, como se temesse quebrar o frágil silêncio que os envolvia.

Emma assentiu lentamente, sem dizer uma palavra. Seus olhos fixos na igreja, sem brilho, como se o mundo ao redor dela tivesse perdido todas as cores.

Eles se aproximaram da igreja com cautela. Jim manteve a arma pronta, embora soubesse que as balas estavam contadas. Cada esquina poderia esconder uma ameaça, mas o silêncio era quase ensurdecedor, quebrado apenas pelo som de seus passos.

Ao entrarem na igreja, o ar era frio e úmido. Os bancos de madeira estavam cobertos de poeira e teias de aranha, e o chão de pedra estava rachado em vários pontos. Pedacos de vitrais coloridos ainda pendiam das janelas quebradas, lançando reflexos esparsos de luz que mal iluminavam o espaço sombrio. Era um lugar esquecido, mas também era um refúgio, pelo menos por enquanto.

— Vamos procurar um lugar para descansar — disse Jim, tentando manter um tom tranquilo.

Eles exploraram o interior da igreja com cuidado, mas ao virar uma esquina, Jim parou de repente, levantando a mão para sinalizar a Emma que ficasse parada. Ele ouviu o som de vozes baixas vindo do fundo da igreja.

— Fique atrás de mim, Emma — sussurrou Jim, e ela obedeceu sem hesitar.

Caminhando com cautela, Jim se aproximou da origem das vozes, até que, de repente, uma figura emergiu das sombras, uma arma apontada diretamente para ele.

— Pare aí mesmo! — a voz era áspera, mas com um tom de alerta, não de ameaça direta. Jim parou imediatamente, levantando uma mão em sinal de rendição, a outra segurando a mão de Emma.

— Não queremos problemas. Só estamos procurando um lugar para descansar — disse Jim, mantendo a voz calma.

A figura saiu das sombras, revelando-se um homem na casa dos cinquenta, com cabelos grisalhos e barba por fazer. Ele parecia cansado, mas seus olhos eram duros, marcados por uma vida de luta.

— Como podemos saber se não são espiões? — perguntou o homem, sem baixar a arma. Antes que Jim pudesse responder, uma mulher apareceu ao lado do homem, colocando uma mão no ombro dele.

— Eles estão com uma criança, Martin. Não são ameaça — disse ela, a voz suave, mas firme.

O homem, Martin, hesitou por um momento, mas então baixou a arma, embora não a guardasse.

— Estamos vivendo tempos difíceis. Não podemos confiar em ninguém — murmurou Martin, ainda olhando Jim com desconfiança.

— Entendo — respondeu Jim, com um suspiro. — Confiança é algo raro hoje em dia. Mas eu só quero manter minha filha segura. Se estivermos melhores juntos do que separados, estou disposto a trabalhar com vocês.

A mulher deu um passo à frente e sorriu levemente para Emma, tentando oferecer algum conforto.

— Meu nome é Rachel. Esse é Martin. Há mais algumas pessoas conosco. Podemos compartilhar o abrigo da igreja, se vocês não trouxerem problemas.

Emma olhou para Jim, como se pedindo permissão. Jim assentiu, e eles seguiram Rachel mais para dentro da igreja.

A igreja estava ocupada por um pequeno grupo de sobreviventes. Além de Martin e Rachel, havia um jovem casal e uma garota da idade de Emma, com cabelos castanhos despenteados e um olhar atento. Eles estavam reunidos ao redor de uma pequena fogueira improvisada no meio do salão principal.

Emma ficou observando a menina por um momento, antes de finalmente se aproximar. A menina levantou os olhos e sorriu timidamente.

— Oi... — disse Emma, com uma voz frágil. Era a primeira palavra que ela pronunciava desde a morte de Mark.

— Oi — respondeu a menina, um sorriso pequeno surgindo em seus lábios. — Meu nome é Lily.

Jim observou a interação entre as duas meninas, sentindo uma pontada de esperança ao ver Emma finalmente interagir com alguém de sua idade. Mas essa esperança era temperada por uma sensação crescente de que havia algo mais naquele grupo, algo que ainda não estava à vista.

Ele sentou-se ao lado de Martin, que ainda o observava com desconfiança, mas agora mais relaxado.

— Quantos vocês são? — perguntou Jim, tentando parecer casual.

— O que você vê é o que temos — respondeu Martin, os olhos fixos nas chamas da fogueira. — Não somos muitos, mas conseguimos sobreviver. E isso é o que importa, não é?

Jim assentiu, mas a desconfiança mútua pairava no ar. Ele podia sentir que não estavam sendo completamente honestos. Havia algo nas expressões de Rachel e Martin que não combinava com o que diziam, uma tensão escondida que ele não conseguia ignorar.

— Estamos indo para as Montanhas Rochosas — disse Jim, mudando de assunto, mas mantendo um olho atento em Martin. — Ouvi dizer que há um refúgio lá, com médicos. Rachel trocou um olhar rápido com Martin, e Jim não perdeu o movimento. Algo sobre o comentário parecia incomodá-los.

— Não sei se faz sentido ir para lá — respondeu Rachel, com hesitação. — Ouvi dizer que as estradas estão cheias de saqueadores e... outras coisas.

— Outras coisas? — perguntou Jim, a sobancelha arqueada.

— Os Vermes — disse Martin, quase cuspidando a palavra. — Estão por toda parte. Não dá para escapar deles, a não ser que esteja preparado.

Jim sentiu um frio na espinha ao ouvir aquilo. Ele sabia dos Vermes, é claro. Havia escapado de um grupo deles não muito tempo atrás. Mas a forma como Martin falou deles, com um ódio quase pessoal, fez com que Jim se perguntasse o que eles tinham passado.

— Nós conseguimos escapar de alguns não muito tempo atrás — admitiu Jim, tentando se conectar com Martin. — Mas foi por pouco. Eles estão ficando mais agressivos.

Martin olhou para Jim com olhos cansados, como se estivesse calculando o valor de cada palavra dita.

— Você pode ser um bom aliado, Jim. E sua filha... parece uma boa garota. Mas como disse, a confiança é rara. E às vezes, para sobreviver, você tem que fazer coisas que não gostaria de fazer.

Antes que Jim pudesse responder, a porta da igreja rangeu, e todos se viraram para ver quem estava entrando. Um homem alto e magro, com uma expressão dura e olhos vidrados, apareceu no batente. Ele tinha uma aura de autoridade sombria, como alguém que carregava o peso de decisões difíceis.

— Quem são os novos? — perguntou o homem, sem desviar os olhos de Jim.

— Eles estavam procurando abrigo — respondeu Rachel. — Jim e sua filha, Emma.

O homem, que Jim deduziu ser o líder do grupo, aproximou-se devagar, avaliando Jim com olhos frios.

— Meu nome é Caleb. Sou o responsável por este grupo. Se quiser ficar, terá que provar seu valor, e isso não vai ser fácil. Aqui, todos têm que fazer sua parte.

Jim sustentou o olhar de Caleb, sentindo a pressão da desconfiança.

— Eu farei o que for necessário para proteger minha filha e sobreviver. Não quero problemas, mas farei o que for preciso.

Caleb deu um sorriso pequeno, mas era um sorriso sem calor.

— Bom. Vamos ver do que você é capaz, Jim. Porque aqui, fraqueza não é uma opção.

A tensão na igreja era palpável, mas Jim sabia que, por agora, esse era o melhor lugar para estar. Ele só esperava que, ao se unirem a esse grupo, não estivessem trocando um perigo por outro.

Emma e Lily conversavam em voz baixa, trocando confidências de crianças em um mundo que não lhes oferecia mais nenhuma inocência. Jim observava, tentando encontrar um fio de esperança naquelas interações, mas sabendo que, a qualquer momento, tudo poderia desmoronar novamente.

E, enquanto a noite caía e a igreja se mergulhava em sombras, Jim não conseguia sacudir a sensação de que algo estava errado. Que aquele grupo de sobreviventes escondia segredos que poderiam ser tão perigosos quanto os Vermes lá fora.

– Capítulo Quatro –

Vida boa pra mim, escravidão pra você

O dia começava a amanhecer, mas o céu ainda estava tingido de um cinza opressivo, refletindo a atmosfera tensa dentro da igreja. Jim tinha dormido mal, seus sonhos atormentados por imagens de Mark, de sua morte brutal, e dos Vermes que os perseguiram. Ele acordou várias vezes durante a noite, com o coração batendo forte e um pressentimento ruim em seu peito.

Emma dormia ao seu lado, encolhida em uma pilha de cobertores velhos que Caleb havia providenciado. Jim olhou para sua filha, o rosto jovem dela marcado pela dureza de um mundo que não poupava ninguém. Ele sentiu uma onda de proteção crescer dentro de si, prometendo a si mesmo que faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Mas, enquanto observava Emma, algo sobre a calma da manhã o incomodava. Havia um silêncio estranho, uma ausência de movimento que parecia deslocada em um lugar que deveria estar cheio de vida, mesmo que frágil.

De repente, a porta da igreja se abriu com um estrondo, e Jim se levantou num salto, agarrando sua arma. Caleb entrou, seguido por Martin e Rachel, todos com expressões que misturavam determinação e uma frieza que Jim não havia notado antes.

— Acorde a menina — ordenou Caleb, a voz dura.

Jim franziu o cenho, seu instinto gritando que algo estava muito errado. Ele hesitou, mas a mão de Caleb foi rapidamente para a arma no cinto, os olhos dele estreitando.

— Eu disse, acorde a menina.

Jim acordou Emma suavemente, tentando não demonstrar o alarme crescente em sua voz.

— Emma, precisamos levantar, agora.

Emma abriu os olhos lentamente, ainda sonolenta, mas a urgência na voz de seu pai fez com que ela se sentasse rapidamente. Ela olhou para Caleb e os outros, mas não disse nada, sentindo a mesma tensão que Jim.

— O que está acontecendo, Caleb? — perguntou Jim, tentando manter a voz firme.

— Precisamos de você e sua filha para um trabalho — respondeu Caleb, evasivo. — Algo que vai garantir a segurança de todos nós.

— Que trabalho é esse? — Jim não gostou do tom dele, nem da forma como Martin e Rachel evitavam olhar diretamente para ele.

— Você vai descobrir em breve — disse Caleb, com um sorriso que não alcançou seus olhos.

Eles foram conduzidos para fora da igreja, o frio da manhã cortando como uma lâmina afiada. Lá fora, dois homens que Jim não havia visto antes os esperavam, suas expressões vazias, com um olhar calculista. Os homens pegaram Jim e Emma pelos braços, e antes que Jim pudesse reagir, eles sentiram as amarras sendo apertadas ao redor de seus pulsos.

— O que é isso? — Jim gritou, sua voz carregada de raiva e incredulidade. Ele tentou lutar, mas um dos homens o atingiu na cabeça com o cabo de uma arma, derrubando-o no chão.

— Pare de lutar, Jim — disse Caleb, a voz fria. — Vai ser melhor para você e para sua filha se cooperarem.

Emma começou a chorar, os olhos arregalados de medo. Ela olhou para seu pai, mas Jim estava tonto demais para reagir de imediato.

— Vocês prometeram que estaríamos seguros aqui! — gritou Jim, lutando contra as amarras enquanto tentava se levantar.

— A segurança tem um preço, e vocês acabaram de pagá-lo — respondeu Caleb, sem um pingo de remorso.

Eles foram arrastados para um veículo velho, uma caminhonete enferrujada que já tinha visto dias melhores. Jim tentou lutar novamente, mas estava enfraquecido pelo golpe, sua visão turva. Ele apenas conseguiu ver a expressão de dor e pânico no rosto de Emma antes que os colocassem na parte traseira, as portas fechando com um estrondo metálico.

A viagem foi longa e cheia de solavancos, e o medo crescia dentro de Jim a cada quilômetro percorrido. Ele tentou acalmar Emma, murmurando palavras de conforto, mas ela apenas soluçava baixinho, as lágrimas escorrendo por seu rosto sujo.

Finalmente, o veículo parou, e as portas se abriram para revelar um cenário que parecia saído de um pesadelo. Eles foram puxados para fora e levados a um grande edifício decadente, uma antiga fábrica transformada em um mercado negro de horrores. O ar era denso com o cheiro de suor, sangue e algo mais, algo pútrido que fazia o estômago revirar. Jim e Emma foram levados para dentro, onde a escuridão era quebrada apenas por algumas luzes piscando no teto. Eles foram empurrados para um canto, junto com outros prisioneiros. Homens, mulheres, e até crianças, todos com os rostos marcados pelo desespero e pela fome, amontoados como gado em um espaço sujo e claustrofóbico. O chão estava coberto de sujeira, e o ar era pesado com o odor de corpos não lavados e sangue seco.

Jim lutava para manter a calma, mas cada lágrima de Emma era como um punhal cravado em seu coração. Ele a abraçou, tentando protegê-la do horror ao redor, mas sabia que sua força não seria suficiente para blindá-la de tudo. Os olhos de Emma estavam arregalados, e seu corpo tremia, como se estivesse prestes a desmoronar.

O mercado negro era um lugar onde a humanidade tinha sido abandonada há muito tempo. As vozes dos traficantes e compradores ecoavam pelo ambiente, um tom cínico e desdenhoso, discutindo preços como se estivessem negociando mercadorias comuns. Mas não eram mercadorias comuns

— eram pessoas, vidas destruídas, seres humanos transformados em escravos.

Um homem corpulento com um sorriso sádico no rosto aproximou-se de Jim e Emma. Ele usava roupas caras, mas sujas, e um cigarro pendia de seus lábios. Ele olhou para Emma com um interesse perturbador, e Jim sentiu seu sangue gelar.

— Essa pequena vai render um bom dinheiro — o homem disse, puxando Emma bruscamente para longe de Jim.

— Não! Deixe-a em paz! — Jim gritou, sua voz desesperada. Ele tentou se levantar, mas foi derrubado por um soco brutal no estômago, que o deixou sem ar. O homem riu, um som baixo e cruel.

— Você não está em posição de fazer exigências — ele disse, jogando Emma de volta ao chão. — Agora cale a boca antes que eu faça isso por você.

Emma chorava, o som de seus soluços era quase insuportável para Jim. Ele lutava contra as amarras, a fúria crescendo dentro dele. Cada segundo que passava aumentava seu ódio, sua determinação de vingança. Ele sabia que Caleb havia os vendido, os entregado a esses monstros por um preço miserável. E ele jurou, silenciosamente, que faria Caleb pagar com sua vida.

Horas se passaram enquanto Jim e Emma eram mantidos em cativeiro. Eles foram separados, e Jim foi forçado a vê-la ser levada para longe, sem poder fazer nada. O coração de Jim se despedaçava, e ele se sentia impotente, incapaz de proteger a única

pessoa que lhe restava no mundo. Ele gritou, praguejou, mas os guardas apenas riram de sua dor, como se fosse um espetáculo para seu entretenimento.

Emma foi levada para uma cela apertada e escura, onde outras crianças estavam amontoadas, todas sujas, famintas e com os olhos vazios de esperança. Os guardas não mostravam nenhuma piedade. Quando uma das crianças começou a chorar alto demais, um dos homens entrou na cela e deu-lhe um tapa tão forte que a jogou contra a parede.

Emma recuou, tentando se encolher em um canto, mas os guardas a puxaram, forçando-a a ficar em pé.

Jim, do outro lado do complexo, não podia ver o que acontecia, mas imaginava o pior. A dor em seu peito era insuportável. Ele sentia a raiva fervendo, transformando-se em algo mais, algo mortal. Ele jurou que mataria cada um desses malditos, que faria eles pagarem por cada lágrima de sua filha. Ele mataria

Caleb. Ele mataria todos.

A vida dos escravos no mercado negro era um inferno vivo. Os prisioneiros eram tratados pior que animais, alimentados apenas com restos podres e forçados a trabalhar até a exaustão. Aqueles que tentavam resistir eram brutalmente espancados ou, em casos mais extremos, deixados à mercê dos Vermes, criaturas que os traficantes mantinham como uma forma de punição ou entretenimento sádico.

Jim era forçado a trabalhar em condições desumanas, movendo caixas pesadas e limpando os restos de sangue e sujeira do chão. Seus músculos doíam, e suas mãos estavam cobertas de cortes e hematomas.

Mas a dor física era nada comparada ao tormento mental de saber que Emma estava sendo maltratada. Ele a via raramente, apenas quando os guardas a arrastavam para fora da cela para forçá-la a realizar tarefas menores, como limpar as botas dos traficantes ou lavar suas roupas. Ela estava cada vez mais magra, mais pálida, seus olhos antes brilhantes agora opacos e cheios de medo.

Um dia, Jim ouviu Emma gritar de dor e terror. O som atravessou o mercado como uma faca, congelando-o no lugar. Ele largou a caixa que carregava e correu em direção ao som, sem pensar, sem se importar com as consequências. Mas antes que pudesse chegar até ela, foi parado por um dos guardas, que o jogou no chão com um soco poderoso.

— Fique onde está, escravo — o guarda rosnou, enquanto Jim cuspiu sangue no chão sujo.

— Vou matar vocês... Vou matar todos vocês — Jim sibilou, a raiva borbulhando dentro dele como um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Boa sorte com isso — zombou o guarda, antes de chutá-lo no estômago, deixando Jim encolhido de dor.

Mas mesmo naquela posição vulnerável, o ódio dentro de Jim apenas crescia. Ele sabia que precisaria ser inteligente, que precisaria encontrar uma maneira de escapar e resgatar Emma. E quando ele o fizesse, não haveria piedade para aqueles que tinham causado tanto sofrimento a ele e à sua filha.

Jim planejava sua vingança em silêncio, observando tudo ao redor, estudando cada detalhe, cada fraqueza. Ele sabia que teria apenas uma chance, e quando esse momento chegasse, ele garantiria que o sangue de seus inimigos lavasse as feridas de sua alma.

Emma não podia mais esperar. Ela já havia sofrido demais, e Jim não permitiria que ela sofresse mais um dia nas mãos daqueles monstros.

O mercado negro seria o lugar onde tudo acabaria. Para eles, para Caleb, e para qualquer um que ousasse se interpor entre Jim e sua vingança.

Os dias de Jim no mercado negro eram uma tortura incessante, cada segundo marcado por uma nova humilhação, dor, e a crescente desesperança. O trabalho forçado era brutal, mas a verdadeira agonia vinha dos constantes abusos verbais e psicológicos que ele sofria

nas mãos dos guardas. Eles sabiam exatamente como quebrar um homem, como destruir sua vontade de viver sem jamais precisar erguer um chicote.

Naquela manhã, Jim foi acordado com um chute nas costelas, seguido por uma risada cruel de um dos guardas. Seu corpo inteiro doía, cada músculo gritando em protesto enquanto ele se arrastava para fora de sua cela. Ao seu redor, outros escravos já estavam sendo conduzidos para o trabalho — um ciclo interminável de tarefas degradantes e exaustivas que começava antes do amanhecer e terminava bem depois que o sol se punha. Enquanto Jim carregava caixas pesadas de um lado para o outro, ouviu um dos guardas, um homem de dentes amarelados e olhos frios como gelo, começar a falar alto sobre Emma.

— Como está sua filhinha hoje, hein? — zombou o guarda, aproximando-se de Jim com um sorriso malicioso. — Aposto que ela está chorando por você agora... Ou talvez esteja ocupada demais para chorar, se é que me entende.

Jim cerrou os punhos, a raiva subindo como uma maré negra dentro de si. Ele sabia que reagir só pioraria as coisas, mas era quase impossível se conter.

— Vou arrancar esse seu sorriso maldito um dia... — murmurou Jim entre dentes, o olhar fixo no chão, tentando bloquear as provocações.

O guarda riu, claramente se divertindo com a frustração de Jim.

— Não se preocupe, papai. Ela está em boas mãos. Na verdade, ouvi dizer que temos um comprador especial interessado em crianças como ela. Gosta de fazer... certas coisas com elas. Aposto que ela vai "adorar" a atenção.

As palavras do guarda cortaram Jim como uma lâmina. Ele cambaleou, sentindo o mundo ao seu redor girar. O medo, a impotência, e a fúria se entrelaçaram em sua mente, quase o paralisando.

— Deixe... deixe ela em paz... — a voz de Jim saiu como um sussurro, quase implorando. O guarda apenas riu, satisfeito em ver o desespero de Jim.

Mais tarde naquele dia, enquanto Jim carregava mais uma caixa pesada, ele foi abordado por um outro escravo, um homem idoso com o rosto marcado pelo tempo e pela dor.

— Eu vi como você ficou quando aquele bastardo falou da sua filha — disse o homem, a voz baixa, quase um sussurro. — Como ela é?

Jim hesitou por um momento, mas havia algo de confiável naquele homem. Talvez fosse o desespero compartilhado, ou o fato de que, mesmo num lugar como aquele, a compaixão ainda existia, mesmo que em pequenas doses.

— Ela... ela é magrinha, loirinha... — respondeu Jim, a voz quebrada pela dor. — Ela não devia estar aqui. Ela é só uma criança...

O velho escravo assentiu lentamente, uma sombra de tristeza passando por seus olhos.

— Ouvi o guarda falando. Cuidado, amigo. Tem um homem influente no mercado negro infantil, chamado Marlowe, que compra meninas assim, pra fazer aquelas coisas... Você sabe. — Ele fez uma pausa, a gravidade de suas palavras pairando no ar. — Eles vendem essas crianças para ele, e elas nunca mais são vistas. Ele é um maldito perverso.

Jim sentiu seu coração apertar, como se estivesse sendo esmagado por uma mão invisível. As palavras do velho escravo eram como veneno, envenenando seus pensamentos com o pior dos cenários. A imagem de Emma, vulnerável e assustada, sendo levada por um monstro desses, o consumia por inteiro.

— Eu vou tirar ela daqui... eu tenho que tirar... eu tenho...

Durante aquela noite, Jim mal conseguia dormir. Ele se revirava no chão duro de sua cela, os gritos de Emma ecoando em sua mente, embora ela estivesse em outro lugar. Ele não podia suportar mais essa angústia. Sabia que precisava agir, mas não sabia como. Ele era um homem só, sem armas, sem aliados, contra um sistema inteiro de crueldade.

Nos dias que se seguiram, Jim tentou de tudo para escapar. Ele implorou aos guardas, mentiu, tentou suborná-los com promessas vazias, mas nada funcionava. Cada tentativa falhada apenas alimentava o sadismo deles, que o espancavam e ridicularizavam ainda mais. Até que sua única escapatoria, era o sono, a promessa de que o dia seguinte poderia ser melhor.

– Capítulo Cinco –

Monstro por ela

O dia seguinte amanheceu com um clima pesado, o ar denso dentro daquele inferno disfarçado de mercado. Jim sentia cada músculo do seu corpo doer, resultado do trabalho forçado ao qual havia sido submetido. Braços exaustos de carregar caixas pesadas, pernas trêmulas de tantas horas em pé. Mas o que realmente o destruía era a tortura mental de não saber o que estava acontecendo com Emma.

Ele havia sido designado para trabalhar em um dos armazéns, transportando mercadorias que ele sabia, na maior parte do tempo, serem drogas, armas e suprimentos para os escravos. Caleb o havia mantido sob constante vigilância, os guardas armados o acompanhando de perto enquanto ele trabalhava. A humilhação de ser tratado como um animal o corroía por dentro, mas Jim mantinha o rosto impassível, escondendo o ódio que fervia em seu peito.

Enquanto o dia passava, Jim ouvia fragmentos de conversas ao seu redor, pessoas negociando vidas como se fossem mercadorias. Ele escutou sussurros sobre novos lotes de escravos que seriam vendidos, e a menção de uma "garotinha loira" chamou sua atenção. Seus sentidos ficaram alertas, o coração martelando no peito, mas ele continuou trabalhando, fingindo indiferença.

Foi apenas ao cair da noite, quando retornou à cela, que ele ouviu algo que o fez congelar. Dois guardas estavam do lado de fora, conversando casualmente.

— A menina loirinha, a filha daquele desgraçado, ouvi dizer que já tem comprador interessado - disse um deles, rindo de forma cruel.

Jim apertou os punhos, lutando para manter o controle. Ele não podia arriscar perder a cabeça agora, não sem saber para onde levavam Emma.

— Quem é o comprador? — perguntou o outro guarda.

— Um dos chefões do mercado negro. Um sádico chamado Marlowe, do Norte. Dizem que ele tem um gosto peculiar por meninas como ela.

Jim sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

Seu sangue gelou, e o desespero foi substituído por uma raiva gélida e implacável.

Ele sabia que não podia esperar mais. Era agora ou nunca.

O guarda que havia falado sobre Marlowe estava com uma pistola na cintura, e Jim sabia que precisava agir rápido. Ele observou os movimentos do guarda, os olhos fixos na arma. Quando o guarda se virou para pegar algo em uma mesa próxima, Jim saltou sobre ele com a força de um animal selvagem.

Antes que o segundo guarda pudesse reagir, Jim já tinha arrancado a pistola da cintura do primeiro e disparado. O tiro foi certeiro, estourando a cabeça do segundo guarda em um borrão de sangue e miolos contra a parede.

O guarda que restava tentou gritar, mas Jim o calou com um golpe preciso no pescoço, quebrando sua traqueia, ele se abaixou, e pegou a faca do guarda. Com a pistola agora em mãos, Jim deixou a cela para trás e começou a caçada. Seus passos ecoavam pelos corredores sombrios, o som metálico das botas no chão de concreto enviando ondas de pânico por entre os prisioneiros e guardas.

A primeira patrulha que encontrou foi dizimada em segundos. Jim não tinha tempo para hesitações ou misericórdia. Ele se movia como uma sombra, silencioso e mortal, disparando com precisão cirúrgica. Cada tiro era calculado, cada morte era fria e

impiedosa. Homens que haviam rido, zombado e negociado vidas humanas agora caíam diante dele como peças de carne sem valor.

Ele avançava pelo mercado negro como uma força imparável, semeando o caos. Os gritos de alarme se misturavam aos sons de tiros e corpos caindo. Jim mal notava as expressões de terror nos rostos dos guardas que tentavam enfrentá-lo; eles eram apenas obstáculos em seu caminho.

Jim inspecionava cela por cela, arrombando portas, movendo prisioneiros para longe na esperança de encontrar Emma. Mas ela não estava lá. Cada cela que abria e não a encontrava apenas aumentava sua fúria, transformando-o em um monstro ainda mais perigoso. Os prisioneiros que ele libertava corriam por suas vidas, deixando Jim sozinho em sua busca solitária e desesperada.

Finalmente, Jim alcançou uma parte do complexo que parecia mais organizada, quase limpa em comparação com o resto. Era o escritório de Caleb. Ele abriu a porta com um chute brutal, a pistola já apontada, mas o encontrou vazio. Ainda assim, ele sabia que Caleb estava ali, escondido em algum lugar.

Jim caminhou pelo escritório, os olhos atentos para qualquer movimento. Foi quando ouviu o leve som de uma respiração rápida e ofegante. O escritório tinha uma porta lateral que levava a uma pequena sala, e Jim sabia que seu alvo estava ali.

Ele abriu a porta com calma, encontrando Caleb encolhido em um canto, os olhos arregalados de medo. A visão do homem que o havia traído, agora reduzido a um rato, despertou algo profundo e sombrio em Jim.

— Por favor, Jim... Eu só estava fazendo o que precisava para sobreviver — implorou Caleb, as palavras saindo em um jorro de desespero.

Jim se aproximou lentamente, a expressão no rosto fria e impiedosa. Ele não disse nada enquanto segurava Caleb pelo colarinho e o arrastava para uma cadeira no meio da sala, amarrando-o com cordas que encontrou ali.

— Onde ela está, Caleb? — Jim perguntou, sua voz um sussurro mortal.

— Eu não sei, Jim... Eu juro! — Caleb tentou evitar o olhar de Jim, mas um soco brutal no rosto o fez gemer de dor.

— Onde ela está? — Jim repetiu, mais firme, seu rosto a poucos centímetros do de Caleb.

— Marlowe... - Caleb cuspiu sangue, tentando falar. — Marlowe a comprou... Ele está levando ela para uma instalação ao norte... Eu só queria sobreviver, Jim... Eu não queria isso...

— Eu quero uma localização! — berrou Jim, cravando uma faca em seu joelho.

— New Ashbourne... por favor... é tudo que eu sei, tenha piedade! — dizia em lágrimas Caleb.

— Você a vendeu para um monstro — disse Jim, seu tom gelido, sem uma gota de emoção, enquanto pegava a faca de Caleb, que estava cravada em seu joelho, e devagar enfiava em sua barriga, sentido satisfação ao ver seus gritos e gemidos de dor e desespero. Jim se levantou, e Caleb começou a chorar, implorando por sua vida. Mas Jim não estava ouvindo. Ele arrastou Caleb para fora do escritório, ignorando os gritos de súplica. O caminho que seguiu foi direto para uma das áreas mais sombrias do mercado: a cela dos Vermes.

Os Vermes, criaturas deformadas e famintas, estavam presos ali, confinados por grades enferrujadas. Quando Jim abriu a porta da cela, o cheiro pútrido o atingiu como uma parede. Caleb começou a lutar, tentando se soltar, mas Jim o empurrou sem esforço para dentro da cela.

— Por favor, Jim! - Caleb gritou, as lágrimas escorrendo por seu rosto sujo.

Jim observou enquanto os Vermes, atraídos pelo movimento e pelo cheiro de medo, começaram a avançar. Caleb gritava por socorro, mas Jim não se moveu, observando em

silêncio, com um olhar de puro ódio, enquanto as criaturas o alcançavam. Ele não desviou o olhar enquanto Caleb era devorado vivo, o som dos gritos misturado ao das mordidas e da carne sendo rasgada.

Só quando Caleb silenciou, consumido pelo horror que ele próprio havia criado, Jim se virou e saiu da cela. Ele estava completamente imerso na escuridão que agora o guiava, e nada o pararia até que ele encontrasse Emma.

Jim sabia que sua jornada ainda estava longe do fim. Mas uma coisa era certa: Marlowe pagaria caro pelo que havia feito, e Jim não teria piedade.

A dor e a fúria que sentia eram sua força agora. E ele as usaria até que Emma estivesse segura novamente — ou até que o mundo inteiro queimasse ao seu redor.

Jim saiu do mercado negro, passando por cima de corpos e poças de sangue ainda frescas. A respiração pesada e o coração martelando em seu peito não eram apenas pela luta que acabara de travar, mas pelo vazio que sentia crescer dentro dele. A cada passo, a raiva e a dor se misturavam em um turbilhão de emoções que ele mal conseguia processar. Ele era uma tempestade ambulante, com um único propósito: encontrar sua filha.

Antes de sair para a rua, Jim parou em uma sala ao lado, onde os pertences dos escravos eram guardados, como se fossem troféus de caça. Ali, em meio a roupas rasgadas e objetos sem valor, ele viu algo que fez seu coração parar por um segundo. Sua jaqueta azul, a mesma que usava quando tudo começou, estava jogada em um canto. Ao lado dela, sua mochila surrada, com o seu velho violão ao lado, apoiado na parede, e... as roupinhas extras de Emma, dobradas cuidadosamente.

Mas o que realmente o destruiu foi a bonequinha de pano de Emma, encostada na parede, suja e esquecida. A visão daquilo — tão simples, tão carregado de inocência perdida — quebrou algo dentro dele. Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Jim, silenciosas, mas implacáveis, enquanto ele pegava a boneca com cuidado. Ele a trouxe para perto do peito, enfiando-a por dentro da jaqueta, como se pudesse proteger uma parte de Emma, mesmo que fosse apenas um símbolo dela.

Jim respirou fundo, tentando conter o choro que ameaçava explodir de dentro dele. Com mãos trêmulas, ele colocou o violão dentro da mochila, como se preparar para uma jornada que ele sabia ser inevitável. E, com a bonequinha segura, ele saiu da sala, atravessando a porta que o levava para fora daquele inferno.

Ao cruzar a porta, a visão embaçada das ruas devastadas o fez piscar rapidamente, tentando focar no que estava à frente. A cidade, ou o que restava dela, estava mergulhada em uma luz cinza do entardecer, que tornava tudo ainda mais sombrio. O vento frio cortava sua pele, mas Jim mal sentia. Ele só conseguia pensar em Emma, e em como o mundo parecia desmoronar ao seu redor sem ela.

Enquanto caminhava pela rua deserta, os sons de passos rápidos ecoaram atrás dele. Jim ignorou, sem paciência ou vontade de lidar com mais ninguém. Mas os passos continuaram se aproximando, até que ele ouviu uma voz jovem chamá-lo.

— Ei! Espere aí! — A voz era aguda, mas firme, com um toque de desafio que Jim reconheceu instantaneamente como juvenil.

Jim parou, seu corpo tenso. Ele se virou lentamente, seus olhos ainda semicerrados pela tristeza. Um garoto de uns 16 anos estava ali, parado a poucos metros dele, com uma expressão curiosa e ao mesmo tempo determinada. Ele usava roupas sujas e rasgadas, típicas dos sobreviventes de rua, e tinha um semblante que sugeria que já havia visto mais do que um adolescente deveria.

— O que você quer? — Jim rosnou, sua voz carregada de cansaço e desprezo. Ele não tinha tempo para aquilo, não agora.

O garoto não recuou. Pelo contrário, deu um passo à frente, as mãos nos bolsos, como se aquele fosse apenas mais um dia comum para ele.

— Não é todo dia que a gente vê alguém sair daquele lugar vivo, ainda mais depois de fazer o que você fez. — O garoto deu de ombros, como se estivesse comentando o clima. Jim não tinha paciência para conversa fiada. Ele deu as costas para o garoto e começou a andar, mas o garoto o seguiu, sem se intimidar.

— Como é ser um monstro? — perguntou o garoto, quase como se estivesse perguntando a hora.

Jim parou novamente, o sangue fervendo. Ele se virou, encarando o garoto com olhos cheios de ódio.

— Monstro? Como assim? Eu fiz o que fiz pela minha filha — Jim respondeu, o tom de voz grave, como se cada palavra fosse um soco.

O garoto apenas sorriu de leve, um sorriso que não chegou aos olhos.

— Às vezes, os monstros buscam motivos para matar alguém — disse o garoto, o tom quase filosófico. — Esse talvez seja o seu.

Jim sentiu um frio na espinha, mas não deixou transparecer. Ele avançou um passo, ficando cara a cara com o garoto.

— Não sou um monstro por causa dela — disse Jim, cortando o garoto de uma vez. Sua voz era firme, sem hesitação. — Sou por ela. E minha filha não é meu motivo sombrio. É meu motivo de viver.

O garoto não respondeu de imediato. Apenas olhou para Jim, seus olhos escaneando cada detalhe do homem à sua frente, como se estivesse tentando decifrar um quebra-cabeça complexo. Depois de um momento que pareceu durar uma eternidade, ele deu outro passo para trás, os olhos se suavizando.

— Espero que a encontre, então — disse o garoto, finalmente. E, sem esperar resposta, se virou e começou a se afastar, desaparecendo entre os prédios destruídos.

Jim ficou ali por um instante, ainda processando o que acabara de acontecer. Mas a raiva e o desespero não o deixavam em paz. Ele sabia que não podia se dar ao luxo de pensar demais, não quando Emma ainda estava lá fora, em perigo.

Ele apertou a bonequinha de pano contra o peito mais uma vez antes de seguir em frente, deixando para trás os destroços, os corpos e o garoto. Naquele momento, Jim não se via como um monstro, mas sabia que estava disposto a se tornar qualquer coisa para salvar sua filha. E ninguém, nem mesmo ele, saberia até onde essa jornada o levaria.

– Capítulo Seis –

Enquantou tocar o violão, escutarei sua voz

Jim seguiu em frente, os passos pesados e silenciosos sobre a calçada quebrada. A cidade ao redor estava morta, uma carcaça vazia de concreto e aço que já havia abrigado vida, mas agora não passava de um cemitério a céu aberto. O vento frio soprava pelas ruas desertas, levantando poeira e o cheiro acre de fumaça queimada e decomposição.

O peso de sua mochila parecia aumentar a cada passo, mas Jim não se permitia parar. Ele precisava encontrar abrigo antes que a noite caísse completamente. O sol, já escondido atrás de nuvens espessas, lançava um brilho tênue e doentio sobre os prédios em ruínas. As sombras se estendiam longas e escuras, escondendo perigos que Jim sabia estarem sempre à espreita.

Ele passou por uma fileira de carros enferrujados, suas portas abertas como se tivessem sido abandonados às pressas, com o interior saqueado há muito tempo. Alguns ainda tinham restos de esqueletos no banco do motorista ou no chão, pessoas que tentaram fugir, mas nunca chegaram a lugar algum.

Enquanto caminhava, Jim mantinha seus sentidos em alerta máximo. Qualquer som — o rangido de metal, o estalo de madeira, até mesmo o farfalhar das folhas — poderia significar perigo. Os Vermes, as criaturas grotescas que já enfrentara, podiam estar em qualquer lugar, espreitando nas sombras, esperando o momento certo para atacar. Ele não podia se dar ao luxo de ser pego desprevenido.

Após dobrar uma esquina, ele avistou um prédio que parecia relativamente intacto. Era uma loja antiga, com janelas cobertas de fuligem e pôsteres desbotados nas vitrines. A porta estava entreaberta, os restos de um letreiro pendiam perigosamente, como se fosse cair a qualquer momento. O lugar não parecia ser seguro, mas era a melhor opção que ele tinha no momento.

Jim empurrou a porta com cuidado, fazendo-a ranger em protesto. O interior da loja estava mergulhado em sombras. Ele puxou a lanterna da mochila, iluminando o ambiente com um feixe estreito de luz. Prateleiras vazias e viradas, com produtos espalhados pelo chão, sugeriam que o lugar havia sido saqueado logo no início da catástrofe. Ele passou por uma fila de manequins empoeirados, seus corpos sem vida lhe causando um leve desconforto. Havia algo perturbador em ver figuras humanas estáticas em um mundo onde a morte era a norma.

Ele avançou cautelosamente pela loja, verificando cada canto, cada corredor. Finalmente, encontrou uma pequena sala nos fundos, com uma porta de metal que ainda parecia robusta o suficiente para oferecer alguma proteção. Ele entrou, trancando a porta atrás de si, e se encostou na parede, deixando o cansaço do dia pesar sobre ele.

Jim soltou um longo suspiro, fechando os olhos por um momento. O silêncio ali dentro era quase ensurdecedor, mas ele preferia isso ao caos lá fora. Ele retirou a bonequinha de Emma de dentro da jaqueta e a segurou, sentindo um nó se formar em sua garganta. Era o único pedacinho de Emma que lhe restava agora, e ele se apegava a isso como a um bote salva-vidas em um mar revolto.

O chão de concreto era duro e frio, mas Jim se sentou ali mesmo, encostando-se à parede, a mochila servindo de apoio. Ele sabia que precisava descansar, mas o sono não vinha

facilmente. Sua mente continuava revivendo os eventos do dia, a brutalidade com que havia matado, a fúria que sentia em cada golpe. Ele se sentia sujo, enojado consigo mesmo, mas ao mesmo tempo, sabia que faria tudo de novo se isso significasse ter Emma de volta.

Ele se recostou, tentando acalmar sua respiração e relaxar seus músculos tensos. A bonequinha de Emma estava agora segura em suas mãos, e ele a segurava como se fosse a coisa mais preciosa do mundo, porque era.

Lá fora, os sons da cidade morta começavam a tomar forma à medida que a noite caía. O vento uivava pelas ruas, e, ao longe, Jim pensou ter ouvido o grunhido distante de um Verme. Ele sabia que estava seguro por enquanto, mas o que o aguardava quando o dia nascesse era incerto.

Jim sentiu o peso esmagador do silêncio na pequena sala onde se abrigara. Cada som, cada batida de seu coração, parecia ecoar nos recessos de sua mente, trazendo à tona memórias que ele tentava desesperadamente enterrar. O cansaço o dominava, mas havia algo que ele precisava fazer antes de permitir que o sono o levasse.

Com mãos trêmulas, Jim abriu a mochila e retirou o violão, que tocava todas as noites para Emma, e que tocara durante a gravidez de sua mulher, a Sarah. Era um instrumento velho, mas ainda robusto, o único consolo que ele podia oferecer a si mesmo naquela noite solitária. Ele passou os dedos pelas cordas, sentindo a textura sob a pele calejada. Era um gesto familiar, mas ao mesmo tempo doloroso. Ele não tocava há muito tempo, desde que o mundo havia virado de cabeça para baixo.

Com o violão repousando em seu colo, Jim olhou para a bonequinha de Emma, que estava cuidadosamente colocada ao lado dele. Aquele pequeno pedaço de pano, costurado com tanto amor, agora era tudo o que ele tinha de sua filha. Ele engoliu em seco, sentindo as lágrimas começarem a se formar em seus olhos, enquanto pensamentos de Sarah, sua esposa, vinham à tona.

Ele murmurou para si mesmo, a voz quebrada pela emoção. — Sarah... eu falhei. — Sua voz era um sussurro, quase inaudível, mas carregava toda a dor e arrependimento que ele sentia. A lembrança de sua esposa, morta no dia em que Emma nasceu, no dia da Queda, o esmagava. Ele falhara em proteger a mulher que amava, e agora, sua filha estava em perigo, perdida em algum lugar do mundo sombrio que restava.

Com um suspiro profundo e um peso no peito, Jim começou a tocar as primeiras notas de “Tears in Heaven”. As cordas vibraram suavemente, preenchendo o espaço com uma melodia melancólica, mas cheia de sentimento. Cada acorde era como uma ferida sendo reaberta, mas ele continuava, deixando a música falar por ele, expressando o que as palavras não podiam.

Enquanto tocava, ele começou a cantar, sua voz baixa e rouca, carregada de emoção:

“Seria igual, se eu te visse no paraíso?

Eu devo ser forte, e seguir em frente

Pois eu sei que não pertenço aqui no paraíso...”

As palavras saíam entrecortadas, conforme as lágrimas desciam pelo seu rosto. Ele cantava não apenas para Sarah, mas para Emma, onde quer que ela estivesse. A dor de sua perda, o medo de nunca mais vê-la, tudo estava presente naquelas notas. Ele cantava para sua filha como se ela estivesse ali, como se a música pudesse de alguma forma alcançar seu coração e dizer a ela que ele não a abandonaria, que ele faria qualquer coisa para trazê-la de volta.

Jim continuava tocando, as lágrimas agora fluindo livremente. A música era tanto uma oração quanto uma confissão. Ele sentia cada palavra com uma intensidade quase

insuportável, como se a letra da canção tivesse sido escrita para ele, para o momento em que vivia.

“O tempo pode te derrubar, o tempo pode te curvar
O tempo pode partir seu coração, te fazendo implorar, te fazendo implorar...”

O som do violão ecoava na pequena sala, misturando-se com os soluços silenciosos de Jim — era como se ao tocar o violão, ouvia a voz de Sarah. Ele olhou para a bonequinha de Emma enquanto tocava, como se estivesse cantando diretamente para ela, como se estivesse prometendo a sua filha que não desistiria, que continuaria lutando, não importa o que acontecesse.

“Além da porta, há paz, eu tenho certeza
E eu sei que não haverá mais lágrimas no paraíso...”

A voz de Jim falhou nas últimas palavras, a emoção transbordando. Ele parou de tocar, as notas finais reverberando no ar por um momento antes de se dissiparem na escuridão. Ele ficou ali, imóvel, o violão repousando em seu colo, enquanto as lágrimas continuavam a cair. A música havia tirado dele o pouco de força que ainda tinha, mas também lhe dera uma espécie de clareza.

Ele sabia que não podia falhar de novo. Não por Sarah, mas por Emma. Sua filha era tudo o que restava, a única razão para continuar. Com essa determinação renovada, mesmo em meio à dor esmagadora, Jim guardou o violão, puxou a bonequinha de Emma para mais perto e, finalmente, permitiu-se fechar os olhos, com uma única promessa em mente: ele iria encontrá-la.

E ninguém, nada, ficaria em seu caminho. E pegou no sono.

Após algumas horas, Jim acordou de um sono inquieto, o corpo tenso e a mente alerta. O som que o despertou não era o usual silêncio opressor da noite, mas algo mais ameaçador. Ele ouviu o ronco grave de um motor pesado, que foi seguido pelo estrondo de portas sendo arrombadas e o eco de passos apressados e vozes ásperas do lado de fora. Seu coração acelerou enquanto se levantava, puxando a pistola que mantinha sempre ao alcance.

Ele se aproximou da janela com cuidado, evitando qualquer movimento brusco que pudesse fazer barulho. Espiou pelas frestas sujas e o que viu fez seu sangue gelar: um caminhão blindado avançava lentamente pela rua, seus faróis varrendo a escuridão enquanto parava em frente a cada casa. O veículo parou bruscamente e, em seguida, homens começaram a descer. Eles estavam armados até os dentes, vestindo uniformes irregulares com coletes à prova de balas, cada um carregando rifles automáticos e facas de combate. Eram milicianos — um grupo de sobreviventes que haviam abandonado qualquer pretensão de civilidade, vivendo pela lei do mais forte, saqueando, matando e dominando qualquer um que cruzasse seu caminho. Eles se moviam com eficiência, como se estivessem em uma missão bem ensaiada. Esses homens eram perigosos, e Jim sabia que, se fosse descoberto, não teria chance contra eles.

— Rápido, entrem logo e limpem a área! — uma voz autoritária ordenou, cortando o silêncio da noite. Era um dos milicianos, provavelmente o líder do grupo. — Peguem o que puderem e não deixem testemunhas!

Jim observou enquanto os milicianos se espalhavam, invadindo casas com brutalidade eficiente. O som de portas sendo arrombadas, seguido por gritos abafados e tiros, ecoava pelas ruas desertas. Eles estavam saqueando e matando, limpando cada casa como uma praga que devorava tudo em seu caminho.

— Não deixe nada para trás, qualquer coisa de valor pode ser útil — gritou outro miliciano, enquanto arrastava alguém para fora de uma casa e o jogava ao chão, antes de disparar uma bala na cabeça da vítima sem hesitar.

Jim sabia que precisava sair dali antes que eles chegassem até ele. Cada segundo era precioso, e o instinto de sobrevivência começou a tomar conta, suprimindo o medo. Ele se afastou da janela e rapidamente recolheu suas coisas, incluindo a bonequinha de Emma, guardando-a com cuidado na mochila. Com a pistola em mãos, ele caminhou silenciosamente até a porta nos fundos da loja, tentando não fazer barulho.

Enquanto ele destrancava a porta, um novo estalo de arrombamento ecoou na casa ao lado.

— Mais uma porta aberta! Limpem o local! — o líder gritou, enquanto o som de passos pesados se aproximava da loja em que Jim estava.

Sem perder tempo, Jim abriu a porta e se esgueirou para fora, movendo-se com a máxima cautela pelo beco lateral. O som dos milicianos vasculhando a área ao redor o fazia apressar os passos. Porém, ele não podia correr ainda; precisava manter a discrição até estar a uma distância segura.

Mas, enquanto tentava escapar, um estalo traiçoeiro de madeira ecoou debaixo de seus pés, quebrando o silêncio momentâneo. Um dos milicianos levantou a cabeça ao ouvir o som e olhou em direção ao beco.

— Ei, tem alguém ali! — gritou o miliciano, apontando na direção de Jim. Em questão de segundos, os faróis do caminhão blindado giraram para o beco, iluminando-o com intensidade. Jim soube que havia sido visto.

Sem pensar duas vezes, ele começou a correr, o coração batendo forte contra o peito. O som de passos acelerados e gritos de perseguição o seguiam, e ele ouvia claramente as ordens sendo gritadas.

— Peguem ele! Não deixem escapar!

O clarão de tiros iluminou o beco enquanto Jim corria o mais rápido que podia, desviando para a direita em uma tentativa desesperada de despistar os perseguidores. Balas ricochetearam nas paredes ao seu redor, mas ele não se permitiu parar. Seu corpo estava em alerta máximo, movendo-se por puro instinto de sobrevivência.

Ao virar a próxima esquina, Jim avistou uma cerca de arame farpado bloqueando o caminho. Não havia outra escolha. Ele correu em direção à cerca e, com um salto, conseguiu agarrar o topo e se impulsionar para o outro lado. O arame farpado rasgou a manga de sua jaqueta e arranhou sua pele, mas ele não parou. Ao cair no chão do outro lado, rolou rapidamente e continuou correndo, agora com uma leve dor no braço, mas determinado a escapar.

Os milicianos pararam por um momento, os tiros cessando enquanto tentavam localizar seu alvo.

— Droga, ele está fugindo! — gritou um deles. — Não o percam de vista!

Jim aproveitou a pausa, encontrando uma pequena alcova entre dois prédios onde poderia se esconder. Ele ficou ali, imóvel, o corpo inteiro tenso, enquanto os faróis do caminhão variavam a área novamente. Seus olhos estavam fixos na estrada principal, esperando o momento certo para se mover novamente.

Após o que pareceram horas, mas foram apenas alguns minutos, os milicianos recuaram, retornando ao caminhão para continuar seu saque. Jim não se atreveu a sair de seu esconderijo até que os sons dos motores se distanciassem.

Quando finalmente sentiu que era seguro, Jim saiu da alcova, ainda ofegante. A adrenalina o mantinha em movimento, e ele sabia que tinha que continuar. A cidade estava cheia de perigos, e ele havia acabado de escapar de um deles. Não podia se dar ao luxo de ser pego de novo.

Com passos rápidos e cautelosos, Jim seguiu em frente. Após algumas horas caminhando, observou ao longe um letreiro caído, que dizia “Bem-vindo a Oakridge” e logo Jim já entendeu onde estava.

— Buck.

Oakridge já havia sido uma pequena comunidade vibrante, mas agora não passava de ruínas. As casas estavam em pedaços, com as janelas quebradas e a vegetação crescendo descontroladamente, reclamando o que antes era civilização. O vento assobiava pelas ruas desertas, levando consigo folhas secas e o odor pungente de morte.

Jim avançou com cuidado, sabendo que cada passo poderia desencadear uma armadilha. Buck sempre fora um homem precavido e, desde que o mundo desmoronara, essa precaução se tornara uma obsessão.

Conforme ele se aproximava do centro da cidade, avistou a igreja — um dos poucos edifícios que ainda permaneciam de pé, embora decrépitos. A torre do sino estava torta, prestes a desabar a qualquer momento. E foi então que sentiu um puxão forte em sua perna. Uma corda camuflada se apertou em torno de seu tornozelo e, antes que pudesse reagir, ele foi erguido do chão, ficando pendurado de cabeça para baixo a alguns metros do solo.

— Merda! — Jim gritou, enquanto tentava alcançar o cinto para cortar a corda.

— Quem diabos tá invadindo o meu território? — uma voz rouca soou ao longe, seguida por passos lentos, mas firmes. Buck apareceu entre as sombras, um rifle apontado diretamente para Jim. Seu rosto estava sujo, os cabelos grisalhos e desalinhados emoldurando olhos cansados, mas alertas.

— Sou eu, Buck! — Jim respondeu rapidamente, tentando não parecer ameaçador enquanto balançava no ar. — Jim Carter!

Buck estreitou os olhos, estudando Jim por um momento, antes de abaixar o rifle ligeiramente. — Jim? É mesmo você, desgraçado?

— Sou eu, cara! Pode me soltar?

Buck suspirou, abaixando o rifle completamente e caminhando até o mecanismo que controlava a armadilha. Com um giro rápido de uma alavanca, Jim despencou no chão com um baque surdo, soltando um gemido de dor ao aterrissar.

— Sempre achei que alguém acabaria com a minha paciência, mas não esperava que fosse você. — Buck murmurou, ajudando Jim a se levantar. — Que diabos você tá fazendo aqui?

Jim esfregou o tornozelo dolorido, recobrando o equilíbrio.

— Tô em busca de Emma... — ele disse, com um nó na garganta. — Ela foi levada por um maníaco do mercado negro chamado Marlowe. Preciso chegar a New Ashbourne.

Os olhos de Buck se estreitaram.

— Marlowe? Aquele desgraçado tá no meio de uma zona de guerra, e pra chegar lá, você sabe o que precisa fazer, certo? Passar pela Via 44.

Jim assentiu, já antecipando o que Buck ia dizer.

— Você sabe o que tem na Via 44, Jim? O Véu da Morte. Aquela estrada... ela não é natural. É como se o inferno tivesse se fundido com o mundo real. E lá dentro, as Quimeras... elas não são como os Vermes comuns. São... outra coisa. — Buck deu um passo para mais perto de Jim, o olhar sério. — Eu posso te ajudar a atravessar a cidade, mas não vou pra lá. Não sou idiota.

Jim engoliu em seco.

— Eu sei. Mas eu preciso tentar. Emma... ela é tudo o que eu tenho.

Buck o encarou por um longo momento, e então soltou um suspiro pesado.

— Merda, Jim... Eu deveria te dar um tiro e acabar com isso agora mesmo. Mas... — Ele parou, os olhos endurecendo. — Eu ajudo você a atravessar essa cidade. Mas você me deve munição e comida. E se encontrarmos alguma coisa valiosa pelo caminho, é minha. Jim assentiu, grato.

— Fechado.

— Vamos logo. O sol não vai ficar no céu pra sempre, e não quero estar por aí quando a noite cair. — Buck resmungou, começando a caminhar na frente.

Enquanto eles avançavam pelas ruas desertas de Oakridge, o som de passos se misturava ao farfalhar das árvores e ao vento que soprava pelas ruínas. Buck estava quieto, mas Jim sentia a tensão no ar. Sabia que, por mais que Buck estivesse ajudando, o ex-militar não confiava em ninguém — nem mesmo em um velho amigo.

Eventualmente, Buck quebrou o silêncio.

— E quanto à Emma? O que aconteceu?

Jim hesitou por um momento, a dor da lembrança ainda fresca em sua mente.

— Eu fui traído. Estávamos tentando escapar, quando eles nos pegaram. Vendida como uma mercadoria. Preciso trazê-la de volta.

Buck fez um barulho de desgosto.

— O mundo foi pro inferno de vez. E vai ficar pior. — Ele olhou para Jim. — Mas, se alguém pode sobreviver a essa maldita estrada, é você.

Jim não tinha certeza se aquilo era uma demonstração de confiança ou apenas um lembrete do quão insano seu plano era. Mas, naquele momento, não importava. Ele seguiria em frente, atravessaria o Véu da Morte e enfrentaria as Quimeras. Nada o impediria de encontrar Emma.

— Capítulo Sete —

Salmos 23:4

Jim caminhava pelas ruas desertas de Oakridge, o sol se escondendo lentamente por trás de nuvens carregadas. A cidade parecia ter sido esvaziada de vida, com prédios desmoronados e veículos abandonados em meio ao caos. A poeira e o cheiro de podridão preenchiam o ar. Seus passos eram metódicos e silenciosos, cada movimento calculado para evitar chamar a atenção. A mochila nas costas parecia cada vez mais pesada, um lembrete constante do peso de sua missão e da responsabilidade que carregava para com sua filha.

Buck, seu companheiro endurecido e cínico, seguia ao seu lado, os olhos atentos ao ambiente ao redor. O velho e confiável rifle de Buck estava pendurado sobre seu ombro, e seus passos eram pesados, mas não menos cautelosos.

— Ei, Jim — Buck começou, quebrando o silêncio tenso. — Onde tá o desgraçado do Mark? Vocês não desgrudavam.

Jim hesitou antes de responder, o peso da perda ainda muito recente.

— Mark... morreu. Não deu pra salvar ele. — A voz de Jim estava carregada de dor e frustração.

Buck olhou para Jim, seus olhos escuros e penetrantes mostrando um traço de surpresa.

— Merda. A gente já perdeu tanta gente. Não é fácil, eu sei.

O silêncio voltou por um momento, enquanto ambos continuavam a caminhar por entre os destroços das casas. A cidade estava completamente abandonada, com as casas em ruínas e os jardins completamente tomados pela vegetação selvagem. O vento carregava folhas secas e pequenos detritos, e o ocasional som de rachaduras e estalos vindos de lugares invisíveis criava um pano de fundo inquietante.

Eles se aproximaram de um mercado pequeno, o tipo de lugar onde, em tempos normais, se compraria pão fresco e leite. Mas agora, era um campo minado de destroços e perigo. Buck deu um leve aceno de cabeça, indicando que entrariam. Jim assentiu, ajustando sua empunhadura na arma, o dedo ao lado do gatilho, mas não pressionando.

Dentro, o ar era pesado e úmido, carregado com o odor de mofo e carne apodrecida. Prateleiras estavam tombadas, os produtos esparramados pelo chão, muitos já devorados por ratos e insetos. Jim acendeu a lanterna, o feixe de luz cortando a escuridão como uma lâmina. Movendo-se silenciosamente, eles vasculharam o lugar em busca de algo útil.

— Ei, Buck — Jim sussurrou, puxando uma lata de feijão ainda intacta de debaixo de uma prateleira caída. — Olha isso. Ainda tá boa.

Buck pegou a lata, seus olhos analisando rapidamente a data de validade. Ele assentiu com um raro sorriso de aprovação.

— Esse aqui ainda vai dar pro gasto.

Enquanto Jim guardava a lata na mochila, um ruído leve, como de algo sendo arrastado, chamou a atenção de ambos. Eles congelaram, escutando. Buck levantou o dedo, pedindo silêncio, e logo depois um gesto rápido para que Jim ficasse para trás. Seguindo o som, Buck se moveu em direção ao fundo do mercado.

O que eles encontraram foi um cenário grotesco. Um grupo de Vermes estava se alimentando de algo — ou alguém — perto dos fundos da loja. Essas criaturas, uma vez humanas, agora eram uma mistura bizarra de carne putrefata e vegetação, como se a natureza houvesse começado a reivindicar seus corpos. Um deles, maior que os outros, tinha o rosto quase completamente oculto por uma máscara de fungos esbranquiçados, suas mãos deformadas cobertas de espinhos afiados. De sua boca, que parecia fundida com a pele apodrecida ao redor, escorria um líquido viscoso e negro.

— Malditos... — Buck murmurou, puxando um fio de metal de sua mochila, o enrolando em algo que parecia um dispositivo rudimentar.

Antes que Jim pudesse perguntar, Buck jogou o dispositivo para o meio dos Vermes. Um segundo depois, um som estridente encheu o ar, seguido de uma explosão rápida e devastadora. Fragmentos das criaturas voaram em todas as direções, pedaços de carne e osso ricocheteando nas paredes.

— Essas porcarias nem merecem ser chamadas de gente — Buck resmungou, satisfeito com a carnificina que causara.

Jim apenas assentiu, movendo-se rapidamente para sair dali. Eles tinham que seguir em frente antes que o barulho atraísse mais dessas coisas.

Continuaram a caminhada pela cidade, entrando e saindo de diferentes casas, cada uma mais deteriorada que a anterior. Em uma delas, ao abrir a porta, Buck ativou um fio quase invisível, e imediatamente um peso despencou do teto, esmagando um Verme que esperava do outro lado. A criatura, antes que pudesse reagir, foi esmagada, sua cabeça estourando como uma melancia.

— Sempre confiável — Buck comentou, se referindo à sua armadilha. Jim continuou em silêncio, apenas querendo sair dali o mais rápido possível.

Eles entraram em outra casa, mais opulenta do que as anteriores. Talvez tenha pertencido a alguém rico antes do mundo desabar. Os corredores eram amplos e decorados com móveis de madeira antiga, agora cobertos de poeira e teias de aranha. O silêncio era opressor.

Enquanto exploravam, um Verme emergiu de uma sala lateral, suas entranhas parcialmente expostas, a pele pendurada em farrapos. Buck o abateu com um tiro limpo na cabeça antes que a criatura pudesse dar um passo. Outro apareceu logo atrás, mas este foi pego por uma armadilha que Buck havia deixado na entrada: uma placa de madeira com pregos, que perfurou seus pés e o fez cair para frente, onde foi esmagado por uma tábua armada com facas enferrujadas.

— Eles só vêm pra morrer — Buck zombou, satisfeito com sua engenhosidade mortal.

Eles saíram da casa, os passos ecoando pelas calçadas quebradas, enquanto Buck guiava o caminho. O silêncio entre eles era confortável, mas também sufocante, carregado com o forte medo que Jim sentia.

— Sabe, Buck — Jim começou, sua voz soando pesada, quase como se as palavras tivessem que ser arrancadas dele. — Eu não sei por quanto tempo mais consigo continuar assim. Não é só sobre sobreviver... é a falta de esperança. Antes, cada dia era uma luta, mas havia... algo. Emma, por exemplo. — Ele pausou, lutando para manter a voz firme.

— Ela é tudo o que me resta. Mas, às vezes, me pergunto se realmente estou fazendo a coisa certa, arrastando-a por esse inferno.

Buck, que normalmente respondia com um sarcasmo mordaz ou um comentário cínico, ficou em silêncio por um momento, refletindo.

— Jim, eu entendo. Não é fácil. Mas a gente não tá aqui só pra sobreviver, cara. A gente tá aqui porque ainda tem algo pelo que lutar. Eu também já me perguntei se vale a pena... cada dia é um inferno novo. Mas você tem sua filha. Ela é a razão pela qual você continua, e não importa o quão fodido o mundo esteja, isso ainda significa algo.

Jim suspirou, sentindo um misto de alívio e angústia ao ouvir as palavras de Buck.

— Mas... e se eu não conseguir, Buck? E se, no final, tudo isso for em vão? — Ele parou de caminhar, o rosto carregado de cansaço e dúvida.

Buck parou também e olhou para Jim, os olhos endurecidos suavizando por um breve momento.

— A única coisa que eu sei, Jim, é que a gente não pode desistir antes de tentar. Esse mundo pode ter virado uma merda, mas enquanto a gente tiver um ao outro, enquanto Emma tiver você... ainda existe uma chance. E é isso que a gente precisa continuar buscando, não importa o quão longe esteja.

Jim balançou a cabeça, reconhecendo a verdade nas palavras de Buck, mesmo que fosse difícil aceitá-las. Eles retomaram a caminhada, o silêncio entre eles agora carregado com um entendimento mútuo.

Entraram em mais uma casa, esta aparentemente intocada pela devastação. Jim se sentiu estranho ao cruzar a soleira, como se estivesse invadindo um santuário. A sala de estar estava intacta, com móveis ainda arrumados e fotos de família emolduradas penduradas nas paredes. Ele se aproximou de uma mesa, onde um jogo de tabuleiro havia sido deixado, as peças ainda dispostas como se alguém tivesse interrompido o jogo de repente.

— Era isso que eu queria para Emma, sabe? — Jim disse, quebrando o silêncio enquanto olhava para as fotos de uma família sorridente. — Uma vida simples, segura. Não algo assim... — Sua voz tremia levemente.

Buck, que estava examinando a cozinha, parou e olhou para Jim.

— A gente nunca escolhe o que vai enfrentar, Jim. Só escolhemos como vamos reagir. O mundo que você queria pra Emma... pode até estar perdido, mas você ainda pode dar a ela algo valioso. Ensinar a lutar, a sobreviver. E talvez, um dia, ela consiga viver em um mundo melhor, porque você a ajudou a chegar lá.

Jim assentiu lentamente, internalizando as palavras de Buck. Ele sabia que Buck estava certo, mas a realidade ainda era difícil de encarar. Olhou novamente para as fotos, tentando se imaginar no lugar daquela família, vivendo uma vida que agora parecia impossível.

Eles continuaram a explorar a casa, pegando o que podiam usar. Enquanto vasculhavam um dos quartos, ouviram um barulho vindo do andar de baixo. Ambos se entreolharam, sabendo que precisavam se preparar para o pior.

— O que acha que é? — Jim perguntou, já se posicionando ao lado da porta, com a arma em punho.

— Vermes, provavelmente. Vamos resolver isso — Buck respondeu, sua voz carregada com a dureza de alguém que já lidara com aquele tipo de situação inúmeras vezes.

Desceram as escadas lentamente, cada degrau rangendo sob seus pés. Quando chegaram à sala de estar, viram um Verme pendurado em uma das armadilhas de Buck, perfurado por espigões de metal que saíam das paredes. A criatura ainda se debatia, mas seu fim era inevitável.

Jim olhou para Buck e viu o orgulho sombrio nos olhos do companheiro.

— Você realmente tem um jeito com essas armadilhas, hein? — disse Jim, tentando aliviar a tensão.

Buck deu de ombros.

— Um homem tem que ter seus talentos, certo? — respondeu com um meio sorriso.

Jim olhou novamente para a criatura moribunda. Apesar da brutalidade, sentiu uma pontada de tristeza. Aquilo que estava à sua frente já foi humano, alguém com uma vida e talvez uma família. Mas agora, era apenas um monstro, algo que precisava ser eliminado para que eles pudessem continuar vivos.

— É triste, sabe? — Jim disse, sua voz baixa, quase como se estivesse falando consigo mesmo. — Antes, eu costumava acreditar que todo mundo merecia uma segunda chance. Mas... não há segunda chance pra eles, não é? Só um fim.

Buck assentiu.

— Não. Não há. E às vezes, a única coisa que podemos fazer é acabar com o sofrimento deles... e seguir em frente.

Eles observaram em silêncio enquanto o Verme dava seu último suspiro, sua vida monstruosa chegando ao fim. Quando o corpo finalmente parou de se mover, Jim soltou o ar que nem percebeu que estava segurando.

— Vamos embora daqui — Buck disse, voltando a assumir a liderança. — Temos que continuar.

Jim se viu forçado a confrontar a realidade da situação, enquanto saiam de mais uma casa e seguiam em frente.

— Buck, você já... já se perguntou se virou um monstro?

Buck parou por um instante, uma expressão de surpresa e desconforto passando por seu rosto.

— Um monstro? — Ele refletiu, sua voz carregada de uma sinceridade inesperada. — Às vezes, eu me pergunto se a gente ainda sabe o que é certo ou errado nesse mundo. Já fiz coisas que eu nunca imaginei fazer antes. Só que às vezes, a sobrevivência exige mais de nós do que gostaríamos de dar.

Jim balançou a cabeça, um sentimento de dúvida e angústia tomando conta dele.

— Eu tento proteger minha filha, mas o que eu faço pra mantê-la segura... isso me assombra. Às vezes, sinto que estou me tornando alguém que eu não reconheceria mais. Não quero que ela veja um monstro quando olhar pra mim.

Buck caminhou em silêncio por um momento, antes de falar novamente.

— Ninguém aqui é perfeito, Jim. O mundo não é mais preto e branco. É cheio de cinza. Você faz o que precisa fazer para proteger quem você ama. Isso não te transforma em um monstro. Só te faz humano.

Os dois continuaram seu caminho, agora atravessando um bairro que parecia ter sido abandonado há décadas. As casas estavam em estado deplorável, algumas com telhados desabados e outras com fachadas cobertas por grafites e pichações. O chão estava coberto de escombros e detritos, e Jim teve que desviar de vários obstáculos enquanto avançava. De repente, Jim avistou algo que fez seu estômago se revirar. Um grupo de Vermes novos estava à vista. Essas criaturas eram uma aberração ainda mais repulsiva do que as anteriores. Seus corpos eram cobertos por uma camada viscosa e verde, com olhos vermelhos brilhantes e dentes afiados como lâminas. Suas garras eram longas e escuras, e os movimentos deles eram rápidos e imprevisíveis.

Buck fez um gesto para que Jim se escondesse atrás de um carro abandonado, e os dois observaram enquanto os Vermes se moviam lentamente pela rua. Jim se esforçou para manter a respiração calma, o medo e a repulsa se misturando em seu peito. Os Vermes estavam em busca de presas, suas cabeças se movendo de um lado para o outro, como se estivessem farejando o ar por qualquer sinal de vida.

Quando finalmente o grupo de Vermes se afastou, Jim e Buck saíram de seu esconderijo e continuaram a caminhada. O tempo parecia estar se arrastando, a tensão e o medo diminuindo lentamente à medida que avançavam. O cansaço começava a pesar sobre Jim, seus músculos estavam tensos e suas forças começavam a se esgotar.

Finalmente, chegaram ao final da cidade, onde a Via 44 começava. O que antes era uma estrada movimentada agora estava coberto por uma névoa alaranjada que se espalhava como um manto sinistro. A névoa parecia pulsar com uma energia doentia, e a visão da estrada se tornava cada vez mais turva e distorcida.

— Olha isso — Buck murmurou, seus olhos fixos na névoa que se estendia à sua frente.
— Essa névoa é uma porcaria. Nunca é bom ver isso — disse Buck, sacanco um objeto cilíndrico com um forte cheiro que polvora, ele ascendeu um pavil que se encontrava debaixo do objeto e o jogou para dentro da nevoa.

Antes do objeto estourar, apenas com o suave barulho que ele fizera ao encostar no solo, foi o suficiente para ouvir diversos rugidos ameaçadores. E ao estourar, diversas silhuetas sombrias e flutuantes circulavam o explosivo, agora transformado apenas em poeira.

— Viu, é disso que eu to falando — resmungou Buck — Aquelas desgraçadas das Quimeras... você não sabe de onde vem, nem para onde vão, só sabe que vão te levar direto pro inferno... malditas.

— Pois é... é para lá que eu vou — respondeu Jim, passando por Buck e seguindo em direção a nevoa.

— Você pirou de vez? Não acabou de ouvir o que eu disse? Não dá pra lutar com algo que não se pode tocar! — Buck chamou, tentando impedir Jim de continuar.

Jim parou por um segundo, sem se virar, a voz carregada de tristeza e resolução.

— Mas quem disse que eu quero lutar... Adeus, Buck, e obrigado por tudo.

Ele retirou duas máscaras de sua mochila, segurando-as com cuidado. Uma lágrima solitária desceu por seu rosto enquanto ele se lembrava de sua garotinha, o motivo de tudo aquilo. — Eu vou te resgatar — sussurrou Jim, mais para si mesmo do que para Buck.

Buck, percebendo que não havia como dissuadir Jim, suspirou profundamente.

— É... você realmente pirou de vez... QUE DEUS TE ACOMPANHE, JIM! — encorajou Buck, sua voz carregada de um respeito resignado.

Jim não respondeu. Ele simplesmente ele prendeu sua lanterna UV na máscara, a colocou, apertou as alças e deu o primeiro passo em direção à névoa. Conforme se aproximava, as Quimeras se afastavam brevemente, desconfiadas do brilho fraco que a máscara emitia. Jim sabia que a luz UV poderia mantê-las afastadas por algum tempo, mas não o suficiente. Ele teria que ser rápido, silencioso, e principalmente, invisível.

Dentro da névoa, a realidade se distorceu ainda mais. Os fragmentos flutuantes do chão pareciam mais numerosos, como se o mundo estivesse se quebrando em pedaços ao seu redor. Cada passo parecia desestabilizar o ambiente, fazendo com que mais e mais pedaços de concreto e asfalto se desprendessem do chão e começassem a flutuar lentamente ao seu redor.

Jim sentia o perigo iminente, como uma presença tangível que o rodeava. Ouvia o som distante das Quimeras, um sussurro quase inaudível, como uma brisa passando por folhas secas. Ele sabia que não podia fazer barulho, que um único som poderia selar seu destino. Movendo-se com o máximo de cuidado, ele continuou avançando, a escuridão à sua volta sendo penetrada apenas pelo fraco brilho de sua máscara.

A névoa parecia viva, respirando ao seu redor, e Jim sentia-se como uma presa em um labirinto mortal, onde qualquer movimento em falso poderia atrair as Quimeras para ele. A cada passo, o peso da responsabilidade aumentava. Ele precisava salvar Emma, mas, para isso, precisaria enfrentar não apenas as Quimeras, mas o próprio desespero que ameaçava consumi-lo.

E então, em meio à escuridão e à névoa, Jim ouviu algo. Não o rugido das Quimeras, mas um som fraco, quase imperceptível... um gemido. Ele parou, todos os sentidos em alerta. Poderia ser Emma? Ou seria outra armadilha, mais um truque desse mundo quebrado? Não havia como saber. Mas Jim sabia que tinha que arriscar.

A respiração de Jim ficou mais pesada, a adrenalina correndo por suas veias enquanto ele se aproximava da origem do som. O chão flutuante à sua frente abriu-se como uma fenda no tempo, e, por um breve momento, ele viu através da névoa uma figura fraca, caída no chão, cercada por sombras.

Ele se aproximou com o máximo de cautela, sentindo as Quimeras se moverem ao seu redor, seus sussurros agora mais próximos, mais ameaçadores. A figura no chão se mexeu, e Jim sentiu seu coração saltar no peito. Ele tinha que chegar até lá, mas como faria isso sem atrair as criaturas?

O som de um ramo quebrando atrás de Jim interrompeu seus pensamentos, e ele se virou bruscamente, sua lanterna tremulando na névoa. As Quimeras estavam perto, seus corpos ondulando na escuridão como sombras vivas, esperando pelo momento certo para atacar.

— Não agora... — Jim sussurrou para si mesmo, sentindo o desespero aumentar.

Ele precisava agir rápido. Pegando uma pedra do chão flutuante, ele a lançou na direção oposta, tentando desviar a atenção das criaturas. As Quimeras reagiram instantaneamente, movendo-se como um enxame em direção ao som. Ao se afastarem, Jim voltou ao normal, e percebeu que o grito, fora apenas uma ilusão causada pelas Quimeras.

Enquanto caminhava, ele passava por carros abandonados. As janelas estilhaçadas e os pneus murchos davam um aspecto melancólico. Jim vasculhou um dos carros, encontrando uma pequena bolsa de primeiros socorros e algumas garrafas de água que ele guardou com cuidado na mochila. O som de metal arranhando e vidro quebrando parecia amplificado na névoa, e Jim sabia que precisava ser rápido. O menor ruído poderia chamar a atenção das Quimeras. Caminhando ainda mais lento, começou a notar sua lanterna falhar, ela piscava incessantemente, e Jim preocupado decidiu acelerar o passo, foi quando não notou uma lata no meio da estrada. E a chutou, fazendo seu barulho ecoar por toda a estrada.

Um rugido seguiu, as Quimeras, atraídas pelo barulho, começaram a se manifestar ao seu redor, suas formas nebulosas ondulando como nuvens densas e sinistras.

Jim estava paralisado por um momento, o medo congelando seus movimentos. Ele tentou recuperar a compostura e começou a correr, mas o chão flutuante parecia se mover contra ele. Os pedaços de asfalto e concreto giravam ao redor, tornando a corrida mais difícil. Cada passo era uma luta, o chão se quebrando e flutuando, e as Quimeras estavam cada vez mais próximas, seus sussurros transformando-se em rugidos guturais.

Ele desviava dos carros abandonados e dos restos de estruturas destruídas, procurando um caminho que não o levasse diretamente às Quimeras. Mas a névoa tornava a visão quase impossível, e ele estava constantemente desorientado. Cada sombra que passava parecia uma ameaça iminente. Jim usou uma pedra para criar distrações, mas a quantidade de barulho parecia apenas intensificar a presença das Quimeras ao seu redor.

O rugido de uma Quimera fez com que Jim olhasse para trás, e ele viu a forma nebulosa da criatura se aproximando com uma velocidade assustadora. Ele se voltou novamente para o caminho em frente, suas pernas pesadas e cansadas. Ele sabia que não tinha muito tempo. O medo e a adrenalina estavam em alta, e sua respiração estava irregular, como se o mundo ao seu redor estivesse desmoronando.

Ele passou por uma antiga loja de eletrônicos, a entrada quebrada e coberta por escombros. Sem pensar duas vezes, Jim se escondeu entre os restos da loja, o brilho da máscara de UV ajudando a manter as Quimeras longe por alguns segundos preciosos. O som das criaturas se aproximando era inconfundível; eles estavam se movendo rapidamente, e Jim podia sentir a tensão no ar.

Foi então que o chão sob ele começou a se fragmentar ainda mais, as Quimeras pareciam estar se preparando para um ataque definitivo. Jim estava cercado por sombras, e ele sabia que o tempo estava se esgotando. A névoa parecia se tornar cada vez mais densa, e a sensação de estar sendo observado era palpável.

Então, o som estridente de um sinalizador cortou a névoa, e Jim ouviu o barulho de uma explosão distante. As Quimeras, atraídas pelo som, começaram a se mover em direção à origem do barulho, suas formas nebulosas se agitando freneticamente. O brilho de fogo que surgiu do fundo da névoa trouxe uma luz temporária, e Jim aproveitou o momento de distração para se mover rapidamente.

Ele correu com todas as forças que lhe restavam, o som do fogo e do sinalizador guiando-o para fora da névoa. Ao sair, viu Buck, acendendo um poderoso lança-chamas, que fazia a névoa se dissipar brevemente, e gritando para as Quimeras. O caos criado por Buck deu a Jim uma brecha preciosa.

— Ei, suas desgraçadas! Venham chupar isso aqui! — gritou Buck, sua voz carregada de desafio e raiva.

Jim aproveitou a abertura. Ele correu o mais rápido que pôde, o peso da mochila se tornando quase insuportável, mas a visão de Buck e o som do fogo lhe deram um impulso final. Ao sair da névoa, Jim olhou para trás e viu as Quimeras se afastando, atraídas pela distração criada por Buck. Ele caiu no chão, respirando pesadamente, suas pernas tremendo de exaustão. Jim levantou a cabeça, os olhos cansados fixos no cenário ao redor. Ele estava na Rodovia 45, uma estrada deserta e coberta de poeira, carros enferrujados e enfiladeirados, muito musgo, que se estendia diante dele. Uma placa caída, ainda visível entre os escombros, confirmava sua localização:

Rodovia 45 Leste:

Para New Ashbourne – 140 km

Para Middletown – 137 km

Para Lakeside – 8 km

O letreiro caído, embora danificado e coberto de ferrugem, ainda era um farol de orientação em meio ao caos. New Ashbourne estava a uma distância considerável, mas isso não desanimou Jim. Ele se levantou, determinado, e começou a seguir pela estrada.

– Capítulo Oito –

Bem-vindo a Lakeside

Jim avançava pela Rodovia 45, o peso da mochila puxando seus ombros para baixo a cada passo, mas ele seguia em frente. A estrada, deserta e cercada por árvores mortas, parecia se estender infinitamente, com apenas o som rítmico de suas botas contra o asfalto para romper o silêncio opressor. O céu, encoberto por nuvens densas, refletia a escuridão que ele sentia por dentro, e o vento frio soprava ocasionalmente, fazendo os galhos secos das árvores balançarem como ossos de um esqueleto.

Os 8 quilômetros até Lakeside não eram apenas uma medida de distância; eram um teste de resistência, tanto física quanto mental. A solidão pesava sobre Jim, trazendo lembranças dolorosas que ele tentava enterrar. Cada passo parecia uma luta para manter essas memórias à distância, mas elas insistiam em se infiltrar em seus pensamentos.

Ao longo do caminho, ele avistava carros abandonados, alguns com portas abertas, outros com janelas estilhaçadas. A natureza havia começado a reivindicar o que a humanidade havia deixado para trás — capôs cobertos de musgo, pneus tomados por hera, e o cheiro de metal oxidado misturado ao ar frio. Em um desses carros, ele encontrou um rifle de precisão, mas sem munições, o que poderia indicar que alguém passara por ali a pouco tempo. Ele jogou o rifle para as costas e seguiu seu caminho.

Os quilômetros seguintes foram preenchidos por um silêncio inquietante, o tipo de silêncio que parecia segurar a respiração do mundo. Jim mantinha os olhos atentos ao seu redor, cada sombra, cada movimento na periferia de sua visão poderia ser uma ameaça. Ele sabia que as Quimeras e Vermes não eram as únicas coisas a temer — bandidos, saqueadores, ou até mesmo os próprios sobreviventes poderiam ser tão perigosos quanto as criaturas. Mas, por enquanto, tudo o que ele enfrentava era a vastidão vazia da estrada, uma solidão implacável que o obrigava a continuar, mesmo quando cada fibra de seu ser gritava para que parasse.

Quando finalmente avistou a placa enferrujada que dizia “**Bem-vindo a Lakeside,**” Jim sentiu um misto de alívio e apreensão. A cidade estava próxima, mas ele sabia que a verdadeira provação ainda estava por vir. Ele desacelerou o passo, observando a entrada de Lakeside. As casas eram pequenas e decrepitas, a maioria com telhados desabados e janelas quebradas, enquanto a vegetação crescia desordenadamente, cobrindo calçadas e invadindo tudo.

Jim caminhava pelas ruas de Lakeside, o peso da solidão se intensificando a cada passo. As casas abandonadas, com suas janelas quebradas e portas escancaradas, eram um reflexo da desolação que dominava o lugar. As ruas, cobertas por escombros e vegetação, pareciam ter sido esquecidas pelo tempo. Jim sabia que, se quisesse aumentar suas chances de chegar a New Ashbourne e encontrar Emma, precisava de transporte. A caminhada solitária e perigosa não era uma opção viável.

Enquanto avançava pelo que parecia ser a rua principal da pequena cidade, Jim avistou um posto de gasolina ao longe. A estrutura estava visivelmente desgastada, com placas enferrujadas balançando ao vento e bombas de combustível caídas no chão. Mas o que

chamou sua atenção foi um carro, um velho SUV, parcialmente coberto por folhas e detritos, estacionado ao lado do posto.

Jim se aproximou com cautela, mantendo a mão firme em sua arma. Ao chegar mais perto, ele inspecionou o veículo. Era um modelo antigo, mas robusto, do tipo que poderia aguentar terrenos difíceis. O estado exterior do carro era razoável, embora houvesse sinais de ferrugem nas portas e vidros sujos. Jim tentou abrir a porta do motorista, e para sua surpresa, ela cedeu com um rangido alto.

O interior do carro estava empoeirado, mas relativamente intacto. O painel estava rachado, e havia uma velha lanterna jogada no banco do passageiro, junto com alguns mapas desgastados. Jim se abaixou e puxou os fios debaixo do volante, seus dedos trabalhando rapidamente. Ele já havia feito isso antes — uma habilidade adquirida na dura realidade do novo mundo.

Depois de alguns segundos, uma faísca surgiu e o motor tossiu, resistindo ao despertar. Jim segurou a respiração enquanto tentava mais uma vez. Desta vez, o motor roncou para a vida, um som que foi ao mesmo tempo gratificante e preocupante. O barulho alto poderia atrair atenção indesejada, mas Jim sabia que precisava arriscar.

Ele verificou o tanque de combustível, encontrando-o quase vazio, mas havia esperança. Jim correu até uma das bombas caídas e tentou bombear o que restava de gasolina. Surpreendentemente, a bomba ainda tinha um pouco de combustível. Ele encheu o tanque o máximo que pôde, sabendo que cada gota seria crucial.

De volta ao SUV, ele ajustou os espelhos e lançou um último olhar ao posto de gasolina, percebendo como aquele pequeno sucesso representava uma chance de sobrevivência, mas também um convite para mais perigos. Jim sabia que estava longe de estar seguro, mas pelo menos agora, ele tinha algo mais ao seu favor.

Ligando o motor, ele acelerou lentamente pela rua deserta, deixando Lakeside para trás. O som dos pneus esmagando os escombros ressoava pelas ruas vazias, enquanto o SUV cortava o silêncio da cidade morta. Jim mantinha os olhos atentos no caminho à frente, enquanto avançava pela cidade, as calçadas quebradas e desniveladas, não fizeram Jim notar que o pneu estava murchando aos poucos, e ao conseguir se afastar do posto, a uma distância considerável, o pneu estourou. O estrondo ecoou pela estrada, e um som desesperador surgiu, os Vermes estavam vindo, atraídos pelo som.

Sem perder tempo, Jim adentrou uma casa que tinha a porta derrubada.

A casa estava em ruínas, uma sombra do que um dia foi um lar acolhedor. Por fora, a pintura outrora vibrante estava descascada, revelando a madeira apodrecida por baixo. As janelas estavam quebradas, com estilhaços de vidro espalhados pela varanda, que se inclinava perigosamente. Ervas daninhas cresciam entre as rachaduras no cimento do pátio, enquanto trepadeiras invadiam as paredes, engolindo a estrutura com sua vegetação selvagem. O telhado estava parcialmente desmoronado, deixando partes do andar superior expostas aos elementos, e a porta da frente pendia precariamente de uma única dobradiça, oscilando levemente ao vento.

Por dentro, a casa era um cenário de caos e desolação. O corredor de entrada estava escuro, com o papel de parede rasgado e manchado pela umidade. Os móveis estavam revirados, como se alguém os tivesse jogado em um frenesi de desespero ou raiva. Restos de comida apodrecida cobriam o chão da cozinha, atraindo ratos que se moviam rapidamente entre os detritos. O ar era pesado e mofado, misturado com o cheiro de madeira velha e coisas que há muito haviam perdido sua vitalidade.

Jim, cauteloso, adentrou a casa. Seus passos eram silenciosos, mas sua respiração estava acelerada, o peito subindo e descendo em um ritmo controlado. Ele caminhou pelo corredor estreito, os olhos fixos nas escadas que levavam ao andar de cima. O ranger de cada degrau sob seu peso era uma lembrança constante da fragilidade daquele lugar.

Ao alcançar o topo da escada, um som inesperado o fez congelar. O barulho vinha de um dos quartos à sua frente. Passos apressados ressoaram sobre o assoalho de madeira, seguidos por um leve arranhar. Jim levantou sua pistola, mantendo-a próxima ao rosto, os olhos analisando cada sombra e movimento. Seu coração batia forte, mas sua mente estava fria e focada.

Ele se moveu em direção ao som, entrando em um quarto que parecia ter pertencido a uma criança. O papel de parede infantil, agora desbotado, mostrava animais sorridentes e cores vibrantes que haviam perdido sua alegria com o tempo. No canto do quarto, um berço vazio estava virado de lado, com roupas de bebê espalhadas pelo chão em uma cena melancólica de abandono.

Ao se aproximar, Jim abaixou a arma, percebendo que o som que ouvira antes era apenas de um pequeno animal, talvez um rato, que agora se escondia nas sombras. Ele se ajoelhou e pegou uma das roupinhas do chão. Era pequena e macia, coberta de poeira, mas ainda trazia consigo o fantasma do conforto que um dia proporcionou. Segurando a roupa contra o peito, ele fechou os olhos e sussurrou para si mesmo, com uma voz carregada de dor e determinação:

— Estou indo, meu anjo.

Jim ficou ali por alguns segundos, sentindo a suavidade da roupa em suas mãos calejadas, antes de colocá-la cuidadosamente em sua mochila. Ele sabia que precisava seguir em frente, e que cada segundo perdido poderia significar o fim.

Saindo do quarto, ele começou a procurar um novo pneu para o carro, sabendo que precisava agir rápido antes que os Vermes chegassem. Jim sabia que a tarefa de encontrar um pneu em boas condições seria quase impossível naquele mundo devastado. Após vasculhar várias casas e garagens, sua frustração só aumentava à medida que cada pneu que encontrava estava rasgado, rachado ou simplesmente desintegrado pelo tempo. Ele precisava improvisar.

Voltando para o carro, Jim começou a coletar pedaços de borracha que encontrou em antigos colchões de ar, sapatos velhos, uma velha bomba de bicicleta, e até mesmo restos de mangueiras de jardim. Ele sabia que a borracha precisaria ser reforçada para suportar o peso do veículo e resistir ao terreno acidentado.

Com as ferramentas rudimentares que carregava — um canivete, algumas tiras de arame e a velha bomba de bicicleta que havia encontrado anteriormente —, Jim começou a criar uma solução. Ele cortou as tiras de borracha em tamanhos específicos e as enrolou em torno da roda danificada. Para manter tudo no lugar, ele usou o arame, amarrando as tiras firmemente em um padrão entrelaçado. O próximo passo era encher esse improviso com algum tipo de material que desse resistência e estabilidade ao pneu.

Olhando ao redor, Jim encontrou algumas esponjas velhas e pedaços de tecido grosso em uma das casas. Ele os cortou em pedaços menores e começou a enfiá-los dentro da estrutura que havia criado, pressionando o material com a maior força possível para garantir que ficasse compacto. Porém, ele sabia que isso ainda não seria suficiente para garantir a resistência necessária.

Foi então que teve uma ideia. Jim lembrou-se de um método que seu pai havia mencionado há muito tempo, algo que ele nunca imaginou que usaria. Ele desceu até o porão de uma das casas e encontrou um barril de óleo velho. Com uma garrafa de vidro quebrada, ele fez um pequeno funil improvisado e começou a despejar óleo dentro da estrutura do pneu. O óleo serviria para lubrificar a borracha e o tecido, tornando o material mais resistente à fricção e, de certa forma, ajudando a manter a forma enquanto o pneu girava.

Com tudo pronto, Jim pegou a velha bomba de bicicleta e, após selar o máximo possível da estrutura com tiras de tecido e pedaços de borracha, começou a bombear ar para dentro.

A resistência do óleo ajudava a manter o ar comprimido dentro do pneu improvisado, criando uma pressão suficiente para que o pneu pudesse aguentar o peso do carro — pelo menos temporariamente.

Após algum tempo de trabalho, finalmente, Jim terminou a tarefa. O pneu estava longe de ser perfeito, mas parecia robusto o suficiente para permitir que ele saísse da cidade e seguisse em frente.

De volta ao carro, Jim ligou o motor e começou a avançar lentamente pela estrada, tentando não forçar demais o pneu improvisado. A cada metro que passava, o som áspero da borracha improvisada girando contra o asfalto lhe lembrava da precariedade de sua situação. As calçadas quebradas e o terreno acidentado faziam o veículo tremer, mas ele continuava, determinado a se afastar o máximo possível antes que algo desse errado novamente.

O sol estava se pondo, tingindo o céu com tons de laranja e púrpura, quando o primeiro grito rasgou o silêncio. Jim congelou por um momento, o som agudo e animalesco ecoando pelas ruas vazias. Ele olhou pelo retrovisor e viu as figuras distorcidas dos Vermes emergindo das sombras. Eles estavam mais próximos do que ele esperava, suas formas contorcidas correndo em direção ao carro com uma velocidade assustadora.

Jim pressionou o acelerador, tentando ganhar distância, mas o carro não respondia como deveria. O pneu improvisado estava se desfazendo mais rápido do que ele havia calculado. O veículo sacolejou violentamente, mas ele manteve o controle, o foco total em se afastar da horda que se aproximava.

Os Vermes estavam cada vez mais perto, seus gritos aumentando de volume, preenchendo o ar com um terror palpável. Jim sabia que, se eles o alcançassem, não teria nenhuma chance. Ele puxou a pistola de seu coldre e começou a disparar pela janela do carro, seus tiros precisos atingindo os monstros em cheio. Cada tiro contava, e Jim não desperdiçou uma única bala.

Os Vermes caíam um a um, mas novos surgiam a cada esquina, como se a cidade inteira estivesse infestada. Jim continuava a atirar, suas mãos firmes apesar do pânico crescente em seu peito. O carro sacolejava e gemia, a carroceria ressoando com o impacto das criaturas que tentavam alcançá-lo. Mesmo enquanto disparava, Jim sabia que sua munição estava acabando, e os Vermes não mostravam sinais de desistir.

Finalmente, o som seco e definitivo da última bala disparada ecoou na noite. Jim apertou o gatilho novamente, mas nada aconteceu. Ele estava sem munição. Os Vermes continuavam a avançar, e o carro começou a perder velocidade, o pneu improvisado finalmente cedendo sob a pressão. O desespero tentou tomar conta, mas Jim se recusou a ceder. Com uma última tentativa, ele girou o volante bruscamente, desviando o carro para uma rua lateral, onde os prédios e destroços poderiam fornecer alguma cobertura.

O carro deslizou pelo asfalto, batendo contra detritos e paredes enquanto Jim manobrava para escapar da horda. Os Vermes se espremiavam pelas ruas estreitas, seus gritos de raiva ecoando nos becos. Jim não tinha para onde correr, mas sua determinação de sobreviver, de continuar sua busca por Marlowe e cumprir sua promessa a Emma, era mais forte do que o medo que pulsava em suas veias.

Com um último esforço, Jim conseguiu despistar parte dos Vermes, levando o carro para um terreno mais aberto onde podia manobrar melhor. Ele sabia que o pneu não aguentaria muito mais, mas, por ora, o carro ainda estava em movimento. Ele avançou pela cidade, o motor rugindo enquanto o sol finalmente se punha por completo, mergulhando o mundo em uma escuridão ameaçadora. E Jim, prosseguiu, atravessando a cidade, e chegando ao outro lado da rodovia, onde sua próxima parada seria em Middletown.

– Capítulo Nove –

Hordas, e Hordas, e mais Hordas

Jim dirigia através da escuridão, o motor do carro rugindo enquanto a paisagem desolada passava rapidamente ao seu redor. O pneu improvisado estava começando a dar sinais de que não aguentaria muito mais. Cada buraco na estrada, cada pedaço de destroço que ele encontrava fazia o carro sacudir violentamente, forçando-o a manter ambas as mãos firmes no volante. A exaustão pesava sobre seus ombros, mas ele sabia que não podia parar. Não agora.

A estrada solitária finalmente levou Jim à entrada de Middletown, uma cidade que ele esperava poder atravessar com alguma facilidade. Mas quando as primeiras luzes fracas e distantes começaram a aparecer no horizonte, Jim percebeu que algo estava terrivelmente errado.

Middletown não estava deserta.

O farol do carro iluminou o que parecia ser um mar de corpos se movendo lentamente pelas ruas principais da cidade. Vermes, em números que ele jamais imaginara ser possível, ocupavam cada canto, cada beco, cada casa. A superlotação era absurda, uma verdadeira infestação. Eles se arrastavam pelas calçadas, vagavam em grupos pelos cruzamentos, enchendo o ar com seus gritos angustiantes.

Jim parou o carro no acostamento, matando o motor e apagando as luzes, o coração martelando em seu peito. Ele observou com uma mistura de terror e fascinação enquanto a horda de criaturas se movia pela cidade como uma maré implacável. A ideia de atravessar Middletown parecia suicida, mas ele não tinha escolha. O caminho por onde veio não era uma opção e, além disso, ele precisava continuar em frente, continuar sua busca.

Ele respirou fundo, apertando o volante até seus nós dos dedos ficarem brancos, e então pegou sua mochila do banco do passageiro. Dentro, ele verificou rapidamente seus suprimentos. Pouca comida, uma garrafa d'água quase vazia, e apenas uma faca de caça. Sem munição. Ele teria que ser inteligente, silencioso, e rápido.

Jim saiu do carro, movendo-se com cautela. Cada passo sobre o asfalto rachado era calculado, cada som minimamente controlado. Ele sabia que um único erro poderia atrair centenas de Vermes para sua localização. O plano era simples, pelo menos em teoria: ele precisava encontrar um ponto alto na cidade, onde pudesse observar o que havia pela frente e, quem sabe, encontrar uma rota segura para atravessar.

Jim avançava furtivamente pelas ruas laterais, tentando evitar a atenção das hordas que infestavam as avenidas principais. Cada passo era cuidadoso, os olhos atentos a qualquer movimento, os ouvidos captando o menor som. A cidade estava morta, mas, ao mesmo tempo, cheia de vida na forma mais grotesca possível. Finalmente, ele avistou um prédio comercial, uma vez imponente, mas agora uma carcaça do que havia sido. A fachada estava coberta de plantas trepadeiras que se enrolavam nas colunas de concreto, enquanto destroços se amontoavam na entrada principal. O prédio parecia ser uma boa opção para um ponto de observação.

Jim se aproximou, verificando os arredores antes de entrar. O interior estava mergulhado em uma escuridão opressiva, quebrada apenas por pequenos feixes de luz que passavam

através das janelas quebradas. O chão estava coberto de cacos de vidro, pedaços de móveis destruídos e papelada antiga espalhada, como se o tempo tivesse congelado naquele local no momento do colapso. Jim apertou o cabo da faca em sua mão, sabendo que qualquer ruído inesperado poderia atrair os Vermes.

Subindo as escadas, ele sentiu o cheiro característico da podridão. O ar era pesado com a umidade, e o som de seus passos ecoava suavemente pelas paredes nuas. O primeiro andar estava repleto de escritórios abandonados, suas portas arrancadas de suas dobradiças, com cadeiras derrubadas e mesas quebradas. Papéis amarelados cobriam o chão como folhas mortas, documentos que uma vez foram importantes, agora esquecidos e irrelevantes. Jim espiou por um corredor lateral e viu uma máquina de café caída, com uma poça de água estagnada ao redor. A cena o fez pensar em como aquele lugar já havia sido cheio de vida, com pessoas indo e vindo, preocupadas apenas com suas rotinas diárias.

Ao subir para o segundo andar, Jim notou que a destruição parecia piorar. Havia rachaduras nas paredes e partes do teto haviam desabado, expondo os canos e cabos que antes estavam escondidos. Ele desviou de uma pilha de escombros, passando por uma sala de reuniões onde a mesa central estava partida ao meio, e as cadeiras, viradas de cabeça para baixo, pareciam marionetes sem cordas. Uma antiga televisão estava caída em um canto, a tela rachada em uma teia de linhas escuras. Jim sentiu o peso do silêncio, como se o prédio estivesse segurando sua respiração junto com ele.

Quando Jim finalmente chegou ao terceiro andar, seu coração bateu mais forte ao ver uma janela intacta, parcialmente coberta por um tecido desbotado. Ele se aproximou com cautela, espiando através do vidro sujo. A visão que encontrou era desoladora. Os Vermes cobriam as ruas lá embaixo, suas formas grotescas se movendo como uma maré implacável. Pareciam estar em toda parte, preenchendo cada espaço disponível com sua presença abominável. O cenário era um pesadelo em carne viva, uma visão do apocalipse que ele agora vivia.

Jim estudou a área com atenção. Embora o centro da cidade estivesse infestado, ele notou que a periferia parecia ter menos movimentação. Era ali que ele precisava focar. Talvez houvesse uma rota que pudesse seguir sem ser detectado, mas para isso, ele teria que descer e se mover com extremo cuidado.

Jim começou sua descida com o mesmo cuidado, mas agora seu coração estava acelerado, a adrenalina correndo em suas veias. No entanto, a sensação de estar preso em uma ratoeira era esmagadora. Ao alcançar novamente o segundo andar, ele notou que uma das janelas tinha a grade enferrujada solta, criando uma possível rota de escape. Ele empurrou a grade com força, forçando-a até ela ceder, e começou a escalar para fora.

Seu plano era seguir pelos telhados de prédios comerciais adjacentes. Esses edifícios estavam relativamente próximos uns dos outros, permitindo que ele pudesse saltar de um para o outro. A primeira tentativa foi bem-sucedida; Jim aterrissou suavemente no telhado ao lado. Ele se moveu rapidamente, mas com cautela, sentindo o concreto sob seus pés. O vento soprava leve, agitando os cabelos suados e trazendo consigo o cheiro do ar poluído e decadente da cidade.

Porém, sua sorte não durou. Ao pular para o telhado de uma antiga loja de departamentos, o som de madeira quebrando soou como um tiro no silêncio da noite. O telhado cedeu sob seu peso, e Jim sentiu o chão desaparecer debaixo de seus pés. Ele caiu através da estrutura, aterrissando em uma confusão de metal retorcido e tijolos quebrados. A dor explodiu em seu corpo, especialmente nas costas e nas pernas, mas Jim sabia que não podia gritar, não podia demonstrar fraqueza. Ele mordeu o lábio para conter um gemido, sentindo o gosto de sangue em sua boca.

A queda fez um barulho alto o suficiente para ecoar pela rua deserta. Jim ouviu os Vermes ao longe, seus gritos aumentaram de intensidade enquanto se moviam em direção ao som.

O tempo estava se esgotando. Ele se forçou a levantar, ignorando a dor que irradiava por todo o seu corpo. Seus músculos estavam tensos, a respiração era irregular, mas ele sabia que precisava continuar.

Arrastando-se para fora dos escombros, Jim olhou desesperadamente ao redor, tentando encontrar um lugar seguro. Viu uma loja de conveniência a poucos metros de distância e correu em direção a ela, empurrando a porta de vidro com força. Lá dentro, o ar era abafado, cheirando a mofo e alimentos apodrecidos. Ele rapidamente usou as prateleiras e caixas para bloquear a entrada, tentando impedir que os Vermes o alcançassem.

O som dos Vermes batendo contra as portas e paredes era incessante, um lembrete de que a segurança era temporária. Jim recuou para o fundo da loja, mergulhando na escuridão quase total. A única luz vinha de uma lâmpada piscante no teto, lançando sombras erráticas pelo chão coberto de lixo. Ele se agachou atrás de uma geladeira quebrada, a faca firmemente segura em sua mão, esperando que a horda perdesse o interesse e seguisse adiante.

Jim sabia que sua única opção era esperar, contar os segundos até que os Vermes se dispersassem. O tempo parecia se arrastar, cada batida de seu coração era acompanhada pelo som dos Vermes lá fora. Ele controlou sua respiração, tentando manter-se calmo, focado no que precisava fazer para sobreviver.

Finalmente, o barulho começou a diminuir. Jim esperou mais alguns minutos, certificando-se de que a horda realmente estava se afastando antes de sair de sua posição. Com extremo cuidado, ele começou a remover a barricada, ciente de que qualquer som poderia trazer os Vermes de volta.

A noite estava mais fria quando ele saiu da loja de conveniência. O silêncio reinava, quebrado apenas pelo som distante de passos arrastados. Jim sabia que não podia baixar a guarda, não até estar a uma distância segura da cidade. Ele começou a correr, sentindo a dor em seus músculos se intensificar, mas a determinação de sobreviver era maior.

Middletown logo ficou para trás. Ele continuou em frente, porque parar significava morrer. E ele não podia se dar ao luxo de morrer. Não ainda.

– Capítulo Dez –

Vinde a mim, vós que estais cansados e oprimidos

A lua estava cheia e alta nos céus. Jim cambaleava, cada passo uma luta contra o cansaço e a dor lancinante que irradiava de suas pernas. Seus joelhos vacilavam sob o peso do cansaço e da exaustão, fazendo-o tropeçar repetidamente. Ele mal conseguia manter os olhos abertos.

Ele atravessou uma fileira de carros abandonados, o metal enferrujado refletindo a luz pálida da lua. Seus olhos varriam os veículos, mas tudo o que encontrava eram caixas de remédios vazias e sacos plásticos rasgados, evidências da desesperança que pairava sobre a rodovia. Ele continuava, seu corpo forçando cada movimento, até que seus pés finalmente cederam, e ele caiu de joelhos no asfalto áspero. A dor cortante percorreu suas pernas, mas não foi isso que fez as lágrimas brotarem em seus olhos.

Jim começou a sussurrar, sua voz fraca e quase inaudível, como se as palavras fossem para ele mesmo, mais do que para qualquer outro.

— Eu estou cansado... minha princesa... não posso desistir! Ela é tudo que eu tenho... tudo...

Ele abaixou a cabeça, o corpo tremendo de exaustão e desespero. O peso de tudo o que havia passado, de tudo o que havia perdido, parecia se acumular sobre seus ombros. Por um momento, ele permitiu que as lágrimas caíssem livremente, sem resistência. Era a primeira vez em muito tempo que ele se permitia ser vulnerável, que permitia que a dor e o medo o dominassem, mesmo que fosse por um breve instante.

Foi então que, no canto de seu olho, algo chamou sua atenção. Ele olhou para o lado e viu um objeto parcialmente encoberto por destroços e poeira. Com dificuldade, ele se arrastou para mais perto e, ao afastar os escombros, revelou um livro de capa preta, surrado pelo tempo e pela negligência. Era uma Bíblia.

A capa estava manchada e desgastada, como se tivesse sido manuseada muitas vezes antes de ser abandonada ali, mas as páginas estavam surpreendentemente intactas. Jim hesitou por um momento antes de pegá-la. Ele não era um homem religioso; na verdade, nunca havia sido. Mas, naquele momento de total esgotamento, algo o compeliu a abrir o livro. As páginas se abriram quase por conta própria, como se um vento invisível tivesse passado por ali. O texto diante dele estava em Mateus 11:28-30, as palavras destacando-se com uma clareza impressionante, como se estivessem falando diretamente a ele:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

Jim olhou para as palavras, deixando que elas penetrassem sua mente e seu coração. O significado era simples, mas poderoso. Ele estava cansado, mais cansado do que jamais estivera, e a promessa de alívio, de descanso, era tentadora. Por um momento, ele sentiu como se a Bíblia em suas mãos fosse um ancoradouro, algo para segurá-lo à realidade enquanto tudo ao seu redor desmoronava.

Ele fechou os olhos, respirando profundamente. As palavras ficaram gravadas em sua mente, e ele sentiu uma leveza inesperada, como se um pequeno peso tivesse sido retirado de seus ombros, mesmo que apenas temporariamente. A ideia de que havia algo ou alguém lá fora oferecendo descanso, mesmo nas circunstâncias mais sombrias, deu-lhe uma centelha de esperança. Talvez não estivesse sozinho nessa luta.

Com uma sensação de renovada determinação, Jim fechou o livro lentamente. Ele segurou a Bíblia contra o peito, a textura fria e áspera agora um símbolo de esperança. A Bíblia parecia oferecer mais do que uma mensagem; era um lembrete de que ele não estava sozinho, de que havia algo maior que o ajudava a suportar o peso de suas responsabilidades e medos.

Jim limpou as lágrimas restantes, sentindo o frio cortante da noite como uma realidade tangível. Ele levantou-se com esforço, suas pernas ainda doendo, mas com um propósito renovado. Cada passo que ele dava agora era impulsionado por uma força interior que ele não sabia que possuía. A Bíblia foi cuidadosamente guardada em sua mochila, um farol de esperança em meio à escuridão.

Com um último olhar para a lua brilhante, que parecia agora um testemunho silencioso de sua luta, Jim continuou sua jornada. A estrada diante dele era incerta e cheia de perigos, mas a determinação em seu coração era firme. Sua missão era clara: resgatar Emma e enfrentar qualquer obstáculo que surgisse no caminho. A jornada ainda estava longe de terminar, mas Jim sabia que agora carregava consigo uma centelha de esperança que o guiaria através das sombras.

– Capítulo Onze –

Emma Rasgada

New Ashbourne era um lugar que Jim quase não reconhecia mais. Onde antes existia uma cidade próspera, agora havia apenas um emaranhado selvagem de árvores e plantas que reivindicavam tudo que a humanidade um dia construiu. Raízes grossas estouravam o asfalto, quebrando ruas em pedaços irregulares, enquanto videiras grossas se entrelaçavam em torno de prédios que um dia tocaram o céu. A natureza havia reconquistado seu domínio, transformando a cidade em uma selva pós-apocalíptica.

Jim avançava com cautela, atento a cada som, a cada movimento nas sombras. Ele sabia que os Vermes não eram os únicos predadores naquela selva de concreto. A cidade estava tomada por saqueadores, grupos de homens endurecidos pela nova realidade, dispostos a matar por qualquer coisa que pudesse garantir sua sobrevivência. Para eles, uma alma solitária como Jim era um alvo fácil.

Depois de horas de caminhada pelos destroços, Jim encontrou um antigo posto de controle militar, agora invadido pela vegetação. O que sobrou dos soldados que o defendiam eram apenas esqueletos cobertos de musgo. Vasculhando com cuidado, ele encontrou uma caixa de munição parcialmente enterrada entre os escombros. Era como encontrar ouro. Com dedos trêmulos, ele carregou a espingarda e encheu o pente da pistola. O peso das armas em suas mãos oferecia uma frágil sensação de segurança, um lembrete de que ele ainda tinha uma chance.

Com as armas carregadas, ele continuou a explorar a cidade, seguindo as direções vagas que lembrava de seu mapa mental. O hospital abandonado onde Emma estava sendo mantida não estava longe, mas Jim sabia que o caminho até lá seria qualquer coisa menos fácil.

O silêncio foi quebrado quando ele chegou ao que parecia ser um antigo shopping center, agora uma ruína tomada por trepadeiras e árvores. Jim não teve tempo de reagir. Do nada, algo duro o atingiu na cabeça, e tudo ficou embaçado. Ele caiu de joelhos, lutando para se manter consciente. Antes que pudesse se levantar, mãos ásperas o agarraram e o arrastaram para a escuridão.

Quando a visão voltou, Jim se encontrou cercado por quatro homens. Seus rostos eram uma mistura de cicatrizes e sujeira, olhos famintos que brilhavam com crueldade. Eles não disseram nada, apenas o observaram enquanto um dos homens puxava uma faca sem serra, enferrujada e opaca. A lâmina estava coberta de manchas escuras, marcas de tortura passadas. Jim conhecia aquele tipo de faca – feita para causar dor, não para matar rapidamente.

Ele tentou se levantar, mas o homem mais próximo o chutou de volta ao chão, segurando-o no lugar com o peso de seu pé sobre o peito de Jim. O saqueador com a faca se ajoelhou ao lado dele, um sorriso malicioso brincando em seus lábios rachados. Sem aviso, ele cravou a lâmina no ombro de Jim, arrancando um grito de dor. O corte não era profundo, mas a lâmina rasgou sua carne lentamente, queimando como fogo.

Jim se contorceu, tentando se libertar, mas o homem apenas torceu a faca, ampliando o corte e prolongando a tortura. Os outros saqueadores riam, se deleitando com a dor de Jim. Ele sabia que, se não fizesse algo rápido, eles o matariam ali mesmo, mas não antes de arrancarem tudo o que ele tinha.

Com um último esforço, Jim balançou a cabeça, mordendo o braço do homem que o segurava. A dor intensa o fez liberar um pouco da pressão, o suficiente para Jim soltar um braço e agarrar a pistola no cinto. Ele a puxou e disparou no saqueador mais próximo. O som ecoou pelo shopping vazio, e a bala atingiu o homem na testa, fazendo-o cair de costas.

A confusão tomou conta dos outros. Jim aproveitou o momento e se levantou, ainda sangrando, mas com a adrenalina correndo por suas veias. Ele disparou novamente, acertando outro saqueador no peito. O terceiro tentou correr, mas Jim o alcançou com a espingarda, derrubando-o com um tiro nas costas.

O último saqueador, o que o esfaqueou, tentou fugir também, mas Jim foi mais rápido. Ele o derrubou com um chute nas pernas, fazendo-o cair de cara no chão. Antes que o homem pudesse se virar, Jim o imobilizou e pegou a mesma faca que havia sido usada contra ele. Sem pensar duas vezes, cravou a lâmina no pescoço do homem, rasgando sua carne com violência, e acabando com sua vida de uma vez por todas.

Respirando com dificuldade, Jim caiu de joelhos ao lado do corpo. A dor no ombro era excruciante, mas ele sabia que não podia parar agora. Com as mãos tremendo, ele vasculhou os corpos dos saqueadores e encontrou um mapa rudimentar. Seus olhos, enevoados pela dor e pelo cansaço, concentraram-se em um ponto específico: o hospital. Era lá que Emma estava.

Ele pressionou o mapa contra o ferimento em seu ombro, manchando o papel com sangue. Não havia mais tempo a perder. Com a lâmina enferrujada, ele marcou o local do hospital, sabendo que sua última esperança estava lá. Jim se levantou novamente, apoiando-se na parede de concreto.

Ele estava machucado, sangrando e cansado, mas não podia parar. A selva de concreto ao seu redor parecia observar cada movimento seu, mas Jim estava determinado. Ele iria encontrar Emma, mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

Jim sentia o peso de cada passo. A respiração ofegante e o suor escorrendo por seu rosto deixavam claro que seu corpo estava no limite. A dor no ombro onde a faca havia o cortado pulsava a cada batida do coração, intensificando o cansaço. Suas pernas ameaçavam ceder a qualquer momento, mas ele continuava, movido pela determinação de encontrar Emma.

O calor sufocante da selva de concreto ao redor parecia intensificar sua sede. Ele parou perto de uma velha fonte de água pública, agora invadida pelas raízes e trepadeiras. Por sorte, a água ainda fluía, pingando lentamente de uma rachadura na base. Jim se ajoelhou, apoiando-se com dificuldade, e encheu sua mão com a água. Enquanto bebia, sua mente vagava, tentando encontrar uma forma de continuar apesar da dor.

Foi então que algo chamou sua atenção. No canto de sua mochila, a velha bíblia parecia brilhava. Jim a encarou com descrença e, por um momento, sentiu uma vontade de rir. — Que ridículo — pensou. Não conseguia acreditar que estava sendo atraído novamente a ela.

Ele se levantou, pronto para seguir em frente, mas algo dentro dele o fez hesitar. Talvez fosse o desespero, o medo ou simplesmente a exaustão mental que o fazia considerar qualquer coisa, por mais absurda que fosse. Com um suspiro, ele se aproximou da Bíblia e, ignorando a dor, a pegou.

Os olhos de Jim se fixaram no texto. As palavras de *Lucas 18:1* estavam marcadas:

“Jesus lhes contou uma parábola, para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar.”

Ele leu a passagem mais uma vez, sem acreditar que isso poderia realmente ter algum significado para ele. Oração? Ele nunca havia orado em sua vida. Para ele, orar era algo

abstrato, uma prática que não se aplicava à sua realidade brutal. Mas, ao fechar a Bíblia, aquelas palavras simples e diretas continuaram a ecoar em sua mente.

— Orar sempre e nunca desanimar.

Jim ficou ali parado por alguns segundos, tentando processar o que aquilo significava para ele. O cansaço ainda o dominava, mas, de alguma forma, aquelas palavras deram-lhe uma faísca de força. Ele se levantou, pegou a Bíblia e a colocou no bolso da frente de seu casaco.

Enquanto ele caminhava, algo inesperado aconteceu. Jim começou a falar, quase sem perceber. Sua voz era rouca, as palavras saindo hesitantes e entrecortadas.

— Eu... eu não sei se Você está ouvindo... — ele murmurou, sentindo-se um pouco ridículo por falar com alguém que nunca havia reconhecido. — Eu nunca fui bom com essas coisas, nunca precisei disso, mas... eu preciso agora. Se Você está aí, se pode me ouvir... eu preciso de ajuda. Só... só me ajuda a não desmoronar antes de encontrar minha filha.

As palavras eram simples, desajeitadas, mas saíram do fundo de sua alma. Jim não sabia como orar, não sabia o que deveria dizer, mas de alguma forma, o simples ato de tentar o reconfortou. Não era uma oração formal, nem uma súplica desesperada, mas uma conversa inusitada com alguém que ele nunca conheceu.

E, enquanto continuava seu caminho, a dor e o cansaço ainda estavam lá, mas algo dentro dele havia mudado. Cada passo parecia um pouco mais leve, como se uma pequena parte do peso tivesse sido retirada de seus ombros. A dúvida ainda o acompanhava, mas agora, havia uma pequena chama de esperança que o mantinha em movimento.

Mesmo ferido, mesmo exausto, Jim seguiu em frente. Ele sabia que ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas, pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu que não estava completamente sozinho. Talvez, apenas talvez, aquela voz silenciosa que ele havia ignorado por toda a vida estivesse lá, ouvindo-o.

O hospital estava à vista, um monólito sinistro no horizonte, envolto em uma névoa densa e corrompida. As janelas quebradas e as paredes cobertas de pichações indicavam que a civilização havia abandonado aquele lugar há muito tempo. Jim caminhava com dificuldade, sua respiração ofegante e cada movimento uma luta contra a exaustão. A ferida em seu ombro latejava como uma ferida viva, mas ele continuava, movido pela desesperada necessidade de encontrar sua filha.

As pichações nas paredes do hospital eram símbolos de uma nova ordem, uma facção que se autodenominava "Os Ferrões". O símbolo deles, pintado em amarelo-ferrugem, era uma vespa estilizada com ferrões afiados saindo de seu abdômen, cercada por traços que simulavam asas em movimento. Era uma marca de brutalidade, uma promessa de violência para qualquer um que ousasse cruzar seu caminho. Os Ferrões não eram meros saqueadores; eles eram organizados, implacáveis, e controlavam o hospital como um bastião de sua crueldade.

Jim sabia que não havia como entrar e sair dali sem lutar. Sua raiva, alimentada pela dor e pelo medo de perder Emma, o impulsionava para frente. Cada passo em direção à entrada do hospital era uma declaração de guerra, e ele estava pronto para enfrentar qualquer um que ficasse em seu caminho.

Ao se aproximar das portas quebradas, dois homens armados apareceram na entrada. Seus corpos estavam cobertos por peças de armadura improvisadas – placas de metal enferrujado e couro grosso, com o símbolo dos Ferrões gravado em seus peitos. Eles o viram, mas antes que pudessem reagir, Jim levantou sua espingarda e disparou. O primeiro homem foi jogado para trás, um buraco aberto em seu peito, enquanto o segundo vacilava, tentando erguer sua arma.

Jim não deu chance. Avançou com ferocidade, usando a espingarda como um porrete, esmagando o rosto do segundo homem com o cano da arma. Ossos quebraram, sangue espirrou, e o homem caiu no chão, convulsionando antes de parar de se mover. A brutalidade dos ataques de Jim não era apenas para matar; era uma expressão de sua fúria acumulada, uma fúria alimentada pela perda iminente de sua filha.

Entrando no hospital, Jim foi recebido pelo cheiro de podridão e morte. Os corredores estavam escuros, iluminados apenas por lâmpadas oscilantes, e o som de passos ecoava ao longe. Ele sabia que havia mais deles, e eles viriam atrás dele. Mas ele não tinha medo; ele estava pronto para fazer o que fosse necessário.

Um grupo de três Ferrões apareceu no final do corredor. Um deles estava carregando um machado, enquanto os outros dois seguravam pistolas. Jim correu em direção a eles, disparando sua espingarda. O homem com o machado foi atingido primeiro, a bala rasgando seu abdômen e derrubando-o com um grito. Os outros dois começaram a atirar, mas Jim se jogou para o lado, se abrigando atrás de uma maca virada.

Os tiros ricochetearam ao redor, e Jim esperou, contando os disparos. Quando ouviu o clique seco de uma arma descarregada, ele se levantou e avançou. O primeiro homem mal teve tempo de recarregar antes de Jim agarrá-lo pelo pescoço e o empurrar contra a parede. Com um movimento rápido, Jim puxou a faca do cinto do homem e a cravou em seu olho, torcendo a lâmina até sentir o crânio ceder.

O último Ferrão tentou fugir, mas Jim o perseguiu pelos corredores. O som de seus passos ecoava junto com sua respiração pesada, o sangue pulsando em seus ouvidos. Ele o alcançou em uma sala de cirurgia abandonada. O homem implorava por misericórdia, mas Jim estava além de qualquer compaixão. Ele o empurrou contra a mesa cirúrgica e usou a faca enferrujada que os saqueadores haviam cravado nele antes. Com movimentos lentos e deliberados, Jim cortou o homem, cada ferimento uma resposta à sua própria dor. O homem gritou até sua voz falhar, e o sangue cobriu a mesa em um mar de vermelho escuro.

Jim se afastou, respirando com dificuldade, o corpo todo tremendo. Mas a fúria que o consumia não diminuía, e ele sabia que mais homens dos Ferrões estavam por perto. Seus instintos, aguçados pela sobrevivência, o mantinham em alerta, e ele continuou seu avanço pelos corredores sombrios do hospital.

A medida que se aproximava de outra ala, ouviu vozes ao longe. Eram Ferrões, rindo e conversando despreocupadamente. Jim apertou o cabo da espingarda, sua mente fixada em apenas um objetivo: fazer cada um deles pagar por levar Emma. Ele se esgueirou pelas sombras, aproximando-se do som até poder ver o grupo.

Cinco homens estavam reunidos em torno de uma fogueira improvisada, alimentada por pedaços de madeira e lixo que encontraram. O símbolo dos Ferrões estava marcado em suas roupas esfarrapadas, e eles pareciam relaxados, sem perceber o perigo que se aproximava. Jim respirou fundo, concentrando-se em sua raiva, e disparou.

A primeira bala atingiu o homem mais próximo, perfurando sua cabeça e espalhando sangue e miolos por todos os lados. O grupo entrou em pânico, mas antes que pudessem reagir, Jim já estava sobre eles. Ele atirou no segundo homem, que caiu com um grito, enquanto os outros tentavam sacar suas armas. Mas Jim era mais rápido, movido por uma força quase sobre-humana. Ele disparou mais duas vezes, derrubando mais dois Ferrões. O último homem, percebendo que não tinha chance, largou sua arma e tentou fugir. Jim correu atrás dele, o som de seus passos ecoando pelos corredores vazios. Ele o alcançou em uma escada de emergência, agarrando-o pela gola e o jogando contra a parede. O homem caiu de joelhos, tremendo, implorando por sua vida.

Jim o puxou para cima pelo cabelo, forçando-o a olhar em seus olhos.

— Onde está Emma? — ele rosnou, sua voz carregada de ódio.

— Eu... eu não sei de quem você está falando! — o homem gaguejou, o medo evidente em seus olhos.

Jim pressionou a espingarda contra o peito do homem.

— Você sabe, e vai me dizer agora — o homem começou a chorar, balbuciando algo incompreensível. Jim o sacudiu violentamente, forçando-o a focar. — Fale!

Finalmente, o homem cedeu.

— Eles... eles levaram algumas crianças para o subsolo! Estão usando-as como... como iscas para pegar mais suprimentos. Eu juro, é tudo o que sei!

Jim sentiu a raiva borbulhar dentro de si. Ele pensou em Emma, sua pequena e frágil Emma, sendo usada como isca pelos Ferrões. O homem diante dele era parte disso, e isso o fez ver vermelho. Sem hesitar, ele apertou o gatilho, e o corpo do homem caiu mole no chão, o sangue se espalhando lentamente.

Jim respirou fundo, tentando acalmar a tempestade dentro de si. Ele sabia que não podia parar; tinha que continuar até encontrar Emma. Seguiu em direção ao subsolo, onde a escuridão se tornava ainda mais opressiva. A cada passo, ele se preparava para mais confrontos, sua mente fixada na imagem de Emma. Aquele hospital era um pesadelo, mas Jim estava determinado a sobreviver e resgatar sua filha, custe o que custar.

Quando chegou ao subsolo, o ambiente mudou. As paredes eram frias e úmidas, e o ar estava carregado com um odor pungente de mofo e podridão. O silêncio era pesado, interrompido apenas pelos sons de suas botas no chão de concreto. Jim avançou pelos corredores do subsolo, seus passos ecoando na escuridão opressiva.

Finalmente, ele chegou a uma sala que parecia diferente das outras. A porta de metal estava entreaberta, e Jim a empurrou devagar, com a espingarda pronta para qualquer surpresa. O que ele encontrou, no entanto, foi apenas uma sala vazia, desolada. O cheiro de mofo e ferrugem era forte, e havia sinais de que alguém estivera ali não muito tempo atrás — papéis rasgados no chão, cadeiras derrubadas, e uma sensação de abandono recente.

Jim vasculhou a sala, procurando por qualquer pista, mas não encontrou nada além de destroços e escombros. Nenhum sinal de Emma. A sensação de derrota pesou sobre ele como uma pedra, mas então, algo pequeno e sujo no canto da sala chamou sua atenção.

Aproximando-se, ele viu um pedaço de tecido rasgado, parcialmente escondido sob uma pilha de entulho. Seu coração deu um salto. Ele reconheceu o tecido imediatamente — era parte do vestido de Emma, o mesmo que ela usava quando foram separados. Com mãos trêmulas, ele pegou o pedaço de pano, o coração acelerando.

Foi então que ele viu algo mais. Perto do tecido, havia uma carta, amassada e rasgada, escrita com uma tinta que Jim não reconhecia, quase como se fosse feita de forma improvisada. Ele a pegou com cuidado, tentando juntar os pedaços, e começou a ler as palavras trêmulas, escritas com a caligrafia infantil de Emma.

As palavras na carta eram simples e mal escritas, mas a dor e o medo de Emma eram palpáveis:

"Papá, eu tô com medo. Eles são maus. Eu tentei rezar, mas eu não sei se Deus me ouve. Por favor, ache eu. Eu só quero ir embora. Eu tô esperando. Papá, te amo."

As palavras estavam borradas, como se Emma tivesse chorado enquanto escrevia. Jim sentiu seu coração se partir ao ler aquelas linhas, a inocência e o terror de sua filha transmitidos com tanta força naquele papel. Ele imaginou Emma, sozinha e apavorada, tentando desesperadamente se comunicar com ele, tentando acreditar que ele viria salvá-la.

Jim apertou a carta contra o peito, as lágrimas finalmente escapando de seus olhos. A culpa e o desespero o consumiram. Ele falhara em proteger Emma, mas ainda havia uma

chance, uma esperança de que ela estivesse viva em algum lugar. Essa carta, mesmo rasgada e borrada, era a prova de que ela ainda acreditava nele.

Com cuidado, Jim guardou a carta no bolso, sabendo que não podia desistir. A dor em seu peito agora era acompanhada por uma determinação feroz. Ele subiu para o andar principal do hospital, suas botas ecoando nos corredores silenciosos. Cada passo era um esforço para manter a sanidade, enquanto o peso da missão e o desespero por encontrar Emma cresciam dentro dele.

No caminho, Jim começou a notar coisas que antes haviam passado despercebidas. Na ala médica, encontrou uma sala de controle com gravações de segurança ainda intactas. Ele ligou um monitor e, para sua surpresa, as fitas começaram a rodar. As imagens eram granuladas, mas ainda visíveis — cenas de médicos e enfermeiros correndo, tentando salvar pacientes enquanto o caos se instaurava durante os primeiros dias do surto. Jim assistiu, horrorizado, enquanto as coisas se desmoronavam: a enfermaria cheia, os pacientes gritando, os médicos desesperados. O som dos alarmes e os gritos de pânico ecoavam pelos alto-falantes.

Jim encontrou também um diário empoeirado em uma mesa de cabeceira. As páginas amareladas contavam a história de um dos médicos que trabalhava no hospital no dia do surto. O médico descrevia o início da pandemia com detalhes assombrosos, falando sobre a rápida propagação da doença, as mutações que transformavam os infectados em criaturas violentas, e a desesperança que se abateu sobre a equipe médica quando perceberam que não havia cura.

“Dia 15. Tentamos conter os infectados. Falhamos. Eles são muitos, e nós somos poucos. A doença... ela não é natural. Estamos perdidos.”

Enquanto lia, Jim sentiu um nó se formar em seu estômago. Ele continuou a vasculhar o hospital, encontrando cartas de despedida escritas às pressas, retratando a tragédia pessoal de cada um que esteve ali, até que suas vidas foram interrompidas. A sensação de que aquele lugar estava impregnado de morte e desespero se tornava mais forte a cada descoberta.

Enquanto explorava, Jim ouviu um barulho distante — o som de veículos se aproximando. Ele correu até uma janela quebrada e viu, ao longe, as luzes de faróis cortando a escuridão. Soldados da facção de Marlowe estavam chegando, provavelmente atraídos pelo barulho dos disparos e pela luta que ele havia iniciado.

Jim sabia que estava em desvantagem, mas não tinha tempo para planejar uma fuga. Ele voltou para o corredor principal, onde encontrou uma barricada improvisada com equipamentos hospitalares. Ele se posicionou atrás dela, preparado para a batalha que sabia que estava por vir. Os soldados de Marlowe logo invadiram o hospital, gritando comandos uns aos outros, suas botas ecoando no chão de ladrilhos.

Jim esperou até que estivessem próximos, e então abriu fogo. Os primeiros soldados foram pegos de surpresa, caindo sob a chuva de balas que Jim despejou sobre eles. Mas logo os números começaram a sobrepujá-lo. Ele recarregou sua espingarda com mãos trêmulas, sabendo que sua munição estava acabando. Um soldado o flanqueou e disparou, a bala atingindo-o diretamente no peito.

Jim sentiu o impacto e caiu para trás, o ar sendo arrancado de seus pulmões. Ele olhou para baixo, esperando ver sangue, mas não havia nada. A dor era intensa, mas ele ainda estava consciente, embora confuso. Antes que pudesse processar o que havia acontecido, outro soldado apareceu, e Jim tentou reagir, mas foi atingido por uma coronhada na cabeça, caindo de uma altura considerável através de uma abertura no piso. Ele caiu com força, a escuridão envolvendo sua visão enquanto perdia a consciência.

Tudo se tornou um borrão. Em flashes de memória, Jim viu rostos desconhecidos, sentiu mãos segurando seu corpo enquanto era carregado para algum lugar.

Ele observou que estava em uma mesa de cirurgia, médicos e enfermeiros ao seu redor, suas vozes abafadas enquanto discutiam seu estado. Ele tentou focar, mas tudo girava, até que finalmente sucumbiu à escuridão.

— Capítulo Doze —

A.U.R.A

Jim acordou com uma dor latejante no ombro e no peito, seus sentidos ainda confusos. Ele estava em um quarto estéril, com luzes fortes acima dele. Tentou se levantar, mas uma dor aguda o fez desistir. Olhou ao redor, tentando entender onde estava, até que uma voz familiar falou.

— Finalmente acordou, Jim.

Ele virou a cabeça lentamente, reconhecendo Cassie, a líder da Aura, um grupo rebelde com o qual Jim havia trabalhado anos atrás. Ela estava parada ao lado da cama, os braços cruzados, observando-o com uma expressão indecifrável.

— Você nos deu um trabalho e tanto. Mas não se preocupe, nós o trouxemos de volta.

Jim tentou falar, mas sua garganta estava seca. Cassie, percebendo sua dificuldade, pegou uma garrafa de água e a ofereceu.

— Você levou um tiro no peito. Sorte sua que algo amorteceu o impacto.

Jim franziu a testa, confuso. Com esforço, ele levou a mão ao bolso e sentiu algo duro. Ele puxou sua Bíblia, agora amassada e danificada. Ao abri-la, ele encontrou a bala presa nas páginas, exatamente na passagem dos Salmos 91:7: “Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido.”

Ele ficou em silêncio, o significado daquele momento o atingindo com força. A Bíblia havia salvado sua vida, mas ele não tinha tempo para refletir sobre isso agora. Ele olhou para Cassie, que o observava com um olhar sério.

— Você me deve um favor, Jim, de novo — disse ela. — E é hora de pagá-lo.

Jim, com um olhar embaçado, levantou-se de um pulo.

— Eu já te disse, Cassie, não foi culpa minha. Eu não sabia que era uma emboscada.

Cassie estreitou os olhos, a raiva pulsando em suas palavras.

— Não adianta, Jim. Meu irmão está morto por sua causa. Você devia tê-lo protegido, mas o deixou morrer como um cachorro!

Jim sentiu a culpa familiar se apertar em seu peito, mas ele não podia se permitir fraquejar.

— Eu fiz tudo o que pude. Nós estávamos cercados! Aquele lugar era uma armadilha, Cassie. Eu nunca teria levado vocês se soubesse...

— Não importa — Cassie cortou, a voz dela fria. — Ele se foi, e nada vai mudar isso.

Jim respirou fundo, sentindo a urgência se acumulando dentro dele. Ele sabia que essa era a sua única chance de conseguir a ajuda de Cassie.

— Cassie, eu entendo sua raiva. E eu mereço isso. Mas, por favor, escute. Emma foi sequestrada pelos Ferrões. Ela é tudo o que me resta.

Cassie deu um passo para trás, surpresa aparente em seu rosto. A dureza em seus olhos diminuiu um pouco, dando lugar a uma faísca de compaixão.

— Emma? Sua filha? — perguntou ela, a voz suavizando um pouco.

Jim assentiu, os olhos suplicantes. Ele precisava que ela entendesse a gravidade da situação.

— Eles a levaram. Eu fiz tudo o que pude para encontrá-la, mas agora estou aqui. Preciso da sua ajuda para resgatá-la.

Cassie permaneceu em silêncio por um momento, claramente lutando com suas emoções. Ela finalmente deu um suspiro longo e profundo, cruzando os braços e olhando para Jim com uma expressão de conflito.

— Jim, você sabe que eu nunca te perdoei pelo que aconteceu com meu irmão. Ele confiava em você, e você o deixou morrer. — A raiva e a dor em sua voz eram palpáveis, e Jim sentiu um nó se formar em seu estômago.

— Eu sei, Cassie, e isso me atormenta todos os dias. — A voz de Jim quebrou, a sinceridade evidente. — Mas agora eu não estou pedindo por mim. Estou pedindo pela Emma. Ela é só uma criança, Cassie. Ela não tem nada a ver com os nossos erros do passado.

Cassie apertou os lábios, desviando o olhar enquanto tentava controlar suas emoções. A menção da inocência de Emma parecia estar mexendo com ela.

— E o que você espera que eu faça? — Cassie finalmente perguntou, a voz mais controlada. — Arriscar a vida dos meus homens por uma criança?

Jim deu um passo à frente, ignorando a dor que pulsava em seu corpo. Ele precisava fazer Cassie entender a urgência de sua situação.

— Não só por ela, Cassie. Eu sei que você me vê como alguém que falhou, mas eu faria qualquer coisa para salvá-la. Se isso significa pagar minha dívida com você e os seus homens, eu farei. Se isso significa enfrentar Marlowe e os Ferrões, estou disposto a isso. Mas eu não posso fazer isso sozinho. Eu preciso de você. Preciso da Aura.

Cassie olhou fixamente para Jim, seu olhar penetrante tentando decifrar a sinceridade em suas palavras. Finalmente, ela balançou a cabeça, como se ainda lutasse contra a decisão que estava prestes a tomar.

— Você sempre soube como me manipular, Jim. — A voz dela era amarga, mas havia um leve tremor que mostrava sua dúvida. — Eu ainda não esqueci o que você fez, mas Emma não tem culpa de nada disso. — Ela suspirou profundamente, fechando os olhos por um momento antes de abri-los novamente com uma expressão de resolução. — Vamos ajudá-lo, mas há condições.

Jim sentiu uma onda de alívio, embora soubesse que o caminho à frente ainda seria extremamente difícil.

— O que você precisa que eu faça? — perguntou ele, determinado.

Cassie o olhou por um momento antes de responder.

— Primeiro, precisamos garantir a segurança do nosso esconderijo. Marlowe tem espiões em todos os lugares, e não podemos correr riscos. Você nos ajudará a fortificar nossa posição aqui. Depois disso, há um carregamento de armas que precisamos interceptar. Com essas armas, poderemos montar uma ofensiva. Só então poderemos pensar em resgatar Emma.

Jim assentiu, entendendo as condições. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa.

— Está bem. O que for preciso.

Cassie deu um passo em direção à porta, mas parou e olhou para trás, seus olhos ainda cheios de desconfiança e dor.

— Não me decepcione, Jim. Essa é sua última chance.

Cassie olhou para Jim por mais um momento antes de se virar e abrir a porta.

— Vamos, preciso te mostrar o que mudou desde a última vez que estive aqui — disse ela, com uma firmeza que não permitia questionamentos.

Jim seguiu Cassie pelo corredor, sentindo cada passo pesar em seu corpo ferido. À medida que avançavam, ele notou que a instalação da Aura estava diferente, quase irreconhecível. As paredes, antes decoradas com cartazes motivacionais e grafites de resistência, agora estavam adornadas com mapas, plantas estratégicas e instruções detalhadas de segurança.

— Mudamos muito desde a última vez que você estive aqui — disse Cassie, percebendo o olhar de Jim. — Não podemos nos dar ao luxo de ser descuidados. Cada detalhe importa. Jim assentiu, observando os rebeldes ao redor. Muitos pareciam mais jovens, mas havia uma determinação em seus olhos que ele não se lembrava de ter visto antes. Cassie

liderava a Aura com uma autoridade inabalável, e Jim podia sentir o respeito que todos tinham por ela.

Cassie parou em frente a uma sala de controle improvisada, onde vários monitores exibiam imagens de câmeras de segurança e informações em tempo real.

— Aumentamos nossa vigilância — explicou ela. — Temos olhos em todos os lugares, e qualquer movimento suspeito é reportado imediatamente.

Jim olhou para as telas, impressionado com o nível de organização e eficiência. Ele sabia que Cassie tinha se tornado ainda mais rígida e dominante, uma líder implacável que não tolerava falhas.

— Você se tornou uma verdadeira comandante — comentou Jim, com um toque de admiração na voz.

Cassie lançou-lhe um olhar penetrante.

— Não tive escolha. A sobrevivência exige sacrifícios e decisões difíceis. Algo que você deveria ter aprendido — disse ela, a última frase carregada de um tom acusatório.

Eles continuaram a caminhar, passando por áreas onde rebeldes treinavam com armas, preparavam equipamentos e discutiam estratégias. A disciplina era evidente, e Cassie não hesitava em corrigir ou dar ordens com uma autoridade que não permitia questionamentos.

Finalmente, chegaram a um grande armazém, onde vários membros da Aura estavam reunidos, preparando-se para a interceptação do carregamento de armas.

— Este é o coração da nossa operação — disse Cassie, parando para observar os preparativos. — Temos que estar prontos para qualquer coisa. Marlowe não vai facilitar para nós.

Jim olhou ao redor, sentindo a intensidade do ambiente. Ele sabia que cada um desses rebeldes estava arriscando tudo pela causa, e a pressão sobre ele aumentava. Mas ele também sabia que essa era a sua chance de provar seu valor, de redimir-se aos olhos de Cassie e, mais importante, de salvar Emma.

Cassie se virou para ele, a expressão séria.

— Nós partimos ao amanhecer. Certifique-se de estar pronto. Não há espaço para erros. Jim assentiu, determinado.

— Eu estarei. Obrigado, Cassie.

— Vamos até o seu quarto — disse Cassie, a voz baixa mas firme. — Precisa descansar e se preparar. Amanhã será um dia longo.

Eles pararam diante de uma porta de metal, que Cassie abriu com um ranger alto. Dentro, o quarto era pequeno e austero, com uma cama de campanha no canto e uma mesa coberta de papéis.

Sentado no chão, encostado à parede, estava Vance, um dos rebeldes da Aura. Seus olhos estavam sombrios e cheios de desespero, e ele mal levantou a cabeça quando Cassie e Jim entraram.

— Vance, preciso que você dê um espaço para Jim — disse Cassie, sua voz mais suave do que antes. — Ele vai ficar aqui por um tempo.

Vance olhou para Jim, os olhos quase sem vida, mas não se moveu imediatamente. Cassie olhou para ele com um olhar firme.

— Por favor, Vance. Vá descansar um pouco.

Relutantemente, Vance levantou-se, os ombros caídos, e saiu do quarto. Jim o observou sair, notando a profunda tristeza no homem.

Cassie se virou para Jim, sua expressão endurecendo novamente.

— Descanse, Jim. Vamos precisar de você no seu melhor amanhã.

Ela saiu, fechando a porta atrás de si, deixando Jim sozinho no quarto. Ele se sentou na cama, tentando absorver tudo o que havia acontecido. Pouco tempo depois, a porta se abriu novamente, e Vance entrou, parecendo ainda mais abatido do que antes.

— Não consigo ficar lá fora — murmurou Vance, mais para si mesmo do que para Jim.

Jim olhou para ele, notando o estado frágil em que o homem se encontrava.

— Está tudo bem, Vance? — perguntou Jim, embora sua voz não demonstrasse muito interesse.

Vance soltou uma risada amarga.

— Tudo bem? Nada está bem, Jim. Nada esteve bem nos últimos três anos.

Ele se sentou no chão novamente, encostando-se à parede e cobrindo o rosto com as mãos. Jim observou-o, sentindo uma mistura de pena e irritação. Não queria ser arrastado para os problemas de outra pessoa quando já tinha tantos dos seus.

— Eu sei que todos aqui têm seus problemas, Vance. Mas eu realmente não estou no humor para ouvir sobre isso agora — disse Jim, a voz firme.

Vance levantou a cabeça, os olhos cheios de dor.

— Você acha que pode simplesmente ignorar tudo? Acha que pode fugir de todas as merdas que deixamos para trás? — Vance balançou a cabeça, frustrado. — Eu passei os últimos três anos tentando ser forte, tentando ser alguém que Emelie Clara Avery Torrence pudesse ver como algo mais do que um amigo.

Jim estreitou os olhos, sentindo a impaciência aumentar.

— E daí, Vance? Todo mundo tem alguém por quem se importa. Todos nós estamos sofrendo aqui.

— Você não entende — Vance rebateu, a voz tremendo. — Emelie... ela é tímida, confusa, nunca soube demonstrar seus sentimentos. Eu a amo desde que a conheci, mas ela só me vê como um amigo. Esses três anos foram um inferno, tentando esconder o que sinto, tentando não explodir cada vez que ela olha para mim como se eu fosse apenas mais um rebelde.

Jim suspirou, esfregando o rosto com as mãos.

— Eu entendo que é difícil, Vance. Mas, francamente, eu tenho meus próprios problemas para resolver. Minha filha está em perigo, e não posso me dar ao luxo de me preocupar com suas frustrações amorosas.

Vance olhou para Jim, a dor em seus olhos se transformando em raiva.

— Você sempre foi assim, Jim. Sempre focado em si mesmo, sempre ignorando os problemas dos outros. Talvez seja por isso que tantas pessoas morreram ao seu redor.

Jim sentiu a raiva subir dentro de si, mas ele a reprimiu. Não era o momento para entrar em uma discussão.

— Isso pode ser verdade, Vance. Mas agora, preciso salvar Emma. E se você quer desabafar sobre Emelie, faça isso com alguém que possa realmente ajudar. Eu não posso. Vance levantou-se, seus olhos brilhando com lágrimas de frustração.

— Espero que você encontre Emma, Jim. E espero que um dia você perceba que não está sozinho nesse inferno — encerrou Vance, saindo do quarto.

Jim olhou ao redor, o quarto pequeno e austero parecia apertar-se ao seu redor. Tentou se deitar na cama de campanha, mas a preocupação com Emma não o deixava descansar. Cada vez que fechava os olhos, via o rosto dela, assustado e indefeso.

levantou-se abruptamente, sentindo um impulso irrefreável de agir. A necessidade de manter a mente ocupada era quase física. Ele se posicionou no meio do quarto pequeno e começou a fazer flexões, seu corpo se movendo em um ritmo constante e decidido. O chão frio e duro parecia um adversário indiferente, mas ele ignorava a dor crescente em suas palmas e em seus ombros.

Cada flexão era acompanhada por um aumento na frequência cardíaca, e logo seu rosto estava úmido de suor. Gotas pesadas caíam do seu rosto e escorriam pelo pescoço, pingando no chão e formando pequenas poças ao seu redor. Ele contava em voz baixa, tentando se concentrar na tarefa em mãos enquanto o suor se acumulava, tornando o chão escorregadio.

— Um, dois, três... — ele murmurava entre os movimentos, o esforço estampado em cada linha do seu rosto.

Quando completou uma série de cinquenta flexões, ele fez uma pausa breve, seu corpo tremendo levemente do esforço. O ar do quarto parecia quente e abafado, misturado com o cheiro de suor e cansaço. Jim respirava pesadamente, mas sua mente estava clara, focada apenas no objetivo que tinha pela frente.

Sem perder tempo, ele mudou para abdominais. Deitou-se no chão, a superfície fria e áspera contrastando com a temperatura elevada de seu corpo. Cada abdominal era uma luta para manter o ritmo, o suor escorrendo de sua testa e pingando ao redor. Ele contava os abdominais em voz alta agora, sua voz ficando mais firme com cada número.

— Um, dois, três... — A cada número, seu corpo levantava-se e caía de volta ao chão, o movimento se tornando quase automático apesar do cansaço crescente. — Eu vou encontrá-la, custe o que custar... quatro, cinco, seis — murmurava entre as repetições.

Enquanto fazia as séries, sua mente começava a divagar. As palavras de Vance ainda ecoavam em seus pensamentos, misturando-se com a culpa e as dúvidas que carregava. Sabia que tinha falhado em muitas situações e que a culpa o consumia, mas não havia espaço para autocomiseração agora. Emma estava em perigo, e ele precisava ser forte, precisava ser mais do que o homem que havia falhado no passado.

Após vários minutos de exercícios intensos, Jim parou, seu corpo exausto finalmente exigindo uma pausa. Ele se sentou no chão, as gotas de suor ainda caindo do seu corpo e se misturando com as poças que já haviam se formado. Encostou-se contra a parede, a respiração ofegante e o peito se movendo rapidamente. Passou as mãos pelo rosto, tentando limpar o suor e acalmar a mente.

Com olhos fechados, ele se permitiu um momento de reflexão. Imaginou Emma, seus risos e brincadeiras, a inocência que ela ainda possuía antes do mundo desmoronar. Pensou na promessa que havia feito a ela e à sua esposa falecida, a promessa de sempre protegê-la, de cuidar dela a qualquer custo. A imagem de Emma se misturava com a visão do futuro que ele desejava, um futuro onde ela estaria segura e longe do terror que agora os cercava.

Jim se levantou lentamente, o corpo ainda pesado com o esforço, mas a mente mais focada e determinada. Deitou-se ainda meio preocupado na cama, e após uma leve náusea pegou no sono.

— Capítulo Treze —

Carregamentos de vida

Jim acordou com o som do sol filtrando através das frestas da janela do abrigo improvisado. O dia começava com uma névoa espessa e fria, a luz do amanhecer criando sombras alongadas no chão de terra. Ele se vestiu rapidamente, o frio da manhã penetrando seus ossos enquanto se preparava para o que seria um dos dias mais críticos da missão. Cassie e o resto do grupo já estavam prontos, com expressões tensas e determinados.

— Bom dia, Jim — saudou Cassie, seu tom misturando urgência e nervosismo. — Hoje é o grande dia. Precisamos interceptar o carregamento dos FEN e garantir que essas armas não cheguem ao destino.

Jim apenas acenou, seu rosto pálido revelando a noite mal dormida. Ele estava ciente das tensões que haviam surgido com Vance. Na noite passada, depois de ouvir sobre o sofrimento pessoal de Vance, ele havia se comportado de maneira insensível, e a culpa agora pesava sobre seus ombros.

Enquanto o grupo se preparava, Jim notou Vance em um canto, ajustando sua mochila com um gesto brusco e evitando o olhar de Jim. O silêncio entre eles era carregado de tensão, e Jim sentiu um peso em seu peito ao ver como Vance estava distante.

— Vance, como vai ser? — perguntou Jim, tentando abrir um diálogo.

Vance lançou um olhar frio para Jim, suas palavras saindo de forma seca.

— Emboscada. Vamos atacar no ponto de estrangulamento. Se tudo correr como planejado, pegamos eles de surpresa e neutralizamos qualquer resistência.

Jim percebeu que Vance não estava apenas distante, mas visivelmente chateado. Ele sabia que a noite passada havia sido um erro e tentava buscar uma maneira de corrigir sua abordagem.

— Olha, Vance — começou Jim, com uma voz mais suave — Eu sei que minha atitude ontem foi totalmente errada. Não devia ter sido tão duro com você. Você estava tentando me mostrar algo importante, e eu não soube ouvir.

Vance olhou para Jim com uma expressão que misturava dor e raiva, mas também um toque de compreensão.

— Não sei se há muito o que dizer. Você já ouviu o que eu tinha a dizer. A verdade é que, mesmo antes da missão, eu estava lidando com coisas que você simplesmente não percebeu. E sua atitude só piorou tudo.

Jim sentiu a culpa crescer.

— Eu... realmente sinto muito. Não deveria ter reagido daquela forma. Eu estou muito preocupado com a minha Emma, você sabe, ela é tudo que eu tenho.

— É eu acho que sei — disse Vance dando as costas para Jim, e entrando numa van branca, que estava com mais outros quatro rebeldes. Leah O'Shea ao volante, seguido por Eric Brandom que estava ao seu lado, e na parte traseira junto com Vance, estavam os irmãos Tom e Nina Ramirez.

O motor da velha van estava roncando alto enquanto saíam da base. O trajeto até o ponto de interceptação estava cheio de tensão, e silêncio.

— Então, qual é o plano? — perguntou Jim, tentando quebrar o silêncio.

— Vamos emboscar o comboio dos desgraçados da FEN em uma estrada abandonada a alguns quilômetros daqui — respondeu Nina com seu jeito carismático. — Temos

informações de que eles estarão transportando um carregamento grande de armas. Precisamos pegar tudo e eliminar qualquer resistência.

Jim assentiu, sentindo a adrenalina começar a subir.

— E depois? — perguntou ele.

— Depois, voltamos para a base e nos preparamos para a próxima fase — respondeu Tom, contando suas munições com uma expressão séria. — Esse carregamento é crucial para nossa causa, Jim. Não podemos falhar.

O veículo desacelerou quando se aproximaram do local da emboscada. Os rebeldes saíram silenciosamente, posicionando-se em pontos estratégicos ao longo da estrada. Jim, Nina e Vance se esconderam atrás de uma pilha de escombros, esperando o momento certo.

— Você está nervoso? — perguntou Nina, tentando aliviar a tensão.

— Só um pouco — admitiu Jim, com um sorriso forçado. — E você?

— Não podemos ficar nervosos — respondeu Vance, com um olhar sério. — Precisamos estar focados. Tudo depende disso.

O grupo de rebeldes se deslocou silenciosamente, movendo-se com a precisão de um relógio. O som distante dos motores dos veículos começou a se aproximar. A estrada deserta estava coberta por uma fina camada de névoa matinal, e o grupo se posicionou estrategicamente atrás de pilhas de escombros e árvores.

— Esperem o sinal — sussurrou Vance, a voz tensa. — Lembrem-se, o objetivo é o carregamento, não as armas dos nossos alvos.

O som dos motores cresceu, e os faróis dos veículos iluminaram a estrada. O momento estava próximo. O silêncio do grupo era quebrado apenas pelo som do vento e o barulho da névoa sendo deslocada pelos veículos.

— Agora! — ordenou Vance.

O estalo dos tiros rompeu a calmaria da manhã, imediatamente substituindo o silêncio mortal. Jim disparou de trás dos escombros, a bala rasgando o ar e encontrando seu alvo com um impacto brutal. O choque do tiro fez o corpo do miliciano balançar antes de colidir com o chão, uma poça de sangue rapidamente se formando ao seu redor.

O chão logo estava coberto de corpos e destroços, enquanto os rebeldes avançavam em um frenesi. Jim viu um dos caminhões tombar, o combustível vazando e criando uma poça inflamável. As chamas começaram a lamparinas, iluminando a cena com um brilho infernal. O calor das explosões abrasava a pele, e os gritos de dor misturavam-se com os tiros em uma cacofonia aterrorizante.

Jim se agachou atrás de um caminhão, recarregando sua arma com pressa. Um grito de um dos rebeldes chamou sua atenção, e ele viu um miliciano com o rosto desfigurado por uma explosão, sangue escorrendo pelas laterais. Outro rebelde caiu ao seu lado, o corpo envolto em uma nuvem de poeira e sangue.

— Cuidado, Jim! — gritou Vance, apontando para um grupo de milicianos que se aproximava pela lateral.

Jim virou a cabeça a tempo de ver os inimigos saírem de um esconderijo, suas armas fumegantes. Ele disparou com precisão, cada bala atingindo um alvo, o impacto das balas estilhaçando carne e espalhando pedaços pelo ar. O som dos disparos misturava-se com os gritos de dor, criando uma sinfonia macabra.

Um miliciano, tentando fugir, tropeçou e caiu em frente a Jim. Ele tentou se levantar, mas Jim disparou novamente, o tiro perfurando o crânio e espalhando fragmentos de osso e cérebro. O sangue jorrou em um arco grotesco, pintando a cena com um tom vermelho vívido.

A luta continuava ferozmente, os rebeldes movendo-se de um ponto a outro com uma determinação quase animal. A estrada estava agora um mar de sangue e corpos, e as chamas dos caminhões queimavam com uma intensidade crescente. Jim sentia a

adrenalina pulsar através de suas veias, cada respiração sendo uma luta pela sobrevivência.

Finalmente, quando o último dos milicianos foi abatido e o silêncio mortal caiu sobre a estrada, Jim e os outros rebeldes estavam cobertos de sangue e suor. Eles respiravam pesadamente, o cheiro metálico do sangue e da pólvora impregnado no ar.

— Câmbio central... conseguimos — disse Eric em seu rádio, comunicando Cassie com um olhar exausto e um leve sorriso de alívio. — Finalmente conseguimos. Vamos carregar essas armas e voltar para a base antes que mais problemas apareçam. Câmbio desligo.

Jim, com as mãos sujas e cobertas de poeira, ajudou a carregar as caixas de armas, seu corpo tremendo levemente com a liberação do estresse acumulado. Cada movimento parecia um esforço adicional, mas a satisfação do trabalho cumprido ajudava a superar o cansaço.

— Câmbio 313, Cassie falando... Bom trabalho a todos — disse Cassie — Este carregamento é vital para a nossa causa. Sem essas armas, estaríamos em grande desvantagem. Vocês fizeram a diferença hoje. Câmbio desligo.

Jim parou por um momento, deixando as palavras de Cassie penetrar. Ele olhou ao redor, observando o campo de batalha desolado e coberto de carnificina. O cheiro metálico do sangue misturado com o pó e o aroma das armas queimadas ainda estava no ar. Ele viu corpos estirados no chão e restos de equipamentos espalhados por todo o campo. O cenário era um lembrete brutal da realidade da guerra.

Jim após terminar de ajudar a colocar as armas na van, entrou nela e partiram rumo a base principal da Aura. De volta à base, a atmosfera era de um triunfo sombrio. O grupo se reuniu para uma rápida reunião organizada por Cassie, que parecia carregar um peso adicional sobre seus ombros.

— Bom trabalho hoje, todos — disse Cassie, sua voz firme, mas cansada. — Mas não podemos relaxar. Os FEN vão querer vingança, e precisamos estar preparados para o que vier. O que fizemos hoje é apenas uma pequena parte do que ainda está por vir.

Jim, exausto e com a mente ainda ecoando o som do combate, se dirigiu ao seu quarto. O ruído do campo de batalha ainda ressoava em seus ouvidos, um lembrete constante da brutalidade do dia. Quando entrou em seu quarto, ele olhou para a carta de Emma na mesa ao lado da cama.

Ele se sentou na cama, olhando para a carta, e sussurrou, quase como se estivesse fazendo uma promessa para si mesmo e para ela

— Eu vou conseguir, Emma. Não importa o que aconteça, eu vou fazer o que for necessário para te salvar. Nada vai me parar. Eu prometo.

– Capítulo Quatorze –

Amigo, a que vieste?

Jim acordou antes do alarme, sentindo um frio cortante e um silêncio que parecia predizer o pior. O sol, escondido atrás de nuvens pesadas, lançava uma luz pálida e fria sobre o abrigo. O cansaço, um peso profundo e constante, parecia ter penetrado cada célula de seu corpo, e ele sentia a exaustão como uma carga intransponível.

Levantou-se e vestiu-se com as roupas sujas e esfarrapadas que usava há dias. O campo de batalha da manhã anterior parecia um pesadelo, uma lembrança cruel que o acompanhava a cada passo. O que restava da vitória parecia sombrio e sem propósito, a sensação de perda e devastação pairando sobre ele como uma sombra persistente.

O abrigo improvisado era um campo de refugiados rebelde, uma mistura de tendas rasgadas e construções temporárias erguidas às pressas. Jim caminhou até a área comum, onde o grupo estava se reunindo para o café da manhã. O ambiente estava carregado de um cansaço que ia além do físico, uma sensação de desespero que parecia emanar de cada membro do grupo.

Cassie estava debruçada sobre um fogão improvisado, tentando preparar um café ralo e aguado que não tinha o sabor da vitória. Leah e os outros rebeldes murmuravam em conversas baixas, seus rostos cansados e perturbados. A atmosfera estava pesada, e Jim sentia o peso de um vazio crescente em seu peito.

Sentou-se à mesa, pegando uma caneca de café e olhando-a sem realmente vê-la. O gosto amargo do café parecia um reflexo do vazio dentro dele. Ele pensava em Emma, em como sua ausência fazia cada vitória parecer um fracasso. O sofrimento parecia mais intenso a cada dia, e a brutalidade do confronto anterior ainda estava fresca em sua mente.

Leah, notando o estado abatido de Jim, se aproximou com uma expressão preocupada.

— Ei, Jim — ela disse suavemente, tocando o ombro dele. — Você parece... não tão bem.

Precisa descansar um pouco?

Jim levantou a cabeça, tentando forçar um sorriso que não alcançou seus olhos.

— Apenas cansado — respondeu ele, a voz soando vazia e desolada. — A batalha foi mais pesada do que eu esperava.

Antes que Leah pudesse responder, Eric entrou na área comum, seu rosto coberto de sujeira e exaustão.

— Estamos recebendo informações de que os FEN estão se reagrupando — disse Eric, com um tom grave. — Eles vão tentar um contra-ataque em breve. Precisamos nos preparar.

Jim se levantou imediatamente, o medo e a determinação misturando-se em seu interior. O que restava da vitória parecia estar à beira de se desfazer, e a perspectiva de mais violência era esmagadora. O grupo começou a se movimentar rapidamente, preparando-se para o que parecia ser um ataque iminente.

A base da Aura, um complexo de estruturas improvisadas e tendas, estava agora em alerta máximo. Rebeldes se moviam apressadamente, ajustando armas e verificando equipamentos. O som dos passos apressados e das conversas nervosas preenchia o espaço. Leah e Eric se reuniram com Cassie e os outros líderes, discutindo estratégias e posicionamentos. Jim se juntou a eles, tentando manter a calma enquanto o peso da responsabilidade se acumulava sobre seus ombros. Ele sabia que precisava se manter focado, por Emma e por todos ao seu redor.

A tensão aumentava a cada minuto que passava. O silêncio antes da tempestade parecia real, e Jim podia sentir seu coração batendo acelerado. Ele se preparou para o pior, seu corpo e mente se ajustando ao que estava por vir.

E então, o ataque começou. O céu parecia escurecer com a aproximação dos FEN, seus veículos e soldados surgindo como uma maré implacável de destruição. O som dos motores dos veículos inimigos e os gritos de comando misturavam-se com os sons de armas sendo carregadas e explosões distantes.

Os primeiros sinais de ataque foram uma série de explosões ensurdecedoras, seguidas por um rugido de tiros que rasgavam o ar. Jim se lançou para o campo de batalha, sua mente focada em manter a sobrevivência. Ele correu para uma posição defensiva, sua arma firme nas mãos enquanto olhava para o caos ao seu redor.

Os FEN invadiram a base com uma ferocidade brutal. Seus homens avançavam em uma onda implacável, suas armas disparando com uma precisão cruel. O chão estava rapidamente coberto por destroços e corpos, e o som dos gritos e tiros criava uma sinfonia aterrorizante de violência.

Jim viu um grupo de rebeldes sendo abatidos enquanto tentavam se posicionar para a defesa. O sangue e os fragmentos de carne espalhavam-se pelo chão, o calor das explosões e das chamas queimando com intensidade. A base estava rapidamente se transformando em um campo de batalha sangrento, onde cada metro ganho era uma luta brutal.

Leah, Eric e Cassie estavam em ação, tentando coordenar a defesa enquanto os FEN avançavam sem piedade. Jim viu Leah sendo atingida por um tiro, seu corpo caindo ao chão em um arco de sangue e sujeira. Eric foi atingido por uma explosão, o corpo estendendo-se em uma nuvem de poeira e detritos. A perda e o desespero estavam presentes em cada canto da base.

O confronto se tornava cada vez mais intenso, e Jim lutava para manter sua posição. Ele disparava contra os inimigos com uma precisão quase instintiva, o som das balas e das explosões preenchendo o ar. O cenário era uma mistura de caos e destruição, com os FEN avançando sem hesitação, destruindo tudo em seu caminho.

Jim se encontrou lutando ao lado dos poucos rebeldes restantes, cada movimento sendo uma batalha pela sobrevivência. O calor das chamas e o cheiro de pólvora e sangue eram quase insuportáveis, e a luta parecia não ter fim.

Quando o ataque finalmente diminuiu, Jim estava exausto e coberto de sangue e sujeira. A base estava em ruínas, os corpos dos caídos espalhados por todo o campo de batalha. A vitória parecia ter um gosto amargo, e o vazio dentro dele era mais profundo do que nunca. Cassie, com um olhar de desolação, se aproximou de Jim.

— Não conseguimos — disse ela, a voz carregada de tristeza. — Eles... eles nos derrotaram. Perde... perdemos tantos.

Jim olhou ao redor, o campo de batalha agora uma cena de carnificina e desespero. A base estava destruída, e o número de mortos era alarmante. O preço da batalha era alto, e a sensação de derrota era esmagadora.

E então, no meio da confusão, algo surpreendente aconteceu. Jim viu um grupo de soldados dos Ferros, o grupo do Marlowe, avançando para o campo de batalha. O contraste entre os Ferros e os FEN era claro, e a chegada deles parecia um milagre. Eles lutavam com uma precisão letal, eliminando os inimigos e reagrupando os rebeldes da Aura.

Jim, no entanto, estava paralisado pela surpresa e pela indignação. O que estava acontecendo? Ele percebeu, com um choque crescente, que Cassie estava ao lado dos Ferros, coordenando com eles como se fossem aliados há muito tempo. Ela estava, de fato, traíndo a causa rebelde. A revelação bateu como um golpe de um martelo.

— Cassie! — gritou Jim, a raiva fervendo em sua voz. — Os Ferroses... o que eles estão fazendo aqui?

— Jim, eu sinto muito... eu posso explicar — respondeu Cassie, com o peso da culpa claro em seu olhar.

Jim se virou abruptamente para ela, o coração batendo forte como se quisesse se soltar do peito.

— O que você quer dizer com isso? — aproximou-se, seu olhar penetrante tentando enxergar além das palavras, buscando a verdade oculta nas sombras de Cassie. — Você estava com eles o tempo todo?

Cassie hesitou, a angústia se espalhando por seu rosto.

— Eu... eu tinha que fazer isso para salvar a todos nós! — gaguejou, a voz tremendo. — Marlowe prometeu ajuda. Ele tem recursos que nós não temos...

— Recursos? — a incredulidade misturou-se à sua raiva. — Cassie, você me traiu! — gritou, a emoção fervendo. — Não venha com essa história de recursos! — a fúria pulsava em cada palavra. — Ele tem minha filha! Você sabia disso e mesmo assim me usou!

Cassie abriu a boca para protestar, mas as palavras ficaram presas na garganta ao ver o olhar de Jim, repleto de desilusão e dor.

— Você não entende! — ela implorou, mas ele não estava ouvindo.

A fúria pulsava nas veias de Jim, suas mãos tremiam com a mistura de raiva e traição. Ele estava prestes a disparar mais palavras cortantes quando, de repente, um movimento atrás dele chamou sua atenção. Antes que pudesse se virar, um Ferroso se aproximou, a expressão cruel no rosto, segurando uma arma improvisada.

O impacto foi brutal. A coronha do revólver encontrou a lateral da cabeça de Jim com um som ensurdecedor — um estalo seco, como madeira quebrando. O barulho ecoou na atmosfera pesada da batalha, um golpe que fez seus ossos protestarem. Jim sentiu uma dor aguda e, em seguida, tudo ficou escuro.

Ele caiu no chão, o impacto fazendo o chão tremer sob ele. O sangue começou a escorrer da ferida, tingindo a terra de um vermelho vívido, enquanto sua visão se esvaía. Os últimos sons que ouviu foram gritos distantes e o som do próprio coração, que se tornava mais distante, até que o silêncio o envolveu completamente.

A escuridão tomou conta, e tudo que restou foi o grito silencioso do desespero.

– Capítulo Quinze –

O Preço Pago, Pago com Sangue

Jim acordou no chão frio e úmido de um porão mal iluminado. O cheiro fétido de mofo e ferrugem impregnava o ar, tornando difícil respirar. Seus braços doíam, presos por correntes a um cano de tubulação enferrujado que descia pela parede. Estava sentado em um banquinho de madeira, os músculos doloridos e a mente lutando para emergir da névoa do inconsciente.

Ele nunca havia visto Marlowe pessoalmente, mas os leitores já sabiam disso. A figura do líder dos Ferros era envolta em mistério e medo, uma sombra que se estendia sobre todos os que caíam em suas garras.

Os sons de passos ecoaram pelo porão, e dois guardas apareceram, irmãos gêmeos com sorrisos cruéis estampados em seus rostos. Eles se aproximaram de Jim, seus olhos brilhando com malícia.

— Olha só, o herói finalmente acordou — disse um dos guardas, a voz cheia de escárnio.

— É, e enquanto você estava dormindo, nosso chefe estava se divertindo com sua filhinha

— acrescentou o outro, rindo.

Jim sentiu um nó se formar em seu estômago, uma mistura de medo e ódio puro. Ele tentou se mexer, mas as correntes o mantinham preso firmemente.

— O que... o que você disse? — Jim perguntou, sua voz rouca.

— Você ouviu bem. Marlowe adora brincar com as criancinhas, especialmente as doentes — o primeiro guarda respondeu, seus olhos fixos nos de Jim.

— É verdade — confirmou o segundo guarda, seu sorriso ampliando-se. — Ele disse que a pequena Emma tem um rostinho tão adorável, mesmo doente. Está cuidando bem dela, se é que você me entende.

Jim sentiu o sangue ferver em suas veias. Ele puxou as correntes com força, tentando se soltar, mas a dor em seus braços apenas aumentava.

— Não se preocupe, pai coruja. Marlowe vai se certificar de que ela esteja bem confortável. Ele tem um jeito especial com as crianças — provocou o primeiro guarda, observando Jim com olhos cruéis.

Jim sentiu o ódio crescer, uma fúria quase insuportável. Ele podia sentir cada músculo de seu corpo tenso, pronto para explodir.

— Vocês dois... vou matar vocês... e depois aquele desgraçado do Marlowe — Jim murmurou, a voz carregada de veneno.

Os guardas riram, mas Jim pôde ver um leve tremor em suas mãos. Eles não esperavam tanta resistência.

— Vai precisar de mais do que palavras para sair dessa, herói — disse o segundo guarda, aproximando-se mais de Jim. — Nós somos os que mandam aqui.

Jim, num acesso de fúria, puxou as correntes com tanta força que quase deslocou seu ombro. A dor foi excruciante, mas ele continuou, tentando se libertar.

— Olha só, ele está tentando se soltar! — exclamou o primeiro guarda, uma risada nervosa escapando de seus lábios. — Você realmente acha que vai conseguir?

Jim grunhiu de dor e esforço, suas palavras saindo entre os dentes cerrados.

— Não vou só conseguir... vou fazer vocês dois pagarem por cada segundo que Emma sofreu.

Os guardas se entreolharam, a confiança começando a vacilar. Eles estavam diante de um homem movido por um ódio puro e uma determinação inquebrável.

— Vamos ver se você ainda tem essa força toda depois de algumas horas aqui embaixo — disse o segundo guarda, recuando. — Até lá, aproveite sua estadia, herói.

Eles se afastaram, deixando Jim sozinho no porão fétido. Ele fechou os olhos, concentrando-se na raiva que pulsava dentro dele, transformando-a em força. Ele sabia que, de alguma forma, encontraria um jeito de se libertar. E quando isso acontecesse, não haveria piedade.

Jim respirou fundo, o ar frio do porão entrando em seus pulmões como facas. A dor em seus ombros era intensa, mas a imagem de Emma, sozinha e indefesa nas mãos de Marlowe, impulsionava-o a continuar. Ele puxou novamente as correntes, o metal cortando sua pele enquanto tentava se libertar.

O esforço fez seus músculos queimarem. Ele grunhiu, usando toda a força que tinha. O cano de tubulação estava enferrujado, e ele podia sentir pequenos pedaços de ferrugem se soltando e cortando sua pele. Sangue escorria pelos seus braços, mas ele não podia parar.

Cada movimento era uma agonia. A corrente arranhava seus pulsos, o metal mordendo fundo em sua carne. Jim tentou se contorcer, buscando uma posição que pudesse lhe dar mais alavanca, mas o movimento só aumentava a dor em seu ombro. Ele sentiu um estalo horrível, seguido por uma dor lancinante. Seu ombro havia se deslocado.

Ele gritou de dor, uma mistura de frustração e desespero. A dor era quase insuportável, mas ele sabia que precisava continuar. Emma estava dependendo dele. Com a mão livre, ele tentou empurrar o ombro de volta ao lugar, mas o esforço fez com que lágrimas escorressem de seus olhos.

Ele respirou fundo novamente, tentando controlar a dor. Suas mãos estavam ensanguentadas e tremiam de esforço. Ele puxou a corrente mais uma vez, sentindo a pele rasgar ainda mais. O sangue pingava no chão, criando pequenas poças que se misturavam com a sujeira do porão.

Jim sabia que não tinha muito tempo. Ele precisava sair dali antes que os guardas voltassem. Ele puxou a corrente com tanta força que seus dedos começaram a dormite. A ferrugem do cano entrava em seus cortes, a dor se tornando insuportável.

Ele não podia desistir. A imagem de Emma, vulnerável e assustada, o impulsionava a continuar. Com um último esforço, ele puxou a corrente com toda a força que ainda tinha. O cano rangeu, e por um momento, ele pensou que iria ceder.

Mas a realidade foi cruel. O cano não se moveu, e ele sentiu a dor em seu ombro se intensificar. A força aplicada foi demais, e ele caiu para trás, ofegante e desesperado.

Lágrimas de frustração escorreram por seu rosto. Ele sabia que estava machucado, sabia que estava sangrando e que suas chances de escapar eram mínimas. Mas desistir não era uma opção. Ele se levantou novamente, suas pernas tremendo, e começou a puxar a corrente de novo, cada puxão uma tortura agonizante.

A determinação de Jim era implacável. Ele se cortava, se machucava, mas não parava. Cada movimento era uma declaração de amor por sua filha, uma promessa silenciosa de que ele a salvaria, não importando o custo.

O frio no porão parecia intensificar a dor no ombro de Jim, o metal frio da corrente mordeu sua carne já dilacerada. Ele ouviu passos descendo as escadas, calmos e metódicos, ecoando pelo espaço sombrio. Quando a figura finalmente emergiu das sombras, Jim reconheceu imediatamente quem era, mesmo que nunca o tivesse visto antes. Sebastian Marlowe.

Marlowe desceu os degraus com uma calma inquietante, vestido impecavelmente com um terno escuro bem cortado e sapatos lustrosos que não combinavam em nada com o

ambiente desolado do porão. Seu rosto angular mantinha uma expressão serena, quase indiferente, enquanto seus olhos frios analisavam Jim com uma intensidade perturbadora. Marlowe parou a alguns passos de Jim, observando-o como se estivesse examinando um quebra-cabeça complexo.

— Então, você é Jim Carter — começou Marlowe, sua voz calma e controlada, carregada de uma ameaça velada. — O homem que causou tantas baixas entre meus soldados. Confesso que esperava algo mais... impressionante.

Jim cuspiu no chão, seu olhar fixo em Marlowe, cheio de ódio.

— Se você encostar um dedo na minha filha...

Marlowe levantou uma sobrancelha, uma leve curiosidade em sua expressão.

— Sua filha, Emma, certo? Uma criança doente, frágil... E ainda assim, você conseguiu mantê-la viva até agora. Deve ser exaustivo.

— Você não sabe nada sobre exaustão — rosnou Jim, seu corpo tremendo de dor e esforço.

Marlowe sorriu, um sorriso frio e calculado.

— Ah, mas eu sei, Jim. Eu sei o que significa carregar o peso de vidas nas costas, fazer escolhas difíceis. Você e eu, não somos tão diferentes. Mas enquanto você luta por uma única vida, eu luto por um novo mundo.

Jim tentou avançar, puxando a corrente com tanta força que sentiu um corte profundo abrir-se em seu pulso.

— Eu vou te matar, Marlowe. Vou acabar com cada um dos seus homens e ver você apodrecer.

Marlowe deu um passo para trás, mantendo a calma imperturbável.

— Você está em uma posição de fraqueza, Jim. E essa raiva só irá te consumir mais rápido

— Ele fez um gesto leve com a mão, e um dos guardas gêmeos se aproximou, colocando uma mão pesada no ombro de Jim.

— Você não vai conseguir — continuou Marlowe, sua voz suave, quase conciliadora. "Mas talvez, se você colaborar, eu possa ser... mais misericordioso com sua filha. Afinal, o que é uma vida em troca de tantas?

Jim sentiu o sangue ferver, a visão turva de raiva e dor. Ele puxou novamente a corrente, ignorando o corte que se aprofundava, ignorando o ombro que ameaçava se deslocar novamente. Seu corpo inteiro tremia de esforço, cada fibra de seu ser focada em uma única coisa: libertar-se e destruir Marlowe.

— Vai se arrepender, Marlowe — Jim rosnou entre dentes, puxando a corrente com tanta força que quase perdeu o equilíbrio. — Eu vou sair daqui e vou acabar com você. Isso eu prometo.

Marlowe apenas olhou para ele por um momento, como se estivesse considerando a promessa. Então, sem dizer mais nada, ele virou-se e subiu as escadas, deixando Jim no porão, sangrando, machucado, mas com uma chama de determinação ainda mais forte queimando em seus olhos. Ele estava focado em apenas uma coisa: escapar.

Jim lutou contra as correntes com renovado vigor, o metal mordendo mais fundo em sua carne. Ele sentiu o ombro protestar, a dor explodindo em sua articulação. Tentou contorcer-se, puxando com todas as suas forças, até que sentiu a corrente ceder ligeiramente. Ele ofegava, o suor misturado ao sangue escorrendo por seu corpo.

Cada movimento era uma tortura, cada puxão arrancava grunhidos de dor. A ferrugem do cano estava cravada em seus cortes, e a dor pulsava em suas mãos e ombros. Ele não podia parar. Não enquanto Emma estivesse em perigo.

Com um último puxão desesperado, o cano cedeu o suficiente para que ele se soltasse parcialmente. Ele caiu no chão, seu corpo tremendo de exaustão e dor. Mas ele sabia que

ainda não estava livre. Com esforço, ele começou a se mover, buscando uma saída, determinado a salvar Emma a qualquer custo.

Jim mal havia tido tempo de se recompor no chão quando ouviu passos descendo novamente as escadas. A sombra de um dos gêmeos se delineou contra a luz fraca do porão. Era um deles, sorrindo de maneira sádica ao ver Jim ainda preso, mas visivelmente mais solto do que antes.

— O que foi, Carter? Pensou que podia escapar? — o guarda zombou, aproximando-se. — Sabe, Marlowe já está planejando como vai usar sua filhinha para conseguir o que quer. Talvez ela não seja tão inútil afinal, hein?

Jim sentiu uma raiva ainda mais profunda ferver dentro dele. Esse homem, esses homens, todos faziam parte do pesadelo que sua vida havia se tornado. Eles estavam no caminho entre ele e Emma.

Enquanto o gêmeo se aproximava, confiante de que Jim estava indefeso, ele cometeu um erro fatal. Abaixou-se para pegar algo no chão, bem perto demais de Jim. Num movimento rápido e feroz, Jim lançou-se para frente com toda a força que ainda tinha, suas mãos agarrando o pescoço do guarda.

O gêmeo arregalou os olhos, a surpresa congelando seu sorriso sádico. Jim apertou com uma força desesperada, os músculos do braço trêmulos, mas implacáveis. O guarda tentou lutar, suas mãos batendo inutilmente nos braços de Jim, mas a determinação de um pai lutando por sua filha era imparável.

Os segundos pareciam se arrastar, cada um mais doloroso que o anterior, até que finalmente o guarda parou de se debater. Jim sentiu o corpo do homem relaxar, a vida deixando seu olhar. Mesmo assim, ele continuou apertando, garantindo que não havia mais perigo, que esse monstro não poderia mais ameaçar Emma.

Quando finalmente soltou o corpo inerte do guarda, Jim caiu para trás, ofegante, sua visão turva de dor e esforço. Ele sabia que tinha pouco tempo antes que o outro gêmeo ou Marlowe percebesse o que havia acontecido. Tinha que se mexer, tinha que encontrar Emma.

Jim pegou rapidamente o colete à prova de balas do guarda que estrangulou, colocando-o sobre os ombros enquanto ajustava o cassetete na cintura. A pistola estava pesada em sua mão, mas não era nada comparado ao peso da responsabilidade que carregava por Emma. Ele puxou o carregador e contou as munições: quinze balas. A realidade de que precisava ser preciso atingiu-o como um golpe no estômago. Cada disparo contava; não havia espaço para erros.

Respirando fundo, Jim começou a subir os degraus, cada movimento meticulosamente controlado. O coração batia forte em seu peito, mas sua mente estava clara. Ao chegar a uma cozinha que cheirava a mofo e gordura, observou os utensílios enferrujados pendurados nas paredes, um fogão antigo, e uma mesa desgastada pelo tempo. Jim contornou a cozinha, mantendo-se atento a qualquer sinal de movimento, sua mente trabalhando em um frenesi. O lugar parecia um labirinto, e ele contava cada detalhe com precisão.

Ele notou as janelas, todas trancadas, algumas com grades, impossibilitando uma fuga fácil. As portas eram robustas, e a segurança parecia apertada. Enquanto caminhava, sua mente se tornava um mapa, identificando onde cada guarda poderia estar. Um total de vinte guardas, incluindo Marlowe, se espalhavam pelo complexo, e Jim se perguntava quantos estavam armados e prontos para reagir. Ele sabia que o fator surpresa era sua única vantagem.

Quando se aproximou de uma sala no fundo do corredor, ouviu vozes. Uma delas, desesperada, o fez congelar. Era Cassie.

— Por favor, você precisa deixá-los ir, Marlowe! Jim é... ele é um monstro. Se ele escapar, vai matar todos nós! — A voz dela tremia, e ele podia sentir o desespero em suas palavras.

Marlowe respondeu com sua habitual frieza, a calma quase assustadora em meio ao caos.

— E por que eu deveria acreditar em você, Cassie? Ele foi responsável por milhares de baixas de meus soldados. Você realmente acha que sua palavra vale algo neste momento?

— Porque eu conheço Jim! Ele... ele fará o que for necessário. Ele não é como nós. Ele não vai parar até que todos nós estejamos mortos! — O medo transparecia nos olhos de Cassie, mas Jim notou algo mais. Havia uma espécie de bravura na forma como ela desafiava Marlowe, mesmo enquanto implorava por suas vidas.

Marlowe sorriu, mas não havia humor em seu olhar.

— Então você está me dizendo que ele é um monstro... e isso o torna mais perigoso do que eu imaginava. Mas, Cassie, você sabe o que acontece com as traidoras, não sabe?

Jim mal teve tempo para se preparar quando um soldado, distraído, virou a esquina da sala. O homem encarou Jim por um breve momento antes de os olhos se arregalarem em terror, reconhecendo o homem que acabara de estrangular um de seus colegas. O grito de alarme já estava saindo de sua boca quando Jim puxou a pistola, a adrenalina pulsando nas veias.

Os primeiros tiros ecoaram pelo corredor. A primeira bala atravessou a testa do guarda, e ele caiu como um boneco de pano, sem vida antes mesmo de tocar o chão. O segundo tiro foi ainda mais rápido; Jim mirou e disparou, a bala cravando-se na cabeça do próximo soldado que se aproximava, sua expressão congelada em horror antes de desabar.

Ele respirou fundo, contando as balas à medida que o caos se desenrolava ao seu redor.

Um... dois... três... O tempo parecia se arrastar enquanto os gritos dos soldados e o som de disparos ecoavam. Jim se movia como uma sombra, furtivo e mortal. Um guarda tentou se proteger atrás de uma pilastra, mas Jim estava pronto. Outra bala disparada, e o soldado foi pego de surpresa, caindo para o lado, sua arma escorregando ao chão.

Mas a contagem estava diminuindo. Ele tinha apenas **doze balas** restantes. Os soldados restantes, agora mais cautelosos, tomaram posições defensivas, tentando se reorganizar. Jim conhecia o terreno, mas sabia que precisava ser rápido e preciso. Cada disparo precisava contar.

Treze... quatorze... Um soldado se atreveu a avançar, mas Jim estava preparado. Ele se agachou, disparou novamente, pegando o homem no ombro e fazendo-o girar antes de cair. **Quinze!** Com a última bala disparada, Jim percebeu a realidade: só havia **quinze balas** para enfrentar **vinte soldados**.

Com a pistola vazia, Jim rapidamente se dirigiu ao armário de ferramentas, as portas rangendo ao serem abertas. Dentro, encontrou um conjunto de ferramentas enferrujadas e pesadas; um martelo e uma chave inglesa chamaram sua atenção. Ele pegou ambos e voltou ao campo de batalha.

Os cinco guardas restantes, agora aterrorizados e desorientados, tentaram formar uma linha defensiva, mas era tarde demais. Jim estava determinado, seus olhos ardendo com uma raiva voraz. Ele avançou, martelo em punho.

O primeiro guarda tentou atirar, mas Jim foi mais rápido. Ele desviou e, em um movimento ágil, atingiu o homem com o martelo na cabeça, ouvindo o estalo dos ossos se quebrando sob o impacto. O guarda caiu, inconsciente.

Quatro restantes. O próximo, um pouco mais cauteloso, tentou se afastar, mas Jim estava em cima dele. Ele agarrou o guarda pela camisa e, com um movimento rápido, quebrou o braço do homem com a chave inglesa. O grito agonizante ecoou pelo corredor, e Jim não hesitou em cravar o martelo no rosto do guarda, o sangue espirrando na parede. **Três.**

Os outros dois tentaram se agrupar, mas a tensão do momento era palpável. Jim se virou para o próximo, que balançava uma arma nervosamente. **Você não vai conseguir me pegar!** Jim gritou, e, antes que o homem pudesse reagir, avançou e o atingiu com a chave inglesa na lateral da cabeça, fazendo-o desmoronar.

Dois. O último soldado, agora sozinho, olhava para Jim com olhos arregalados, a arma tremendo em suas mãos. O medo se espalhava como uma mancha de tinta. Jim sorriu, um sorriso feroz e selvagem. Com um movimento rápido, ele atirou o martelo e agarrou o guarda, levando-o até o armário, onde o encurralou.

— Você achou que poderia me parar? — Jim sussurrou, enquanto batia a chave inglesa contra as pernas dele, quibrando seus joelhos ele caindo no chão, gemendo de dor.

Ao cair no chão, a máscara do guarda caiu, revelando ser o outro gêmeo que zombou de Jim.

Jim se virou para ele. O olhar de pânico nos olhos do homem fez com que um sorriso sombrio se espalhasse pelo rosto de Jim. O soldado, percebendo a inevitabilidade do que estava por vir, começou a se arrastar para trás, suas pernas tremendo de medo.

— Por favor, não! — ele implorou, a voz embargada e cheia de terror. — Você não precisa fazer isso!

Jim caminhou lentamente, seus passos firmes e decididos, como um predador se aproximando de sua presa. O soldado tentava se afastar, mas as pernas quebradas o impediam de ir a lugar algum. Jim se inclinou, olhando diretamente nos olhos do homem.

— Sabe, seu irmão teve um fim bem rápido — Jim começou, a voz baixa e calculada. — Ele não teve tempo para sentir medo. Mas você... você vai ter todo o tempo do mundo.

O soldado engoliu em seco, o suor escorrendo pela testa, enquanto Jim levantava a chave inglesa em um gesto provocador. Ele começou a rir, um riso que ecoava pelas paredes do corredor.

— O que você acha que ele estaria pensando agora, se pudesse ver você? — Jim perguntou, observando a expressão de desespero crescer no rosto do guarda. — Acha que ele se sentiria orgulhoso de você? Ou acha que ele estaria apenas enojado?

Com um movimento rápido, Jim desceu a chave inglesa com força, acertando a perna do soldado com um golpe brutal. O som do osso se quebrando foi ensurdecedor, e o soldado gritou, o som de sua dor ressoando pelo ar.

— Isso vai ser divertido — Jim murmurou, observando o guarda se arrastar pelo chão, em busca de alguma saída. Jim se aproximou ainda mais, observando como o medo se transformava em desespero, enquanto o soldado tentava se afastar, deixando um rastro de dor.

— Você queria que eu ficasse preso para sempre, não é? — Jim continuou, seus olhos fixos no soldado em agonia. — Mas veja só, eu estou aqui, e você está prestes a pagar pelo que fez.

Ele se agachou, colocando-se ao nível do soldado, que agora estava ofegante, lutando para entender a situação.

— Como é morrer devagar, sabendo que não há como escapar? — Jim questionou, com um tom de voz sádico. — Eu imagino que deve ser uma sensação horrível.

O gêmeo, com lágrimas escorrendo pelo rosto, começou a balbuciar,

— Eu... eu não queria isso! Não foi minha culpa!

— Oh, mas foi — Jim disse, agora se levantando. Ele se posicionou sobre o soldado caído, seus olhos fixos na expressão de desespero. — Você ri da minha dor, zombou de mim. E agora, aqui estamos nós.

Com um movimento ágil, Jim desceu a chave inglesa novamente, desta vez mirando no peito do guarda. O impacto foi brutal, e Jim pressionou com toda a força, ouvindo o som

da caixa torácica se quebrando. O soldado tentou gritar, mas nenhum som saiu; seu corpo se contorceu em um esforço inútil para escapar.

— Isso é para o seu irmão — Jim disse, a voz baixa e gelada, enquanto a vida se esvaía do gêmeo. O soldado ficou sem ar, os olhos arregalados enquanto lutava para respirar, a angústia estampada em seu rosto. Jim se afastou, observando a agonia, apreciando cada segundo da luta do homem pela vida.

Finalmente, com um último golpe, Jim cravou a chave inglesa ainda mais fundo, quebrando a estrutura interna do soldado e fazendo com que ele parasse de se mover. O silêncio caiu sobre o corredor, enquanto o corpo do guarda gêmeo se contorcia, a luta pela vida chegando ao fim. Jim se levantou, olhando para o que restou, satisfeito com o caos que havia criado.

Agora, com um propósito renovado, ele se preparou para avançar, pronto para enfrentar o que quer que estivesse pela frente.

— Capítulo Dezesseis —

Cuidado: Misturar Café com Toddy Pode te Deixar Diferente!

Jim, com as mãos tremendo de adrenalina, começou a vasculhar os corpos dos guardas mortos, recolhendo munições e armas. Ele encontrou algumas balas adicionais e rapidamente recarregou sua pistola, verificando cada cartucho. Sua mente estava focada, movida pela necessidade de salvar sua filha e acabar com Marlowe de uma vez por todas. Com calma e precisão, Jim começou a se mover pelo complexo, cada passo cuidadoso e silencioso. Ele se aproximou da porta da sala de Marlowe, sentindo a tensão em cada fibra do seu ser. Empurrou a porta lentamente, os olhos atentos a qualquer movimento.

Para sua surpresa, Marlowe estava sentado calmamente atrás de sua mesa, vestindo seu terno impecável, degustando um uísque. O charuto em sua mão esquerda soltava uma fumaça fina que pairava no ar. Seus olhos frios se levantaram para encontrar os de Jim, e um sorriso quase imperceptível surgiu em seu rosto.

— Jim Carter, o homem que está causando tanto alvoroço — Marlowe disse, a voz calma e controlada. — Sente-se, por favor. Vamos conversar como homens civilizados.

Jim permaneceu de pé, a arma firmemente apontada para Marlowe.

— Onde está minha filha?

Marlowe levantou uma sobrancelha, mantendo sua compostura.

— Sua filha está segura, por enquanto. Mas isso depende de como você se comporta. Sabe, Jim, você tem um talento inegável para causar destruição. É admirável, até certo ponto.

Jim estreitou os olhos, tentando manter a calma.

— Você acha que pode me manipular com palavras, Marlowe? Eu sei o que você é. Um monstro que se alimenta do sofrimento dos outros.

Marlowe deu uma risada suave, inclinando-se para frente.

— Um monstro? Talvez. Mas um monstro necessário em um mundo de caos. Alguém precisa manter a ordem, e eu estou apenas fazendo o que é necessário. Você, por outro lado, está agindo impulsivamente, colocando a vida de sua filha em risco. Pense, Jim. Podemos encontrar uma solução que beneficie ambos.

Jim considerou as palavras de Marlowe, baixando a arma ligeiramente.

— E o que você sugere? Que eu simplesmente me entregue e espere que você me mate de qualquer jeito?

— Não, não. Eu sou um homem razoável — Marlowe respondeu, acendendo novamente seu charuto — Entregue-se, e eu prometo que sua filha será bem cuidada. Você pode se tornar parte do meu grupo, usar suas habilidades para algo maior do que a vingança cega. Pense no futuro dela, Jim.

Jim inclinou a cabeça, como se ponderasse a proposta.

— E se eu disser que aceito? Que farei parte do seu grupo?

Um brilho de satisfação passou pelos olhos de Marlowe.

— Então você estaria fazendo a escolha certa. A escolha de um pai que realmente se importa com o futuro de sua filha.

Jim manteve o olhar fixo em Marlowe, sentindo a raiva borbulhando dentro de si. Com um movimento rápido, ele ergueu a arma novamente e puxou o gatilho, um tiro certeiro no peito de Marlowe. Caiu para trás, derrubando o copo de uísque enquanto um olhar de incredulidade e dor se espalhava por seu rosto.

— Você... — Marlowe tentou falar, mas o sangue encheu sua boca, sufocando suas palavras. Seus olhos frios ainda estavam fixos em Jim, que o observava com uma expressão sombria.

— Isso é pelo que você fez com minha filha — Jim disse, a voz carregada de ódio. — Ninguém manipula Jim Carter. E ninguém machuca minha filha.

Marlowe tentou rir, mas a dor e a falta de ar transformaram o som em um gorgolejo horrível.

— Você acha... que isso vai... acabar com o caos? — ele conseguiu dizer, com um último suspiro, antes de sua vida se esvaír lentamente. — O caos não é algo que se combate, Jim. É a verdadeira natureza da sociedade, sempre à espreita, sempre faminta. Você pode matar um homem, mas nunca acabará com o caos... ele é eterno.

Jim ficou parado por um momento, observando o corpo sem vida de Marlowe. A satisfação de finalmente acabar com o homem que causara tanto sofrimento era amarga. Ele sabia que a luta ainda não tinha acabado. Precisava encontrar sua filha e tirá-la dali, antes que fosse tarde demais.

Ele se virou e saiu da sala, determinado a resgatar Emma e deixá-la em segurança. Enquanto caminhava pelo corredor, ouviu vozes e passos se aproximando. Com a arma em punho, ele se preparou para enfrentar qualquer outro obstáculo que surgisse em seu caminho.

Jim avançava pelos corredores do esconderijo, sua mente fervendo com a necessidade urgente de encontrar sua filha. A cada passo, a tensão aumentava, e os sons de vozes distantes o faziam apertar ainda mais a arma em sua mão. Virando uma esquina, ele finalmente avistou uma figura conhecida: Cassie.

Ela estava arrastando Emma, que parecia mais fraca e doente do que nunca. A visão de sua filha, magra e pálida, com os ossos marcando sua pele e os olhos sem vida, fez o coração de Jim apertar de dor e raiva. Emma mal conseguia gritar, sua voz apenas um sussurro de desespero.

Ao ver Jim, Cassie soltou Emma abruptamente, deixando a menina cair no chão com um baque surdo. Sem dizer uma palavra, Cassie se virou e começou a correr, fugindo pelo corredor escuro. Jim hesitou por um momento, o desejo de perseguir Cassie lutando contra a necessidade de resgatar sua filha.

— Emma! — Jim gritou, correndo até ela.

Ele se ajoelhou ao lado de Emma, suas mãos tremendo enquanto a tocava suavemente, com medo de machucá-la ainda mais. Os olhos de Emma se abriram lentamente, reconhecendo o pai.

— Papai... — ela sussurrou, a voz fraca.

— Estou aqui, querida. Vamos sair daqui. — Jim respondeu, a voz embargada de emoção. Ele a pegou nos braços, sentindo o peso leve demais do corpo frágil de sua filha. Cada movimento parecia uma batalha contra o tempo e o perigo. Jim olhou ao redor, seus sentidos em alerta máximo, tentando encontrar a melhor rota de fuga.

— Agente firme, Emma. Vamos para casa. — Jim prometeu, a determinação e o amor paternal pulsando em suas palavras.

Jim estava vasculhando o prédio, ainda carregando Emma, quando ouviu o rugido distante dos motores. Veículos blindados começaram a invadir o local, seus faróis brilhando intensamente na escuridão da noite. Os rebeldes da AURA estavam chegando, prontos para resgatar Cassie.

Jim encontrou um pequeno depósito, um lugar que parecia relativamente seguro, e colocou Emma lá. Ele sussurrou para ela que ficasse quieta e esperasse, prometendo que voltaria. Seus olhos estavam cheios de preocupação, mas também de determinação.

— Fique aqui, Emma. Vou acabar com isso e voltaremos para casa. — Ele disse, acariciando o rosto dela suavemente antes de se levantar e sair, fechando a porta atrás de si.

Movendo-se pelos corredores com cautela, Jim começou a contornar os soldados da AURA. Ele os observava, contando mentalmente suas posições, buscando qualquer fraqueza. Então, ele avistou um soldado de pele branca como a neve, olhos verdes profundos e encantadores, e cabelos castanhos ondulantes. Havia algo nela que fez o coração de Jim bater mais forte, um cheiro adocicado que parecia penetrar sua mente.

Sem hesitar, ele a fez refém, pressionando a arma contra sua cabeça. A soldado ficou paralisada de medo, mas manteve uma postura corajosa. O caos ao redor deles parecia desaparecer, concentrando-se apenas naquele momento tenso.

— Soltem suas armas! — Jim gritou, forçando os soldados da AURA a pararem em seus passos.

Rapidamente, Vance apareceu, seus olhos arregalados de horror ao ver a cena diante dele.

— Jim, por favor! Solte-a! — Vance implorou, sua voz tremendo. — Ela é o amor da minha vida!

A soldado, com lágrimas escorrendo pelo rosto, começou a se despedir de Vance. Sua voz era suave, mas carregada de emoção.

— Vance... você foi tão importante para mim. Eu fui tão tola em ter vergonha dos meus sentimentos. Durante esses anos, só agora percebi que sinto algo profundo por você. — Ela disse, sua voz quebrando. — Me perdoe por não ter dito isso antes. Eu... eu te amo. Vance estava à beira das lágrimas, seus olhos suplicando a Jim para poupar a vida dela.

— Jim, por favor, eu imploro. Não faça isso. Ela significa tudo para mim. Eu faço qualquer coisa. Apenas... solte-a.

— Vance... — a soldado continuou, com a voz embargada. — Eu sempre te admirei, desde o primeiro dia em que te vi. Mas fui covarde, escondi meus sentimentos. Eu tinha medo de me abrir, de mostrar a vulnerabilidade. — Ela fez uma pausa, engolindo em seco. — E agora, percebendo que posso perder tudo... percebo o quanto você significa para mim. Você é a razão pela qual continuo lutando, pela qual continuo acreditando em um futuro melhor.

Ela respirou fundo, tentando se recompor.

— Eu contei aos meus pais sobre você, Vance. Minha mãe me apoiou completamente. Ela disse que eu deveria seguir meu coração, que você parecia ser uma boa pessoa. Meu pai... ele ficou com ciúmes, como sempre, mas no fundo também queria minha felicidade. Minha irmã também me encorajou a seguir em frente e te contar o que eu sentia, mas eu sempre tive vergonha. Vergonha de mostrar meus sentimentos, de ser vulnerável.

O desespero de Vance era claro, seus olhos suplicantes fixos em Jim.

— Por favor, Jim, não faça isso. Eu imploro.

Jim, sentindo a pressão da situação, seu coração dividido entre compaixão e sobrevivência, hesitou. O momento parecia se estender por uma eternidade. Então, com um movimento frio e calculado, ele apertou o gatilho, atirando na soldado. O som do disparo ecoou pelos corredores, seguido pelo grito de agonia de Vance.

Jim rapidamente disparou outra bala, acertando Vance no ombro e fazendo-o cair no chão. Vance gemeu de dor, segurando o ombro enquanto olhava para a soldado que amava, agora caída no chão, a vida se esvaindo de seus olhos.

Sem perder mais tempo, Jim voltou correndo para onde havia deixado Emma. Ele a pegou nos braços novamente e começou a fugir, seus passos rápidos e decididos. Tiros ecoavam atrás deles, e diversos soldados da AURA estavam em sua perseguição, mas Jim continuou avançando, determinado a proteger sua filha a qualquer custo.

O som dos tiros e os gritos dos soldados da AURA ficavam mais distantes à medida que Jim e Emma se afastavam do prédio. Ele sabia que ainda havia uma longa jornada pela frente, mas naquele momento, tudo o que importava era que eles estavam vivos e juntos.

– Capítulo Dezessete –

Te amo, minha princesa

Jim corria pelas ruas escuras de Portwood, o som dos passos apressados ecoando nas paredes dos prédios quebrados. Emma estava em seus braços, seus olhos marejados e a pele pálida, mas Jim sabia que precisava manter a calma, mesmo que por dentro estivesse em chamas.

— Estamos quase lá, Emma. Só mais um pouco — ele sussurrou, olhando para a filha, que olhava para ele com um misto de medo e esperança. Ele se lembrava do olhar dela antes de tudo isso, cheio de vida e curiosidade. O que ele tinha feito? Como isso podia ter chegado a esse ponto?

Depois de alguns minutos correndo, ele avistou uma loja quebrada, com o letreiro apagado e as janelas estilhaçadas. A porta estava semiaberta, balançando levemente com a brisa do vento. Era a chance que precisavam. Jim empurrou a porta e entrou, os pés mergulhando em poças de água suja que haviam se acumulado no chão. O lugar estava inundado, mas era uma proteção temporária.

— Aqui, Emma, vai ficar tudo bem — ele disse, colocando-a suavemente no chão, mas ainda segurando sua mão. O cheiro de mofo e podridão era forte, mas era um lugar seguro, pelo menos por enquanto.

Enquanto Emma olhava ao redor, Jim começou a procurar por qualquer coisa que pudesse ser útil. Ele se movia rápido, mas tentando ser silencioso, com a adrenalina correndo nas veias. Ele encontrou algumas caixas quebradas e uma prateleira caída, que poderia servir como uma barricada improvisada. Ele rapidamente a arrastou até a entrada da loja.

— Olhe, Emma, tem um monte de brinquedos aqui! — ele apontou para uma caixa com alguns bonecos de ação e pelúcias encharcadas. Ele sorriu, tentando criar um momento de leveza em meio ao caos. — Vamos brincar de guerra, certo? Você vai ser a heroína!

Emma olhou para os brinquedos, um sorriso tímido surgindo em seu rosto. — O que eu tenho que fazer, papai?

— Você precisa salvar o dia! E eu vou ser o vilão. — Ele começou a fazer uma voz engraçada, tentando imitar os vilões que costumava ver em filmes, e Emma riu baixinho, o que fez seu coração relaxar um pouco.

— Cuidado, vilão! — ela gritou, levantando um boneco e fazendo uma pose de combate. Jim riu, admirando a força dela, mesmo em meio à fragilidade que a cercava.

Mas mesmo enquanto eles brincavam, Jim não podia deixar de sentir a ansiedade crescendo em seu peito. Ele se movia de tempos em tempos para olhar pela janela quebrada, verificando se alguém se aproximava. Cada som que vinha do lado de fora fazia seu coração acelerar. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa para proteger Emma, mas sabia que o perigo estava sempre à espreita.

— Ei, você se lembra daquela história que eu contei sobre o dragão e a princesa? — Jim perguntou, voltando a atenção para Emma, tentando distraí-la ainda mais.

— Lembro! — ela respondeu, sorrindo agora, suas pequenas mãos segurando o boneco.

— O dragão era muito malvado!

— Sim, mas a princesa era ainda mais corajosa. Ela enfrentou o dragão e salvou o reino!

— Jim disse, encorajando-a a manter o foco em algo positivo. — E você é como essa princesa, forte e corajosa!

Os olhos de Emma brilharam. — Eu sou a princesa! E você, papai?

— Eu sou o guardião, sempre ao seu lado — ele respondeu, apertando a mão dela. — Vou proteger você de qualquer dragão.

Por um momento, o mundo parecia menos ameaçador. Mas, por dentro, Jim estava lutando contra o desespero. Ele precisava encontrar um lugar seguro, longe das garras da AURA e de Marlowe. O pensamento de perder Emma, assim como havia perdido tudo o que amava, era insuportável.

Enquanto a água continuava a entrar, ele ficou de olho na porta, seu instinto protetor sempre alerta. A loja quebrada poderia ser um abrigo, mas ele sabia que precisavam sair dali logo. A noite ainda era longa, e o perigo era uma constante, mas ele faria o que fosse preciso para mantê-la segura.

Enquanto Jim tentava distrair Emma com histórias de heroísmo e aventuras, sua mente vagueava. Ele se lembrou de algo que havia escondido em sua jaqueta, algo que poderia trazer um pouco de conforto em meio ao caos. Em um momento de calma, ele se afastou um pouco dela e começou a revirar os bolsos de sua jaqueta.

— O que você está fazendo, papai? — Emma perguntou, sua voz ainda carregada de inocência e curiosidade.

— Apenas pegando algo especial — ele respondeu, tentando soar casual. Finalmente, seus dedos encontraram o que procurava: a boneca de pano favorita de Emma. Era um pequeno brinquedo que ele havia conseguido resgatar em uma das poucas visitas que fizeram a um mercado. A boneca estava um pouco molhada, mas ainda intacta. Ele se lembrou de como Emma costumava abraçá-la antes de dormir, como ela sempre parecia mais segura quando a tinha por perto.

— Olha o que eu encontrei! — Jim exclamou, levantando a boneca com um sorriso. Os olhos de Emma se iluminaram ao ver o brinquedo. Ela estendeu a mão, ansiosa para pegá-la.

— A minha boneca! — ela gritou, um sorriso radiante se espalhando por seu rosto. Jim entregou a boneca a ela, que a abraçou fortemente, como se estivesse abraçando uma parte de si mesma que havia sido perdida.

Mas enquanto ela sorria e brincava com a boneca, Jim também se lembrou da carta que havia guardado em outro bolso, uma carta que Emma tinha escrito para ele. Ele hesitou em mostrar a ela, temendo que a visão da carta despertasse lembranças ruins e a fizesse reviver o pânico e a dor que tinha vivido.

— O que mais você tem aí, papai? — Emma perguntou, percebendo que ele estava olhando para o fundo dos bolsos.

Jim sorriu, disfarçando o turbilhão de emoções que se passava em sua mente. — Apenas algumas coisas que guardamos. Algumas lembranças para nos mantermos fortes.

Ele decidiu não falar sobre a carta. Não agora. O que eles precisavam naquele momento era um pouco de normalidade, uma faísca de alegria em meio ao desespero. Com a boneca em mãos, Emma começou a fazer uma voz engraçada para a boneca, imitando uma conversa entre ela e o dragão da história. Jim não podia deixar de sorrir.

Mas a dor da memória ainda estava ali, como uma sombra que o acompanhava. Ele sabia que, enquanto lutasse para protegê-la, ainda carregava o peso do que haviam perdido e do que poderiam perder novamente. Ele decidiu guardar a carta mais um pouco, esperando que houvesse um tempo mais seguro e tranquilo para revelar tudo a ela.

— Vamos fazer um plano, princesa — ele disse, pegando uma respiração profunda para afastar os pensamentos sombrios. — O que você acha de vencermos esse dragão de uma vez por todas?

Emma olhou para ele, um brilho de determinação nos olhos. — Vamos, papai! — respondeu, enquanto Jim se preparava para enfrentar o que quer que o mundo lhes

reservasse. Brincadeira foi curta, pois logo Emma se cansou, ela parecia exausta, mas se recusava a deitar e descansar.

Enquanto a chuva continuava a cair lá fora, Jim se acomodou ao lado de Emma, mantendo a boneca de pano em sua mão, como se fosse um talismã que poderia afastar o medo. A loja quebrada e inundada parecia um refúgio, mas o som da água gotejando e o vento uivando nas frestas apenas reforçavam a sensação de que o mundo havia se tornado um lugar hostil e implacável.

— Sabe, Emma, — Jim começou, tentando mudar o clima. — Uma vez, quando eu era um pouco mais velho que você, encontrei um lugar que era como este, só que não chovia. Era uma loja de doces, e a dona sempre me deixava experimentar algumas balas de goma quando eu ajudava a arrumar as prateleiras.

Os olhos de Emma se arregalaram. — Balas de goma? Como eram?

— Ah, eram as mais deliciosas do mundo! — Ele sorriu, lembrando-se das cores brilhantes e do sabor doce. — Elas brilhavam como estrelas e derretiam na boca. Eu prometi a ela que, se um dia eu tivesse filhos, levaria eles lá. Infelizmente, o lugar foi fechado.

— Que pena... — Emma disse, sua expressão mudando para tristeza. Jim sentiu seu coração apertar.

— Mas, sabe, — ele continuou, passando o braço em torno dos ombros dela, puxando-a para mais perto. — Agora podemos criar nossas próprias memórias, não podemos? Nós vamos encontrar outro lugar incrível, e você vai escolher as balas!

Emma balançou a cabeça, animada. — E eu vou escolher as mais coloridas!

Ele riu, o som soando quase estranho em meio ao silêncio opressivo da loja. Mas o sorriso dela era tudo o que ele precisava para se sentir um pouco mais forte. O momento de felicidade era precioso, e ele se comprometeu a preservá-lo.

Jim olhou para a boneca de pano e, em um gesto de carinho, arrumou os cabelos dela, como se estivesse ajudando sua filha a cuidar de algo que lhe era querido. — Você sabe, esta boneca já passou por muitas aventuras — ele disse. — Ela é corajosa, assim como você.

Emma sorriu, seu rosto iluminado por uma confiança renovada. — Eu sou corajosa, papai!

— Com certeza, você é! — Jim respondeu, sentindo o orgulho tomar conta dele. — Mas mesmo os corajosos precisam de ajuda às vezes. Quando as coisas ficarem difíceis, nós sempre estaremos juntos, certo?

Emma acenou com a cabeça, os olhos brilhando com uma compreensão que ia além de sua idade. A conexão entre eles estava se fortalecendo, e Jim percebeu que, apesar de todo o sofrimento, o amor que sentiam um pelo outro era uma luz que poderia guiá-los por aquela escuridão.

Ele a observou brincar com a boneca, fazendo pequenas vozes e criando diálogos divertidos. A cena fez seu coração aquecer, mas ao mesmo tempo o lembrou da fragilidade da situação em que se encontravam. Ele precisava ser mais do que um pai amoroso; precisava ser um protetor.

— Emma, — ele disse suavemente, — você precisa ficar atenta. Aquele lugar não é seguro, e precisamos nos preparar para qualquer coisa.

— O que vai acontecer, papai? — Ela perguntou, seu tom de voz mais baixo, preocupada.

— Vou encontrar um jeito de nos manter a salvo. E, enquanto eu faço isso, você precisa ser forte, assim como é com a boneca. Se algo acontecer, procure sempre um lugar onde possa se esconder e fique quietinha até eu voltar, ok?

Ela assentiu, embora a preocupação fosse evidente em seu olhar. Jim puxou-a para mais perto novamente, tentando transmitir todo seu amor e segurança através do abraço. Ele

sabia que, apesar das palavras encorajadoras, o mundo lá fora era impiedoso e o que vinha pela frente poderia ser ainda mais aterrorizante.

A cada minuto que passava, a pressão aumentava. Ele precisava proteger Emma a qualquer custo, não apenas dela mesma, mas do que o mundo havia se tornado. Jim se lembrou da carta guardada na jaqueta, a lembrança de um passado mais feliz que ele não podia permitir que sua filha visse. Ele não queria que Emma sentisse a dor que ele sentia; ele queria que ela se lembrasse de um tempo em que o sorriso dela era constante, não uma raridade.

— Vamos encontrar um jeito de sair daqui, eu prometo. Um jeito que só nós dois conheceremos, — ele sussurrou, determinado. O amor que sentia por ela era a única coisa que o mantinha firme, e ele não deixaria que nada o separasse dela.

— Estou contando com você, papai, — Emma disse, um brilho de confiança em seus olhos, fazendo o coração de Jim se aquecer novamente.

Enquanto a chuva continuava a tamborilar sobre o telhado da loja quebrada, a atmosfera leve começou a ser substituída por um silêncio inquietante. Jim percebeu que Emma estava mais quieta do que o habitual, seu sorriso se desvanecendo lentamente. Ele a observou brincar com a boneca por um momento, mas logo notou que ela estava se contorcendo levemente, como se algo estivesse incomodando-a.

— Emma? — ele perguntou, inclinando-se um pouco mais perto. — Você está bem, querida?

Ela olhou para ele, seus olhos brilhando com uma preocupação que não deveria estar lá.

— Papai, minha barriga... — começou a dizer, sua voz trêmula. — Está doendo de novo. O coração de Jim afundou.

— Onde dói, amor? — ele perguntou, tentando soar calmo, mas a preocupação estava estampada em seu rosto.

— Aqui, papai... — Emma apontou para a região do estômago, seu tom de voz baixo e hesitante. — E às vezes, eu sinto um mal-estar, como se tudo girasse.

— Oh, Emma... — ele murmurou, envolvendo-a em um abraço apertado. O toque dela era um misto de calor e fragilidade. Jim se esforçou para conter as lágrimas, determinado a ser forte para ela.

— É só um pouco, eu acho... — Emma disse, tentando minimizar sua dor, mas Jim conhecia sua filha o suficiente para saber que ela estava tentando ser corajosa.

— Vamos nos certificar de que você fique bem, está bem? — ele respondeu, mantendo a voz firme. Mas, por dentro, uma tempestade de incertezas e medos se formava.

— Não quero ficar assim, papai. — A voz dela era pequena, quase perdida. — Eu só quero ir para casa.

As palavras atingiram Jim como um golpe, e a ideia de que sua filha não poderia voltar a ser a criança saudável que ele conhecia o fez sentir um nó na garganta. Ele se lembrou de seus momentos juntos, do riso dela, da energia contagiante que uma vez preenchia cada canto de suas vidas.

— Nós vamos encontrar um jeito, Emma. — Ele disse, tentando ser otimista, mesmo quando a realidade parecia cada vez mais distante. — Logo vamos sair dessa cidade e tudo vai ficar bem. Eu prometo.

Emma balançou a cabeça levemente, mas os olhos dela estavam cheios de dúvidas. — Eu sinto que não estou bem...

A visão de sua filha, tão pálida e fragilizada, o cortou profundamente. Ele segurou a mão dela com firmeza, como se pudesse transferir um pouco de sua própria força e esperança para ela.

— O que posso fazer para você se sentir melhor? — perguntou, a voz embargada. — Quer que eu lhe conte mais histórias? Ou talvez devêssemos brincar de algo?

Ela sorriu levemente, mas a dor em seu rosto não desapareceu.

— Queria poder voltar a brincar... como antes.

A declaração de Emma fez seu coração apertar ainda mais. Ele não tinha certeza do que o futuro lhes reservava, mas uma coisa estava clara: eles não poderiam continuar vivendo naquele estado de incerteza. Jim se lembrou da carta que havia guardado na jaqueta, uma carta que refletia a esperança e a felicidade de tempos mais simples. Mas ele não poderia deixá-la ler. O peso da verdade que ela poderia descobrir o assombrava.

— Está tudo bem, amor, — ele disse, buscando conforto em suas palavras. — Estamos juntos, e isso é tudo que importa. Não importa o que aconteça, eu sempre estarei ao seu lado.

No fundo, a insegurança de Jim crescia a cada minuto. A imagem da filha doente o perseguia, como um espectro que se recusava a deixá-lo. Ele precisava encontrar ajuda. A tempestade rugia lá fora, as gotas de chuva tamborilando contra o vidro quebrado da loja abandonada. Jim observava a água escorrer pelas frestas, seu coração pesado com o peso da incerteza. Emma estava deitada sobre uma pilha de roupas velhas que ele havia improvisado como uma cama, seu rosto pálido contrastando com a escuridão ao redor.

Ele sentou-se ao lado dela, segurando a pequena mão em suas. A preocupação era palpável em cada linha de seu rosto. Emma tremia levemente, os olhos meio fechados, e a dor estava evidente em cada suspiro que ela soltava.

— Papai, — ela murmurou, sua voz fraca. — Estou com muito frio.

Jim puxou outra manta velha e a envolveu ao redor do corpo dela, tentando oferecer algum conforto. — Eu sei, querida. A tempestade vai passar logo, e nós vamos encontrar um lugar mais quente. Prometo.

Emma tentou sorrir, mas a dor era visível. — Você sempre diz isso...

Ele fechou os olhos por um momento, tentando afastar o desespero. Ele sabia que ela estava certa. Eles estavam sempre prometendo dias melhores que nunca pareciam chegar.

— Desta vez é diferente. Eu prometo.

– Capítulo Dezoito –

A Nova Esperança

A tempestade continuava, e o tempo parecia se arrastar. Cada minuto que passava era um lembrete cruel do estado debilitado de Emma. Ele precisava encontrar ajuda, mas a chuva intensa tornava impossível sair naquele momento. Se ele se arriscasse, poderia piorar ainda mais a situação de Emma.

Jim estava sentado com Emma no canto mais seguro que conseguiu encontrar na loja inundada. Enquanto a chuva caía intensamente do lado de fora, criando uma melodia melancólica contra o vidro quebrado, ele sabia que precisava fazer algo para confortar sua filha.

Emma se mexeu, tentando encontrar uma posição confortável, e olhou para seu pai com olhos cansados, mas ainda cheios de amor.

— Papai, você pode tocar a música da mamãe?

Jim sentiu um aperto no coração. Ele engoliu em seco, tentando afastar a emoção que ameaçava transbordar.

— Claro, querida — respondeu, com a voz ligeiramente trêmula. Ele se levantou e foi até sua mochila, procurando pelo velho violão. Ao encontrá-lo, passou a mão pela madeira desgastada, lembrando-se dos momentos felizes antes de tudo desmoronar.

Sentou-se de volta ao lado de Emma, ajustando o violão no colo. Suas lembranças o inundaram e ele ficou perdido na saudade.

Depois de algum tempo, Jim começou a tocar a música que Emma havia pedido. As cordas do violão, apesar de velhas, ainda produziam um som suave e nostálgico. Ele cantou baixinho, sua voz se misturando com o som da chuva.

"Seria igual, se eu te visse no paraíso? Eu devo ser forte, e seguir em frente Pois eu sei que não pertenço aqui no paraíso..."

Enquanto tocava, uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto. A música trazia de volta memórias de sua esposa, de uma vida que parecia tão distante agora. Ele olhou para Emma, vendo como ela estava frágil e como os seus olhos e sorriso lembravam a Sarah.

"O tempo pode te derrubar, o tempo pode te curvar O tempo pode partir seu coração, te fazendo implorar, te fazendo implorar..."

Emma sorriu levemente, seus olhos começando a fechar de novo, encontrando algum conforto na voz de seu pai e na melodia familiar. Jim continuou, sua voz ficando mais suave enquanto a emoção o dominava.

"Além da porta, há paz, eu tenho certeza E eu sei que não haverá mais lágrimas no paraíso..."

Quando terminou, ficou em silêncio por um momento, apenas ouvindo a respiração suave de Emma. Colocou o violão de lado e se deitou ao lado dela, envolvendo-a em seus braços.

— Eu te amo, Emma — sussurrou, beijando sua testa.

Ela se aconchegou mais perto dele, sentindo-se segura e amada, apesar de tudo. Jim sabia que não podia protegê-la de todo o mal que o mundo trazia, mas naquele momento, ele fez o possível para dar a ela um pouco de paz. O amor entre eles era a única coisa que a tempestade não podia levar.

A tempestade rugia lá fora, e Jim sabia que cada segundo era precioso. Emma precisava de um médico, precisava de algo mais do que ele podia oferecer naquele momento. A

culpa o consumia, cada batida do coração ecoando a sensação de impotência. Ele deveria ter encontrado ajuda antes. Ele deveria ter feito mais.

Emma se mexeu levemente, um gemido suave escapando de seus lábios. Jim se inclinou mais perto, os olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Estou aqui, querida. Papai está aqui.

Ela abriu os olhos, seu olhar cansado encontrando o dele.

— Estou com medo, papai. Tudo dói...

O coração de Jim quebrou um pouco mais. Ele a abraçou delicadamente, segurando-a como se pudesse protegê-la de toda a dor do mundo.

— Eu sei, Emma. Eu sei... Vamos sair dessa, juntos.

Ele ficou ali, ao lado dela, até que a tempestade começou a amainar. A urgência de encontrar ajuda não havia desaparecido, mas ele sabia que precisava esperar pelo momento certo. Sair na tempestade poderia ser fatal. Ele precisava ser paciente, mesmo que cada fibra de seu ser gritasse para ele agir imediatamente.

Quando a chuva finalmente começou a diminuir, Jim se levantou, seu corpo rígido de ficar tanto tempo imóvel. Ele olhou para Emma, que havia caído em um sono inquieto.

— Volto já, amor. — Ele sussurrou, cobrindo-a com cuidado antes de se levantar.

Ele precisava encontrar algo para ajudá-la, e a loja poderia ter alguns suprimentos que ele não havia notado antes. A dor em seus olhos era um lembrete constante de que ele estava correndo contra o tempo. Cada movimento era cauteloso, cada ruído amplificado pela tensão que sentia.

Jim percorreu os corredores inundados, cada passo uma mistura de esperança e medo. Ele sabia que o tempo estava se esgotando para Emma, e ele precisava fazer tudo ao seu alcance para salvá-la. A tempestade lá fora poderia ter diminuído, mas a tempestade dentro dele continuava a crescer, uma mistura de desespero, amor e determinação.

Enquanto vasculhava a loja em busca de algo útil, ele não conseguia afastar a imagem de Emma de sua mente. Ele prometeu a si mesmo que faria tudo o que fosse necessário para mantê-la segura. Eles estavam juntos nessa, e ele não deixaria que nada os separasse.

Jim avançou pelos corredores escuros da loja, seus sentidos em alerta máximo. Cada sombra parecia esconder um perigo potencial, mas ele não tinha outra escolha senão procurar algo, qualquer coisa, que pudesse ajudar Emma. Ele chegou ao fundo da loja, onde uma porta trancada chamou sua atenção. Com um esforço tremendo, ele forçou a porta a abrir-se, o que revelou uma sala empoeirada e mal iluminada.

Um cheiro nauseante invadiu suas narinas assim que a porta se abriu. O fedor era tão forte que quase o fez engasgar. Jim instintivamente cobriu o nariz e a boca com o braço, tentando filtrar o cheiro. Ele deu um passo hesitante para dentro da sala, os olhos ajustando-se à penumbra.

Foi quando ele o viu. Um "verme" estava preso lá dentro, sua pele pálida e fétida esticada sobre ossos quebradiços. O corpo da criatura estava coberto de feridas abertas e pus, com pedaços de carne pendendo de seu corpo em decomposição. O verme tinha olhos vazios e leitosos que pareciam fixar-se em Jim, e ele soltou um grunhido gutural ao perceber a presença dele.

O coração de Jim disparou. Ele sabia que qualquer barulho poderia atrair mais dessas criaturas e colocar Emma em perigo. Sem pensar duas vezes, ele avançou sobre o verme, determinado a eliminar a ameaça de forma rápida e silenciosa.

A luta que se seguiu foi brutal. Jim pegou uma barra de ferro enferrujada que estava no chão e a usou para desferir o primeiro golpe, esmagando a cabeça da criatura com um estalo horrível. Mas o verme era mais resistente do que ele esperava. Ele agarrou Jim com uma força inesperada, suas unhas longas e sujas arranhando a pele de Jim.

Jim gritou de dor e raiva, sua mente dominada por um instinto primal de sobrevivência. Ele largou a barra de ferro e atacou a criatura com as próprias mãos. Segurou o rosto do verme com força, usando toda a sua força para esmagar o crânio da criatura contra o chão sujo. O verme contorceu-se e lutou, mas Jim não cedeu. A cada golpe, o cheiro horrível de carne podre e sangue enchia o ar, mas Jim estava além de se importar com o cheiro. Ele esmagou a cabeça do verme repetidamente, sangue e massa encefálica espalhando-se pelo chão. Os gritos da criatura tornaram-se mais fracos até que, finalmente, cessaram. Jim, ofegante e coberto de suor e sangue, permaneceu ajoelhado ao lado do cadáver, sua respiração pesada preenchendo o silêncio mortal da sala.

A criatura estava morta. Jim se levantou após eliminar a criatura, os olhos fixos no chão ensanguentado enquanto tentava limpar as mãos sujas na camisa rasgada. O cheiro nauseante ainda estava no ar, mas ele precisava se concentrar no que era importante. Ao olhar ao redor da sala, um brilho em um canto chamou sua atenção. Ele se aproximou e viu uma mesa repleta de equipamentos enferrujados e quebrados, mas um rádio de comunicação ainda parecia em boas condições.

Seu coração disparou. Um rádio. Era uma chance. Ele precisava saber se havia outras pessoas sobrevivendo, se havia um lugar seguro para Emma. Ao se aproximar, ele notou uma pichação na parede próxima, uma cruz azul com um círculo em volta, quase completamente apagada. Jim ficou paralisado por um momento, lembrando-se do que a marca significava. Aquela era a marca da Nova Esperança, a facção do Dr. Harlow, conhecida por tentar curar as pessoas infectadas e restaurar a sociedade. A presença daquela marca, mesmo tão desgastada, reacendeu uma chama de esperança em seu peito. — Nova Esperança — murmurou para si mesmo, as palavras saindo como um sussurro. Ele começou a procurar freneticamente pelo rádio, seus dedos tremendo de ansiedade enquanto ligava o aparelho. O chiado característico encheu o ambiente, e ele girou a manivela, tentando encontrar um sinal. "Alô? Alguém me escuta?" Ele falou, sua voz tensa.

— Meu nome é Jim, estou com minha filha! Precisamos de ajuda, estamos em Portwood! O rádio emitiu apenas estática, mas Jim continuou girando a manivela, cada vez mais desesperado — Por favor, se você estiver ouvindo, responda! — As esperanças e os medos se misturavam dentro dele. O pensamento de Emma, do estado dela, do tempo que tinham, o fazia querer quebrar o rádio em frustração. Mas ele não podia desistir. Não agora. Finalmente, uma voz fragmentada surgiu do outro lado, e Jim quase não conseguia acreditar.

— Aqui é Nova Esperança... estamos... em segurança... precisamos... localização.

— Estamos em Portwood! — Jim gritou, sua voz ecoando na sala. — Minha filha está doente, muito doente! Por favor, precisamos de ajuda!

A estática retornou, e a voz desapareceu. Jim sentiu seu coração afundar. Ele se lembrou da pichação e do que significava. O rádio era uma conexão com a esperança que ele pensava ter perdido. Ele só precisava de um sinal, de um motivo para continuar lutando. Jim olhou uma última vez para o rádio, ainda emitindo estática. A esperança que sentira ao ouvir a voz de Nova Esperança se misturava agora com a realidade cruel da situação. Ele precisava manter Emma segura, mas cada segundo contava. O som da chuva tamborilava incessante contra o teto da loja, criando um ritmo implacável que ecoava em sua mente.

Ele se aproximou de Emma e a cobriu com um cobertor sujo encontrado atrás de um balcão. Suas mãos tremiam enquanto acariciava o rosto dela, tão pálido e frágil. Ele se sentou ao lado dela, observando seu sono agitado. A respiração dela estava pesada, e ele sabia que o tempo estava se esgotando.

— Eu estou aqui, Emma — ele sussurrou, tentando oferecer algum conforto, mesmo que as palavras parecessem vazias — Eu não vou deixar nada acontecer com você, prometo.

Enquanto a observava, os pensamentos de Jim vagavam para tempos mais felizes. Ele se lembrou do sorriso dela quando ganhara sua boneca de pano, da forma como seus olhos brilhavam com curiosidade e alegria. Mas agora, aquele brilho estava ofuscado pela doença que a consumia.

Jim se levantou, determinado a encontrar algo que pudesse ajudar. Ele foi até a sala dos fundos novamente, onde o cheiro do verme ainda impregnava o ar. O lugar estava repleto de destroços, mas ele começou a vasculhar meticulosamente, procurando qualquer coisa útil. Encontrou algumas latas de comida, uma garrafa de água quase vazia e alguns medicamentos que poderiam ajudar a aliviar a dor de Emma, embora soubesse que não seriam suficientes.

De repente, um ruído vindo do fundo da loja o alertou. Ele pegou sua arma, agora carregada com as munições recolhidas dos soldados mortos, e se moveu silenciosamente em direção ao som. O coração batia forte em seu peito enquanto avançava pelos corredores escuros e úmidos. Cada passo era cuidadoso, calculado, para não alertar qualquer ameaça potencial.

Ele chegou ao fundo da loja e viu uma porta entreaberta. Uma luz fraca escapava pela fresta, e Jim se aproximou lentamente. Ao empurrar a porta com cautela, ele viu que era o rádio que emitia os ruídos.

Jim se aproximou do rádio, a esperança se renovando. Ele ajustou o rádio mais uma vez, o coração batendo forte com a expectativa. Após alguns segundos de estática, uma voz finalmente respondeu, porém soava fria e desconfiada.

— Quem é? Identifique-se — a voz ordenou, firme e implacável.

— Meu nome é Jim. Estou com minha filha, Emma. Ela está muito doente, e precisamos de ajuda urgente — respondeu Jim, tentando transmitir a urgência e o desespero em sua voz.

A voz do outro lado hesitou, avaliando a situação.

— Como sei que você não é uma ameaça? Não podemos nos dar ao luxo de confiar em qualquer um.

— Por favor — implorou Jim — ela é apenas uma criança. Estamos sozinhos e precisamos de ajuda. Não temos tempo a perder.

Mais um momento de silêncio, então a voz voltou, ainda cautelosa.

— Muito bem, Jim. Vá até o prédio do hospital abandonado na rua principal. No terraço, há um heliponto. Estaremos lá com um helicóptero. Não tente nada estúpido. Se mova rápido, mas com cuidado. Boa sorte.

Jim desligou o rádio, sentindo uma mistura de alívio e tensão. Ele saiu da sala onde estava o rádio, o coração ainda batendo forte com a recente conversa. Enquanto caminhava pelos corredores escuros, viu algo que o fez parar bruscamente. Três saqueadores estavam perto de Emma, que ainda dormia profundamente em meio aos destroços.

Eles eram três: o líder, um homem corpulento com uma barba desgrenhada e olhos selvagens; um segundo, magro e nervoso, com cicatrizes no rosto; e o terceiro, um jovem alto com tatuagens por todo o corpo. Estavam armados com facas e pedaços de metal.

— Olha o que temos aqui — disse o líder, os olhos brilhando ao ver Emma dormindo. O tom de voz deles fez o sangue de Jim ferver.

— Não se movam — Jim rosnou, a voz baixa e ameaçadora.

Os saqueadores se viraram para ele, e o líder sorriu maliciosamente.

— Parece que o papai chegou. Você vai se arrepender de ter nos interrompido.

Jim encostou a porta da sala do rádio atrás de si, e se preparou para a batalha. Seus movimentos se tornaram rápidos e precisos, como os de um animal selvagem.

O primeiro saqueador se aproximou, mas Jim foi mais rápido. Com um movimento brusco, agarrou o homem pelo braço e o puxou para baixo, quebrando seu pescoço em um movimento seco. O corpo caiu no chão com um baque surdo.

O segundo saqueador tentou atacar com sua faca, mas Jim desviou, pegando um pedaço de tubo de metal do chão e o usando para acertar o homem na cabeça com tanta força que ele caiu, sangrando e desorientado. Jim não deu tempo para ele se recuperar; pisoteou o crânio do homem até ele parar de se mover.

O terceiro saqueador, o jovem tatuado, recuou por um momento, os olhos arregalados de medo. Mas a hesitação foi sua ruína. Jim o alcançou e, com uma força brutal, quebrou suas pernas. O jovem gritou de dor, tentando se arrastar para longe.

Jim se ajoelhou ao lado dele, o olhar frio e determinado.

— Eu estrangulei seu amigo. E agora você vai se juntar a ele — Com um movimento rápido e preciso, Jim golpeou o peito do jovem, quebrando suas costelas e perfurando um pulmão. O saqueador tentou respirar, mas o ar se recusava a entrar, e ele sufocou até a morte.

Jim ficou de pé, respirando pesadamente, o corpo coberto de sangue. A selvageria de seus atos o surpreendeu, mas não havia tempo para pensar nisso. Voltou para Emma, levantando-a nos braços com todo o cuidado.

— Vamos, pequena. Vamos sair daqui.

— Capítulo Vinte —

Encontrei o Dr. Harlow

Enquanto saía da loja, Emma se mexeu, acordando lentamente. Jim se esforçou para manter a calma e o foco, sabendo que qualquer movimento em falso poderia ser fatal para ambos. A chuva continuava a cair forte, encharcando-os enquanto Jim corria pelas ruas escuras e desertas de Portwood.

Jim apertou Emma contra o peito, sentindo o pequeno corpo dela tremer de frio e medo. Ele sabia que a chuva, apesar de incômoda, era sua aliada, escondendo seus passos e dificultando a visão dos inimigos. As ruas de Portwood eram um labirinto de destroços e escombros, cada esquina potencialmente abrigando perigo.

Enquanto avançavam, Jim teve que fazer uma pausa. O peso de Emma e a tensão constante estavam cobrando seu preço. Ele se encostou na parede de um edifício abandonado, ofegante, tentando recuperar o fôlego. Emma olhou para ele, os olhos grandes e preocupados.

— Pai, vamos conseguir chegar lá? — ela sussurrou, a voz trêmula.

Jim forçou um sorriso tranquilizador.

— Claro que vamos, meu amor. Só precisamos continuar nos movendo.

Eles continuaram a jornada, cada passo um esforço titânico. Jim sabia que não podia parar por muito tempo. Cada segundo em um lugar aumentava o risco de serem encontrados. Eles seguiram pelas vielas estreitas, evitando as ruas principais, onde os Vermes e outros perigos eram mais prováveis de aparecer.

A certa altura, ouviram vozes. Jim puxou Emma para um canto escuro, agachando-se atrás de uma pilha de entulho. Dois homens armados passaram conversando sobre um ataque recente a um posto militar. Jim segurou a respiração, esperando que eles passassem sem notá-los. Quando as vozes finalmente se afastaram, ele soltou o ar lentamente, sentindo o coração bater acelerado.

— Precisamos ser mais rápidos — murmurou para si mesmo, levantando-se e puxando Emma para continuar.

A cidade parecia um campo de batalha, com prédios desmoronados e carros abandonados em todas as direções. Jim conhecia o caminho para o hospital, mas as ruas bloqueadas e os perigos constantes o forçaram a fazer desvios frequentes. Ele olhava constantemente para Emma, sua preocupação aumentando. Cada tosse, cada gemido de cansaço dela era um lembrete cruel do tempo que estava contra eles.

Finalmente, avistaram o hospital ao longe, uma estrutura alta e desmoronada contra o horizonte escuro. Jim sabia que não seria fácil chegar lá. O hospital era um ponto estratégico e, provavelmente, bem guardado tanto por sobreviventes desesperados quanto por gangues armadas.

— Estamos quase lá, Emma — ele sussurrou, tentando infundir confiança tanto em sua voz quanto em seu coração — Só mais um pouco.

Conforme se aproximavam, ouviram tiros e gritos. Jim puxou Emma para trás de um carro queimado, tentando avaliar a situação. Viu um grupo de rebeldes em confronto com uma gangue local. Os tiros trovejavam no ar, fazendo Emma se encolher mais perto dele.

Jim sabia que atravessar a zona de combate seria suicídio, mas não tinha escolha. Ele precisava encontrar um caminho seguro para o hospital. Decidiu contornar o conflito,

mantendo-se nas sombras, esperando por uma brecha. A tensão era insuportável, cada segundo parecendo uma eternidade.

Finalmente, encontraram uma entrada lateral para o hospital. Jim empurrou a porta enferrujada, que rangeu alto, fazendo os dois se encolherem. Com cuidado, ele guiou Emma para dentro, fechando a porta atrás deles. O interior estava escuro e abandonado, cheirando a mofo e desespero. Eles precisavam subir até o telhado rapidamente, então Jim puxou Emma pelas escadas, os passos ecoando nos corredores vazios.

— Estamos quase lá, Emma — ele sussurrou, tentando infundir confiança tanto em sua voz quanto em seu coração. — Só mais um pouco.

Enquanto subiam, ouviram barulhos vindos de andar abaixo, a tensão aumentando a cada passo. Quando finalmente chegaram ao último andar, Jim empurrou a porta que dava para o terraço. O vento batia forte, trazendo uma mistura de chuva e adrenalina. Ele avistou o helicóptero ao longe, uma luz piscando que indicava que estavam a apenas alguns minutos de distância.

— Pai, eles estão chegando! — Emma exclamou, os olhos brilhando de esperança.

Jim olhou ao redor, procurando qualquer sinal de perigo. O terraço estava relativamente vazio, mas a cidade abaixo estava em caos. Os tiros ainda ecoavam nas ruas, e Jim sabia que não poderiam ficar ali por muito tempo.

— Fique perto de mim — ele ordenou, puxando Emma para mais perto enquanto se preparavam para sinalizar o helicóptero.

Com um movimento rápido, ele acenou a camiseta de Emma, criando um sinal com a esperança de que o piloto os visse. O helicóptero começou a mudar de direção, mas ao mesmo tempo, um grupo de homens armados apareceu no canto do telhado, suas silhuetas se destacando contra o céu nublado.

— Temos que nos esconder! — Jim gritou, puxando Emma atrás de uma parede de concreto. O coração dele disparou, enquanto os homens se aproximavam.

— Vamos, por favor, só mais um pouco — ele murmurou para Emma, a voz tremendo. Ele olhou para o helicóptero, que estava cada vez mais perto, e então para os homens armados, que estavam agora quase a um braço de distância.

A adrenalina disparou em seu corpo. Se eles quisessem escapar, precisavam agir rapidamente. Jim respirou fundo, reunindo coragem.

— Emma, você confia em mim? — Ele a olhou nos olhos, buscando um pouco de força.

— Sim, pai. Eu confio.

Com a respiração ofegante, Jim deslizou a mão para a cintura, onde seu revólver estava preso. O metal era frio e reconfortante contra sua pele. Ele puxou o tambor, contando as balas: apenas duas. Um fio de tensão percorreu sua espinha. Ele poderia eliminar os dois saqueadores, mas isso significava que ele teria que ser preciso. Um erro e tudo poderia acabar. Ele não poderia deixar que Emma visse a violência em toda a sua brutalidade.

— Emma — ele sussurrou — eu preciso que você fique aqui e se mantenha em silêncio, ok? Vou dar um jeito nisso.

Ela assentiu, seus olhos fixos no pai, buscando confiança naqueles instantes angustiantes. Jim se posicionou, observando a silhueta dos homens que se aproximavam. Eles estavam rindo, se gabando de alguma conquista, ignorando o que realmente estava em jogo.

Com um gesto decidido, Jim se moveu para a borda do telhado, buscando um ângulo que minimizasse sua exposição. Ele podia ouvir os homens discutindo sobre o que fariam com os que encontrassem, suas palavras repletas de desprezo e violência. O aperto em seu peito aumentou; essas pessoas eram o que o mundo havia se tornado, e ele não podia permitir que Emma se tornasse uma vítima desse novo normal.

Seus olhos se fixaram no primeiro homem, que estava mais próximo. Jim tomou uma respiração profunda, tentando manter a calma. Ele sabia que não podia hesitar. O primeiro

tiro precisava ser letal, e o segundo, um salvador. Ele mirou, o alvo claro em sua mente. A distância não era grande, mas a pressão do momento tornou tudo um teste de habilidade e concentração.

A primeira bala saiu como um sussurro mortal. O som foi abafado pelo barulho do helicóptero, e a precisão foi cirúrgica. A bala encontrou o alvo com um estalo, atingindo o homem na cabeça. Ele caiu instantaneamente, o corpo colapsando como uma marionete com as cordas cortadas, o sangue espirrando na parede atrás dele.

O segundo homem, surpreso pelo que acabara de acontecer, girou rapidamente em direção a Jim, mas não havia tempo para medo. Jim já estava focado novamente, movendo a mira com calma e certeza. Ele não podia errar.

Com o coração acelerado, puxou o gatilho mais uma vez. O impacto foi tão rápido que quase não houve tempo para pensar. A bala encontrou o segundo homem da mesma forma que a primeira, atingindo sua cabeça e deixando-o também sem vida. Ele caiu, a expressão congelada em um misto de surpresa e terror, a cabeça virando em um ângulo grotesco.

O silêncio tomou conta do telhado. Jim estava em choque, a adrenalina pulsando em suas veias enquanto observava os corpos. A visão do sangue e da morte era a realidade que ele não podia ignorar, mas ele também sabia que tinha feito o que precisava para proteger Emma.

Com as vozes e o caos da cidade ao fundo, Jim se virou para Emma, que o observava com uma mistura de assombro e temor. Ele viu que ela estava bem, e isso foi um alívio momentâneo. Ele não queria que ela carregasse essa carga, mas a verdade era que aquele mundo exigia que eles fossem fortes.

— Vamos, Emma. É agora — ele disse, chamando-a para se mover. Eles se apressaram em direção à borda do telhado, onde o helicóptero já estava descendo, a luz piscando mais perto. Jim sentiu a esperança crescendo em seu peito enquanto se preparavam para o resgate.

O som do helicóptero se aproximando ecoava na sua mente, um farol de esperança em meio ao caos. Mas a sensação de alívio foi rapidamente ofuscada por uma nova onda de tensão. Uma equipe de soldados desceu com precisão militar, seus rostos cobertos por máscaras e as armas posicionadas com frieza.

— ABAIXA! — Um dos soldados gritou, apontando a arma para Jim. O tom era rígido, sem espaço para discussão.

Jim hesitou, uma onda de confusão e desespero atravessando seu corpo.

— Espere! Minha filha está com — Ele começou, mas antes que pudesse terminar, um golpe de coronha o atingiu no lado da cabeça, fazendo-o se curvar instantaneamente.

— Cala a boca e se abaixa! — O soldado rosou, seus olhos frios como aço. Jim se jogou no chão, a dor pulsando enquanto tentava manter a consciência. Ele precisava permanecer alerta; Emma estava a poucos passos de distância, sendo guiada para o helicóptero.

Os outros soldados começaram a revistá-lo com um toque brutal, suas mãos se movendo com eficiência enquanto Jim sentia o pânico crescer. Ele precisava proteger Emma, precisava garantir que ela estivesse a salvo.

— Por favor! Minha filha, eu tenho que levá-la ao Dr. Harlow! — Jim implorou, tentando se levantar, mas um soldado o empurrou de volta, forçando-o a permanecer no chão.

— Você não está no comando aqui, civil — um dos soldados respondeu, a voz implacável.

— Siga as ordens, ou vai se arrepender.

— Ela precisa de ajuda! — Jim quase gritou, a urgência em sua voz ecoando no telhado.

— Você não entende? A minha filha... ela está doente!

Os soldados se entreolharam, alguns hesitando enquanto observavam Emma sendo levada, os olhos dela se arregalando de medo e confusão. Jim se forçou a manter a calma, mesmo que o desespero o estivesse consumindo.

— É só uma menina — disse um dos soldados, o tom mudando levemente, como se a inocência de Emma tivesse um impacto inesperado. — O que você quer com o Dr. Harlow?

— Ele pode salvá-la — Jim disse, engolindo em seco, tentando controlar a emoção que ameaçava transbordar. — Por favor, ela precisa de tratamento. Não posso deixá-la aqui! Após um tenso momento de silêncio, o líder da equipe, um homem alto com cicatrizes que contavam histórias de batalhas passadas, ponderou a situação. Ele olhou para Emma, que estava agora a poucos passos do helicóptero, sua pequena figura parecendo vulnerável sob os olhares atentos dos soldados.

— Se você não estiver mentindo, pode subir. Mas se tentar qualquer coisa — O soldado não completou a frase, mas o aviso pairou no ar como uma sombra.

Jim assentiu, sem vontade de arriscar. Ele levantou-se lentamente, suas mãos visíveis enquanto se dirigia para o helicóptero.

— Obrigado — ele murmurou, sua voz baixa e cheia de gratidão.

Com cada passo em direção à filha, o peso das dificuldades que enfrentara parecia um pouco mais leve. Ele se aproximou de Emma, que estava de pé perto da porta do helicóptero, sua expressão ainda uma mistura de medo e esperança.

— Estou aqui, Emma. Vamos sair daqui — ele disse, envolvendo-a em um abraço apertado antes de ambos subirem no helicóptero. A sensação de segurança, mesmo que temporária, trouxe uma onda de alívio.

Os soldados estavam atentos, prontos para agir, mas naquele momento, Jim e Emma estavam juntos, prontos para deixar para trás o horror de Portwood. O helicóptero começou a decolar, e enquanto a cidade se afastava sob a chuva, Jim se prometeu que faria tudo para que a vida deles nunca mais fosse ameaçada.

O helicóptero cortava os céus cinzentos enquanto se aproximava das Montanhas Rochosas de Montana. A paisagem era um contraste impressionante com a desolação de Portwood — majestosos picos cobertos de neve e florestas densas se erguiam em direção ao céu, como guardiões de um mundo que ainda poderia ter esperanças.

Jim olhou pela janela, maravilhado pela beleza que os cercava, mas sua admiração foi rapidamente ofuscada pela preocupação que se acumulava em seu peito. Ele se virou para Emma, que estava ao seu lado, seus olhos brilhando com uma mistura de alívio e medo. Mas quando ele olhou para ela, o que viu o deixou em choque: Emma estava se debatendo em seu assento, os olhos arregalados, o rosto pálido e coberto de suor.

— Emma! — Jim exclamou, a voz cheia de pânico. Ele agarrou a mão dela, mas Emma não parecia perceber, lutando contra algo invisível que a estava consumindo.

Os soldados à sua volta também notaram a mudança repentina, seus rostos endurecendo.

— Piloto, estamos enfrentando uma emergência a bordo! — gritou um dos soldados, tentando manter a calma em meio ao caos crescente.

— Prepare-se para pouso imediato!

— Não, não, Emma, calma! — Jim disse, sua voz tremendo enquanto olhava fixamente para a filha. A luta dela se intensificava, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ela soltava sons estrangulados, um eco de desespero que fazia o coração de Jim afundar.

— Dr. Harlow! — Um dos soldados estava gritando pelo rádio, a voz cortante enquanto o helicóptero se aproximava rapidamente da base militarizada que se erguia entre as montanhas. A estrutura era imponente, cercada por cercas altas e torres de vigilância, com caminhões militares e soldados em prontidão. Era um mundo à parte do que eles haviam deixado para trás, um santuário de esperança em meio ao desespero.

— Emma, eu estou aqui! Olha para mim! — Jim tentou puxá-la para mais perto, mas ela estava em um estado de agitação, os olhos vidrados em algo que apenas ela parecia ver.

Ele podia sentir a adrenalina correndo em suas veias, a sensação de impotência tomando conta.

— Segure-se! Estamos quase pousando! — o piloto gritou, manobrando o helicóptero para uma descida abrupta. A máquina tremia, e Jim teve que se agarrar ao assento, seu corpo todo em alerta.

— Por favor, não! Emma, você precisa respirar!” Jim gritou, tentando acalmá-la. O barulho do helicóptero e a tensão no ar eram quase insuportáveis.

Finalmente, o helicóptero tocou o chão com um impacto forte, e Jim imediatamente se virou para o soldado mais próximo.

— Ajude-a! Ela precisa de ajuda agora! — A urgência em sua voz cortava o barulho do motor.

Os soldados se moveram rapidamente, abrindo as portas do helicóptero enquanto Jim se esforçava para tirar Emma de dentro. O pânico ainda dominava o olhar dela, e ele sentiu seu coração se despedaçar ao ver a filha tão perdida.

Assim que Emma foi puxada para fora, um grupo de médicos da base correu em direção a eles, com jalecos brancos e expressão séria.

— Aqui! Aqui! — um deles gritou, e Jim se viu sendo separado de Emma enquanto a levavam para uma maca.

— Não! Emma! — Jim gritou, estendendo a mão, mas as ordens e a urgência do momento o empurraram para trás. — Eu preciso estar com ela! Eu preciso ir com ela!

— Senhor, precisamos cuidar dela! — um médico respondeu, a voz firme, mas compreensiva. Jim estava paralisado, a visão turva de preocupação. Ele assistiu enquanto Emma era levada, sua pequena figura sendo cercada por estranhos. O desespero crescia dentro dele, a sensação de que o mundo estava desmoronando novamente.

— Dr. Harlow! — Jim chamou, desesperado, tentando seguir o grupo. — Ela precisa dele! Por favor!

O médico parou por um momento, encarando Jim com seriedade. — Aguarde aqui, faremos tudo que pudermos. — Ele não tinha tempo para mais palavras, e Jim se viu em uma luta entre a esperança e o medo. Ele estava tão perto de salvá-la, mas o que isso significava se não conseguisse chegar a tempo?

As portas do edifício se abriram, e Jim viu Emma sendo levada para dentro, seus olhos se encontrando por um breve instante antes que ela desaparecesse atrás das portas. Ele se apoiou contra a parede, o corpo tremendo de adrenalina e ansiedade, enquanto o peso da incerteza se estabelecia em seu coração.

— Ela vai ficar bem, certo? — um dos soldados ao lado dele disse, tentando oferecer conforto. Mas as palavras não significavam nada no momento. Jim precisava de ação, de respostas, de saber que Emma estava segura.

— Por favor, façam algo — ele murmurou, a voz quebrada, enquanto se sentava na calçada, observando as portas fechadas, a esperança se esvaindo com cada segundo que passava. Ele não podia perder a única coisa que lhe dava razão para lutar.

Enquanto Jim se mantinha na calçada, paralisado pela preocupação, um soldado mais jovem se aproximou, sua expressão um pouco menos dura que a dos outros. — Ei, calma aí — ele disse, colocando a mão no ombro de Jim. — Vamos entrar na base. É mais seguro aqui.

Jim olhou para o soldado, seus olhos cheios de apreensão. — Minha filha... ela precisa de ajuda. O Dr. Harlow... ele pode salvá-la.

— Eu sei que está difícil, mas eles estão cuidando dela agora — o soldado insistiu,

puxando Jim gentilmente para dentro da base. — Vamos nos afastar do barulho, ok? Ficar aqui só vai te deixar mais nervoso.

A caminhada pela base era um misto de desesperança e um pouco de conforto. As paredes eram robustas, e o som da atividade militar ao redor oferecia um tipo de segurança. Jim tentou se concentrar no ambiente, tentando encontrar um ponto de anclagem em meio ao turbilhão de emoções.

— Qual é o seu nome? — Jim perguntou, tentando quebrar o silêncio pesado.

— Chad — o soldado respondeu, olhando de relance para Jim antes de direcionar seu olhar para a frente. — E você?

— Jim — ele respondeu, a voz ainda trêmula. — Obrigado por me ajudar.

— Sem problemas — Chad disse, forçando um sorriso. — Todos nós estamos no mesmo barco, de certa forma.

A conversa parecia ajudar a desviar a atenção de Jim, mesmo que por um momento. —

Você tem família? — Jim perguntou, buscando um fio de normalidade na conversa.

— Sim — Chad respondeu, o sorriso desaparecendo lentamente. — Uma filha. Ela tem oito anos.

— E onde ela está? — Jim sentiu um nó na garganta, a conexão com a realidade se intensificando.

Chad hesitou, o olhar distante. — Com o Criador, eu acho... Não sei se ainda acredito nessas coisas — ele disse, a voz carregada de tristeza. — A última vez que a vi foi há alguns meses. Ela estava com a mãe.

Sorrindo um pouco, Jim percebeu que o soldado também lutava com suas próprias perdas. — Sinto muito — ele murmurou. — Não deve ser fácil.

— Não é — Chad admitiu, passando a mão pelo rosto. — Mas, você sabe, a vida... a gente acaba se acostumando, ou tentando. Fui criado para acreditar que existe um propósito. Mas a cada dia que passa, é como se tudo isso fosse um pesadelo sem fim.

— Eu passei minha vida me perguntando se há um Criador — Jim disse, pensando em todas as noites que havia passado em reflexão. — Mas, com o que passei... acho que sim, há um Criador. Porque, mesmo em meio a todo esse horror, ainda existe amor. O amor que sinto pela Emma, pela minha filha... é como um lembrete de que algo bom ainda existe.

Os olhos de Chad se iluminaram por um breve momento, e ele assentiu. — Você tem razão. Às vezes, é tudo o que nos resta, a esperança nas pequenas coisas. Sua filha parece ser seu tudo.

— Ela é — Jim afirmou, seu coração apertando. — E eu não posso deixá-la ir embora.

Chad parou e olhou nos olhos de Jim, a seriedade na expressão dele fazendo o peso da situação se tornar palpável. — Fique firme, Jim. Você a encontrará. Você vai fazer tudo o que puder para salvá-la, e isso é o que importa. Esse amor é o que nos mantém vivos. Nesse momento, o soldado parecia não apenas um companheiro, mas um aliado em sua luta. E enquanto esperavam, a conexão entre eles era um lembrete de que, mesmo em tempos sombrios, ainda havia espaço para a humanidade e a compaixão.

— Vamos esperar juntos — Jim disse, sentindo uma nova onda de determinação. — Ela precisa de mim. E eu não vou deixá-la ir embora sem lutar.

Chad sorriu, um pequeno gesto de encorajamento, enquanto ambos se preparavam para o que estava por vir. A luta estava longe de terminar, mas eles ainda tinham um ao outro — e essa, talvez, fosse a verdadeira força em meio ao caos.

As horas se arrastavam como se fossem dias. Jim estava sentado em um canto, perdido em seus pensamentos, enquanto a espera se tornava uma tortura insuportável. Ele olhava para o chão, os pensamentos turvos e confusos, tentando encontrar um sentido para a situação. O relógio na parede parecia zombar dele, cada segundo se arrastando como um lembrete cruel de que o tempo estava passando, e Emma estava em perigo. Finalmente, o silêncio foi quebrado por passos firmes. Um homem alto entrou, suas feições marcadas pelo tempo e pelas experiências, a pele enrugada como um mapa de uma vida longa e difícil. O cabelo grisalho estava bagunçado, e seus olhos azuis refletiam uma sabedoria que só poderia vir de anos enfrentando a dor e a perda.

— Jim? — O médico perguntou, a voz grave e autoritária, mas não sem uma pitada de empatia.

Jim levantou a cabeça, o coração acelerando. — Sim — ele respondeu, sem saber ao certo quem era aquele homem, mas sentindo que algo terrível estava prestes a acontecer.

— Eu sou o Dr. Harlow — o médico se apresentou, fazendo um gesto convidativo. — Precisamos conversar. Siga-me, por favor.

O desespero tomou conta de Jim. — Onde está Emma? O que está acontecendo com ela?

— A cada palavra, sua ansiedade aumentava, como se cada pergunta fosse um fardo mais pesado a ser carregado.

Dr. Harlow hesitou por um momento, seu olhar profundo e compreensivo, mas o tom firme que adotou não deixava espaço para delongas. — Por favor, Jim. Vamos para um lugar mais reservado.

Jim seguiu o médico pelo corredor, cada passo pesado com a incerteza do que estava por vir. A mente dele corria, imaginando o pior. O coração batia forte no peito, e ele tentou não pensar em Emma, não agora. Não quando tinha que ouvir o que aquele homem tinha a dizer.

Chegaram a uma sala pequena e fria. Dr. Harlow fechou a porta atrás deles e então se virou, encarando Jim com seriedade. — Eu não quero que você tenha falsas esperanças. O estado da sua filha... é grave.

— Grave? — Jim repetiu, a palavra saindo como um sussurro desesperado. — O que você quer dizer com grave? O que está acontecendo com ela?

— Ela está em estágio terminal — Dr. Harlow disse, a voz calma, mas inflexível. — Ela tem câncer, Jim. E agora, ela só está viva por causa dos aparelhos. A melhor opção para ela, acredite em mim, é desligá-los. O sofrimento dela só vai aumentar. Não há nada que possamos fazer.

A mente de Jim parou. As palavras ressoavam em seu cérebro como um eco devastador. Ele não queria ouvir isso, não queria acreditar. — Não... você não pode dizer isso. Há algo que você pode fazer! Por favor! — A voz dele se elevava, quase em desespero.

O médico observou Jim, seu olhar profundo e compenetrado, mas não havia um centavo de compaixão em suas palavras. — Você precisa ser realista. O câncer dela está em um estado avançado. Já não há mais nada que possamos fazer a não ser prolongar o sofrimento.

Em um ato automático, Jim sacou o revólver que sempre carregava, a sensação fria do metal contrastando com o calor da raiva e da dor que o consumiam. — Não! Eu não vou deixar que você faça isso! — gritou, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

O médico não se moveu, mantendo a postura firme, mas os olhos dele brilharam com um entendimento sombrio. — Jim, você precisa entender. Isso não é a solução. Não para você, nem para ela.

— E quem você é para decidir o que é certo? — Jim rosnou, a voz tremendo de fúria. — Você não sabe o que é ter uma filha! Você não sabe o que é perder alguém que ama!

— Eu sei — Dr. Harlow respondeu, o olhar fixo no homem à sua frente. — E é exatamente por isso que estou aqui. Para ajudá-lo a entender que há um caminho a seguir, que não envolve acabar com a vida dela, mas sim deixá-la partir em paz.

A tensão no ar era palpável, e Jim se viu dividido entre a raiva e a dor, entre o desejo de proteger sua filha e a realidade cruel que enfrentava. O revólver tremia em suas mãos, a luta interna refletindo na expressão contorcida de seu rosto.

— Eu não vou deixá-la ir... — ele sussurrou, a voz falhando.

Dr. Harlow se aproximou lentamente, as mãos levantadas em sinal de paz. — Jim, ouça. Você não pode impedi-la de partir. Ela não está mais aqui, não do jeito que você a conhecia. O que você está fazendo só vai prolongar o sofrimento dela. E isso, acredite, não é amor.

— O que eu faço? O que eu faço? — Jim balbuciou, sentindo que o chão estava se abrindo sob seus pés.

— Dê a ela o que ela realmente precisa: liberdade. Ajude-a a partir, e você encontrará um caminho para curar seu próprio coração.

Com a respiração acelerada, Jim baixou lentamente o revólver, a mente girando em um ciclo de confusão e dor. Ele se viu em um abismo, a escolha diante dele tão clara e, ao mesmo tempo, tão sombria.

— Eu não sei se posso fazer isso — ele murmurou, os olhos cheios de lágrimas.

— Você pode — Dr. Harlow disse, a voz baixa e tranquilizadora.

— Eu... não sei... — Jim murmurou, a realidade começando a se estabelecer em seu coração. A dor era quase insuportável. Ele olhou para Dr. Harlow, um homem que já havia visto tanto sofrimento, e se deu conta de que estava em um beco sem saída. — Eu só quero que ela fique bem.

— E ela não ficará. Não do jeito que você deseja — Dr. Harlow disse suavemente, a compaixão começando a romper a armadura de seu profissionalismo. — Você precisa decidir se quer que ela parta com dignidade ou se a deixará continuar a lutar contra algo que não pode ser vencido.

As lágrimas deslizavam pelo rosto de Jim, e ele percebeu que a escolha estava em suas mãos. Mas como poderia escolher? Como poderia decidir o destino da sua única filha? Ele se sentiu perdido, um pai impotente diante da dor.

O médico guiou Jim através dos corredores frios e brancos da base militar, cada passo pesado com o peso da incerteza. O ambiente era austero, com soldados e cientistas passando apressadamente, todos imersos em suas tarefas, como se o mundo exterior não existisse. Jim não conseguia tirar da cabeça a imagem de Emma, cada pensamento sendo um lembrete doloroso de que a vida da sua filha estava pendurada em um fio.

— Ela está aqui — Dr. Harlow disse, levando-o a uma sala no fundo do corredor. As portas eram duplas e pesadas, com um visor de vidro que permitia uma visão limitada do que estava acontecendo lá dentro. Ao se aproximar, Jim sentiu seu coração acelerar. A ansiedade se transformou em uma sensação de frio na barriga. Ele só queria ver Emma, mas ao mesmo tempo, temia o que encontraria.

— Jim, respire fundo — o médico orientou, mas as palavras mal penetraram a confusão da mente de Jim. — Ela está sendo monitorada. Você pode entrar agora.

Assim que Dr. Harlow abriu a porta, Jim observou a pequena figura de Emma deitada na cama improvisada, cercada por máquinas antigas e mal conservadas, que ainda conseguiam funcionar por algum milagre. A luz fraca da lâmpada oscilava, lançando sombras que pareciam dançar ao redor da sala. O ar estava pesado, carregado com o cheiro de desinfetante e uma pontada de algo mais metálico e dolorosamente familiar—o cheiro da morte, sempre presente nessas UTIs improvisadas.

Emma respirava com dificuldade, cada inspiração e expiração parecendo um esforço monumental. Seu rosto estava pálido, as bochechas antes rosadas agora encovadas, e seus olhos, que antes brilhavam de vida, agora pareciam tão cansados, quase apagados. Mesmo assim, ela olhou para o pai com aquele sorriso que sempre trazia um pouco de luz para os momentos mais sombrios.

Jim se aproximou lentamente, sentindo o peso de cada passo, como se a gravidade estivesse tentando puxá-lo para baixo, para longe dela. Ele se sentou ao lado da cama, pegando a mão frágil de Emma entre as suas. A pele dela estava fria, tão fria que fez seu coração doer ainda mais.

— Como você está se sentindo, princesa? — Jim perguntou, sua voz baixa e carregada de preocupação. Ele já sabia a resposta, mas precisava ouvir dela, precisava daquele momento de conexão, mesmo que fosse breve.

— Estou cansada, papai. — A voz de Emma era um sussurro, cada palavra parecia drená-la de forças. — Cansada de tudo isso... de sentir dor o tempo todo.

Jim sentiu um nó se formar em sua garganta, sua mão tremendo ligeiramente enquanto acariciava o cabelo dela, que agora estava ralo e fraco. — Eu sei, querida... eu sei. — As palavras saíram quase inaudíveis, como se ele tivesse medo de que qualquer coisa mais alta pudesse quebrá-la.

Houve um longo silêncio, interrompido apenas pelo som irregular das máquinas que mantinham Emma viva. Jim não conseguia olhar diretamente para ela, porque sabia que, se o fizesse, não conseguiria esconder as lágrimas que estavam começando a se formar em seus olhos.

Emma fechou os olhos, deixando-se levar pela música que ecoava em sua mente. Um pequeno sorriso se formou em seus lábios, o tipo de sorriso que Jim sabia que ela só fazia quando estava realmente em paz. Ela sussurrou ao final da música, suas palavras quase se perdendo no ar. — Papai... você vai ficar muito triste... se eu... se eu for embora?

Jim parou de tocar, a pergunta de Emma o atingindo como um soco no estômago. Ele olhou para ela, seus olhos agora cheios de lágrimas que ele não conseguia mais segurar. — Emma... — Ele começou, mas a voz falhou. Como ele poderia responder a isso? Como ele poderia dizer a ela que a ideia de perdê-la era insuportável, que ele não sabia como seguiria em frente sem ela?

Emma abriu os olhos, olhando diretamente para o pai, sua expressão era uma mistura de inocência e uma sabedoria triste que ele desejava que ela nunca tivesse conhecido. — Eu não aguento mais, papai... está doendo demais. — Ela apertou a mão dele com uma força surpreendente, como se estivesse tentando transmitir toda a dor que sentia.

Jim abaixou a cabeça, os ombros tremendo com o peso das lágrimas que agora corriam livremente por seu rosto. — Eu... eu sei, querida... eu daria qualquer coisa para tirar essa dor de você.

Ela olhou para ele com uma expressão de súplica que fez o coração de Jim quase parar. — Por favor, papai... por favor... você pode... desligar as máquinas? Eu só quero descansar... eu só quero que a dor acabe.

Jim sentiu seu coração se despedaçar ao ouvir aquelas palavras. Ele olhou para as máquinas que mantinham sua filha viva, cada uma delas um fio tênue que a ligava a este mundo. Como ele poderia fazer isso? Como ele poderia tomar uma decisão tão devastadora?

Jim olhou para Emma, seu coração se partindo em mil pedaços ao ouvir o pedido agonizante dela. As palavras dela eram como lâminas afiadas, cortando a frágil linha entre o amor paternal e a dor insuportável que ele não conseguia suportar. Ele queria gritar, queria se recusar a aceitar que sua pequena, sua luz, estava tão próxima de se apagar. Mas o desespero nos olhos dela, aquele brilho que sempre foi tão vibrante, agora estava se apagando, e ele sabia que não poderia ignorar mais.

— Por favor, papai... — Emma suplicou, e cada palavra saía de seus lábios como se custasse um pedaço de sua vida. — Você pode... desligar as máquinas? Eu só quero descansar... eu só quero que a dor acabe.

A mente de Jim foi invadida por memórias, cada uma delas uma facada em seu peito. Ele se lembrou do dia em que Emma nasceu, um dia que deveria ser de alegria e celebração, mas que rapidamente se transformou em um pesadelo. O mundo estava em caos, e enquanto a vida dela começava, a epidemia do vírus se espalhava, levando embora tudo o que conheciam. Ele se lembrou de como segurou Emma em seus braços pela primeira vez, o medo e a esperança lutando dentro dele, e de como ele prometeu que a protegeria a qualquer custo. Agora, essa promessa parecia estar além de seu alcance.

— Emma... eu não posso... — Ele balançou a cabeça, a voz cheia de desespero. — Eu não posso fazer isso... você é tudo o que eu tenho. Eu não posso te perder.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Emma, misturando-se com o suor que brilhava em sua testa. Ela soluçou, seu corpo tremendo de fraqueza e dor. Jim viu a pequena mão dela se contorcer, tentando apertar a dele, mas a fraqueza a estava derrotando. Ele se lembrou de como lutaram juntos durante a epidemia, como tentaram sobreviver em um mundo em ruínas. Lembranças de noites em que ela se aninhava ao seu lado, ambos ouvindo sons estranhos e temerosos, ele contando histórias de tempos mais simples para afastar o medo. Agora, ela estava pedindo para desistir, e ele era o responsável por sua dor.

— Papai... por favor... eu não aguento mais... por favor... me deixa ir... — A súplica na voz dela era devastadora, e cada palavra soava como uma condenação para Jim. Ele se lembrou de todas as vezes que ela sorria para ele, mesmo quando o mundo ao seu redor desmoronava, e de como ele sempre tentava ser forte por ela.

Ele fechou os olhos, sua mente cheia de lembranças que pareciam querer consumi-lo. Ele queria gritar, queria lutar contra a maré de dor que invadia sua alma. Ele queria ser o pai que Emma precisava, mas a visão dela, tão frágil e tão perto do fim, estava quebrando qualquer esperança que ainda restava.

Como ele poderia olhar para ela e dizer que tinha que deixá-la ir? Aquela garotinha, que havia trazido tanta alegria para sua vida, agora estava tão perto de partir. Ele se lembrou do brilho nos olhos dela quando ela viu um arco-íris pela primeira vez, mesmo sob o céu cinza que cercava suas vidas. Aquela era uma das raras vezes em que ele viu um sorriso verdadeiro em seu rosto durante os dias sombrios da epidemia. Como ele poderia permitir que tudo isso se acabasse?

— Emma... eu não sei se consigo... — Ele murmurou, a voz falhando enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele olhou para as máquinas ao redor, cada uma um símbolo do que restava da vida dela, cada bip um lembrete do tempo que estava se esgotando. Como ele poderia escolher entre a vida e a dor?

Ele queria dizer que tudo ficaria bem, que ela era forte o suficiente para lutar, que haveria dias melhores pela frente. Mas como poderia prometer isso quando o próprio mundo estava desmoronando ao seu redor? Jim se sentiu como se estivesse sendo rasgado ao meio, o amor que sentia por ela e a dor que ela estava enfrentando se chocando de forma cruel.

— Você é tudo o que eu tenho, Emma... — ele repetiu, mas suas palavras eram agora apenas um eco distante, uma tentativa desesperada de encontrar sentido em tudo isso. Ele se lembrou de todos os sonhos que tinham compartilhado, de todos os planos que haviam feito antes do vírus, e como tudo isso estava se desintegrando diante de seus olhos. Jim queria gritar, queria implorar ao universo que lhe desse mais tempo, mais oportunidades. Ele queria que a vida fosse mais justa, que o sofrimento não estivesse em seu caminho. Como ele poderia se despedir da única luz que iluminava sua vida? Como ele poderia deixar ir a menina que sempre foi sua razão de viver? Jim sentiu que seu coração estava se quebrando, cada batida se tornando mais dolorosa que a anterior, enquanto ele se encontrava preso entre o amor e a dor, incapaz de tomar a decisão que mudaria tudo para sempre.

Mas o olhar dela, a tristeza que irradiava de sua pequena figura, era tudo o que ele precisava para saber que a dor dela precisava acabar. E, por um breve momento, ele considerou a possibilidade de que, talvez, deixar ir fosse o maior ato de amor que ele poderia oferecer.

Ele fechou os olhos, sentindo-se como se estivesse sendo rasgado ao meio. Ele queria tanto dizer não, mantê-la com ele por mais um momento, por mais uma hora, por mais um dia. Mas ao olhar para Emma, ele sabia que isso não era mais sobre ele. Era sobre ela, sobre seu sofrimento, sobre seu desejo de encontrar paz.

Com a mão trêmula, Jim se levantou, caminhando até as máquinas. Ele hesitou por um longo momento, cada segundo passando como uma eternidade. Seu coração estava em pedaços, sua alma gritando para não fazer isso. Mas ele sabia que, às vezes, o maior ato de amor é deixar ir.

Ele olhou para Emma uma última vez, vendo o alívio e a gratidão em seus olhos, mesmo através das lágrimas. Com um gesto final, Jim desligou as máquinas. O som dos bipes diminuiu, até que a sala ficou em um silêncio ensurdecedor.

Jim correu de volta para o lado de Emma, segurando sua mão com força, como se pudesse prendê-la a este mundo por um pouco mais de tempo. Ele observou enquanto a vida lentamente se esvaía de seus olhos, o brilho se apagando como uma vela ao vento.

— Eu te amo, Emma... eu sempre te amarei... — As palavras saíram entre soluços, e ele se inclinou para beijar sua testa uma última vez.

Emma sorriu levemente, a expressão tranquila, livre da dor que a havia atormentado por tanto tempo.

— Eu te amo, papai... — Ela sussurrou, antes de seu corpo relaxar completamente, seu último suspiro se dissipando no ar.

Jim ficou ali, segurando a mão dela, incapaz de soltar, incapaz de acreditar que ela realmente se foi. O silêncio na sala era esmagador, e ele se sentiu completamente vazio, como se o mundo ao redor tivesse desaparecido, deixando apenas um abismo sem fim.

Finalmente, com uma respiração trêmula, Jim se forçou a se levantar. Seus olhos estavam turvos, não só pelas lágrimas, mas pela angústia que o consumia. Ao olhar ao redor, sua visão foi atraída pela silhueta familiar do velho violão encostado na parede. Ele hesitou, sentindo o peso de cada memória que aquele instrumento carregava, mas algo dentro dele o obrigou a pegá-lo.

Com uma fraqueza que refletia a dor em seu coração, ele estendeu a mão e envolveu os dedos no pescoço do violão. Sentando-se novamente ao lado de Emma, Jim começou a tocar. As notas soavam dolorosamente familiares, preenchendo o silêncio da sala com a melodia que ele tocara tantas vezes para sua filha, a mesma canção que havia embalado Sarah quando ela carregava Emma em seu ventre. Cada acorde era um golpe no coração, mas ele continuou tocando, como se aquela música fosse a única coisa que ainda o conectava ao que restava de sua família.

As horas passaram, e a melodia flutuava no ar como um lamento. A luz da lamparina que os iluminava começou a vacilar, piscando e ameaçando apagar. O silêncio se tornou espesso, como uma presença palpável na sala, e, por um breve momento, tudo pareceu suspenso no tempo. Então, a luz da lamparina se extinguiu, mergulhando Jim e Emma na escuridão.

De repente, o silêncio foi rompido.

— Ele está aqui! — uma voz determinada ecoou na escuridão.

E tiros ecoaram.